



**POLITÉCNICO
DE LEIRIA**

ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
E CIÊNCIAS SOCIAIS

AUDIODESCRIÇÃO INSERIDA NOS TEXTOS DOS TELEJORNALIS: UM CAMINHO POSSÍVEL

Dissertação

Luana Raymundo Corrêa

Trabalho realizado sob a orientação de
professora doutora Carla Freire, Politécnico de Leiria/ESECS
e professora doutora Marta Fonseca, Politécnico de Leiria /ESECS
Setembro, 2021

Mestrado em Comunicação Acessível

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial às professoras Carla Freire e Marta Fonseca, que não me deixaram desistir, me deram preciosas orientações e tanto incentivaram a produção desta pesquisa.

Agradeço a minha família, pais, irmãos, namorada, amigos que tanto torceram e souberam entender as minhas ausências. Sem vocês isso não seria possível.

Obrigada a todos os entrevistados e participantes deste estudo. Obrigada pela participação, trocas de ideias, insights, opiniões, sugestões, críticas, todas foram ativamente ouvidas e fizeram toda a diferença para evolução do estudo.

Obrigada aos colegas de mestrado e do trabalho que tanto me inspiraram nessa produção.

RESUMO

O direito à informação está previsto na Constituição Brasileira e o direito de acesso à informação e comunicação em formato acessível está assegurado na Declaração de direitos da pessoa com deficiência. Sendo assim, torna-se imprescindível garantir que estes direitos sejam facultados às pessoas com deficiência. Entretanto, programas jornalísticos exibidos nas emissoras de televisão não estão acessíveis a pessoas com deficiência visual. As informações visuais compõem grande parte da notícia, mas não há no telejornalismo alguma norma que preconiza ou inclui as necessidades das pessoas com deficiência visual na veiculação de tais notícias. Ao considerar, em primeiro lugar, os direitos das pessoas com deficiência visual, esta investigação propõe formas de tornar as notícias mais acessíveis através do uso de técnicas de audiodescrição no texto jornalístico. Para isso, é importante trazer quais técnicas e princípios são usados na produção de roteiros de audiodescrição e referências que indiquem a importância da audiodescrição desde seu surgimento até os dias de hoje. Esta dissertação também aborda as características do telejornalismo atual, para que, entendendo o que e como foi feito até aqui, se pense o que ainda é possível fazer. Os dados recolhidos nesta pesquisa, através de questionário e entrevista, apontam como se dá o consumo das notícias por parte das pessoas com deficiência visual e o que este público sugere para melhoria deste cenário. A partir das propostas do usuário, buscou a validação dos profissionais e especialistas da audiodescrição a fim de se entender a viabilidade da hipótese levantada. Aqui, interessa propor outras formas de se fazer, entendendo as necessidades do público em primeiro lugar. Como consequência da falta de acessibilidade nas notícias, as pessoas com deficiência precisam buscar outras formas de se informar ou, segundo eles, ficam com informação incompleta. A pesquisa expôs os

problemas relacionados ao consumo de notícias, mas para além do que é proposto de possível solução, essa dissertação ainda expõe alguns meios para tornar as ferramentas de acessibilidade, majoritariamente a audiodescrição, mais popular e mais presente na realidade dos profissionais desde sua formação, para além da prática profissional.

Palavras chave

[Acessibilidade, audiodescrição, deficiência visual, notícias, telejornalismo]

ABSTRACT

The right to information is provided for in the Brazilian Constitution and the right to access information and communication in an accessible format is guaranteed in the Declaration of Rights of Persons with Disabilities. Therefore, it is essential to ensure that these rights are provided to people with disabilities. However, news programs shown on television stations are not accessible to people with visual impairments. Visual information makes up a large part of the news, but there is no standard in telejournalism that advocates or includes the needs of people with visual impairments in broadcasting such news. By considering, in the first place, the rights of people with visual impairments, this investigation proposes ways to make news more accessible through the use of audio description techniques in journalistic texts. For this, it is important to bring up which techniques and principles are used in the production of audio description scripts and references that indicate the importance of audio description since its emergence until today. This dissertation also addresses the characteristics of current telejournalism, so that, understanding what and how it has been done so far, one can think about what is still possible to do. The data collected in this research, through a questionnaire and interview, show how the consumption of news by people with visual impairments takes place and what this audience suggests to improve this scenario. From the user's proposals, it sought the validation of audio description professionals and specialists in order to understand the feasibility of the raised hypothesis. Here, it is interesting to propose other ways of doing things, understanding the needs of the public in the first place. As a result of the lack of accessibility in the news, people with disabilities need to look for other ways to get informed or, according to them, they are left with incomplete information. The research exposed the problems related to the consumption of news, but beyond what is proposed as a possible solution, this dissertation also exposes some ways to make

accessibility tools, mostly audio description, more popular and more present in the reality of professionals since its training, in addition to professional practice.

Keywords

[Accessibility, audio description, visual impairment, news, telejournalism,]

INDÍCE GERAL

AUDIODESCRIÇÃO INSERIDA NOS TEXTOS DOS TELEJORNALIS: UM CAMINHO POSSÍVEL	1
.....	
Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract	v
Abreviaturas	ix
Introdução	1
Motivação pessoal	4
Problema de investigação	6
objetivos	6
Objetivos específicos.....	6
Estrutura do trabalho	7
I Enquadramento teórico	8
1.1 Pessoas com deficiência e acessibilidade	8
1.2 O que é a audiodescrição?	13
1.3 Descrição de imagens no telejornalismo.....	20
II Metodologia	26
2.1 Tipo de estudo.....	27
2.2 Participantes	28
2.3 Técnicas e Instrumentos de recolha de dados.....	31
2.5 Questões éticas	40
III Apresentação e discussão de resultados	41
3.2 Sugestões dos usuários para melhoria na acessibilidade das notícias exibidas nos telejornais .	47
3.3 O que dizem os <i>experts</i> em audiodescrição?.....	48
3.4 Propostas de melhoria.....	54
IV Conclusões	56
4.1 Limitações do estudo.....	57
4.2 Propostas para estudos futuros	57
Referências bibliográficas	59

Anexos	64
Anexo 1 - Questionário.....	65
Anexo 2 - Guião de entrevista semiestruturada	70
Anexo 3 - Modelo de e-mail convite enviado aos entrevistados e guião de entrevista semiestruturada.....	72
Anexo 4 - Entrevista Josélia Neves.....	73
Anexo 5 - Entrevista Livia Motta	80
Anexo 6 - Entrevista Letícia Schwartz	86
Anexo 7 - Entrevista Eliana Franco.....	92
Anexo 8 - Entrevista Pablo Romero Fresco	101
Anexo 9 - Entrevista Lara Pozzobon	104
Anexo 10 - Entrevista Joel Snyder	114
Anexo 11 - Entrevista Joel Snyder - Língua original	120
Anexo 12 - Respostas abertas do questionário aplicado às pessoas com deficiência visual.....	126
Anexo 13 - Análise de conteúdo questionário.....	134
Anexo 14 - Análise de conteúdo questionário.....	137
Anexo 15 - Análise de conteúdo - Entrevistas	142
Anexo 16 - Análise de conteúdo entrevista.....	146
Anexo 17 - Análise de conteúdo entrevistas	149

ABREVIATURAS

AD – Audiodescrição

EUA - Estados Unidos da América

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

ONU - Organização das Nações Unidas

OMS - Organização Mundial da Saúde

PCD - Pessoa com deficiência

INTRODUÇÃO

Segundo dados do *World Report on Disability*¹ (2011) cerca de 1 bilhão de pessoas no mundo todo têm algum tipo de deficiência. Destes, 39 milhões são cegas e 246 milhões têm baixa visão. Já a pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) aponta que só no Brasil são cerca 45 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência (intelectual, auditiva, motora e visual), o que representa 23,9% da população brasileira. Destes 45 milhões, 6,5 milhões têm cegueira ou baixa visão.

De acordo com a Convenção sobre os Direitos das pessoas com deficiência (20),

a deficiência é um conceito em evolução e resulta da interação entre pessoas com deficiência e as barreiras devidas às atitudes e ao ambiente que impedem a plena e efetiva participação dessas pessoas na sociedade em igualdade de oportunidades com as demais pessoas” e reconhece ainda “ a necessidade de promover e proteger os direitos humanos de todas as pessoas com deficiência, inclusive daquelas que requerem maior apoio.

No Brasil, mesmo com a popularização da Internet nos últimos anos, a televisão ainda é o meio de comunicação de massa mais popular entre a população.

Segundo dados da Pesquisa Brasileira de Mídia (2016), feita pela Secretaria Especial de Comunicação Social da Presidência da República com entrevistados de diferentes regiões, classes sociais, idades e níveis de escolaridade, a televisão ainda é o meio de comunicação de massa preferido entre as pessoas para a busca por informação e para a grande maioria dos entrevistados é o meio principal e até único para a atualização do que acontece no Brasil e no mundo.

¹ Relatório Mundial sobre a deficiência produzida pela Organização Mundial da Saúde (World Health Organization) acesso em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789241564182>

Dados do Censo de 2010 feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) referem que cerca de 96% das residências brasileiras têm pelo menos um aparelho de TV.

Para Eugênio Bucci (2004) desde os anos 60 a TV desempenha um papel de suporte aos discursos feitos no país que ajudam a moldar a nossa democracia. O autor refere, ainda, que se essa mídia desaparecesse, o país desapareceria também.

Sendo a televisão um meio de comunicação tão importante para a propagação da informação para a população, por que os conteúdos exibidos nela ainda não consideram todos os públicos? Por que os conteúdos ainda não são acessíveis?

Nas televisões e telejornais do mundo todo, o uso de infográficos, legendas, charges, animações, créditos escritos na tela, texto na tela, imagens de circuito interno, entre outros recursos videográficos são cada vez mais utilizados como informação complementar à matéria. Contudo, até hoje, a transmissão desses conteúdos em canais de televisão abertos, acabam por desconsiderar a existência de um público com deficiência visual que, pela falta da explicação do que é exibido nessas imagens, pode perder toda a informação passada ali. Não há qualquer leitura ou informação sonora desses conteúdos.

Nesse sentido, torna-se imprescindível que as emissoras de televisão ofereçam ferramentas de acessibilidade para a população com deficiência, para que as informações cheguem a toda população.

Num país com inúmeras mazelas sociais, as notícias mais comuns são de problemas enfrentados pela população nas áreas de segurança pública, saúde, política, educação e emprego, informações importantes para qualquer indivíduo em contexto social. Essas informações também são importantes para as pessoas com deficiência, mas o recurso de audiodescrição obrigatório nos canais de televisão abertos hoje se restringe ao entretenimento. Nas portarias do Ministério das Comunicações, que desde 2006 tratam sobre o tema, não existe qualquer menção ao horário, relevância de conteúdo ou quaisquer itens desta natureza que poderiam garantir acesso a informação telejornalística para as pessoas com deficiência visual. Fato é que essa não seria uma solução definitiva, já que além de não direcionar o tipo de conteúdo que deveria ter

audiodescrição, a obrigatoriedade é atualmente apenas de 8 horas semanais, ou seja, muito pouco tempo num universo de programações no ar 24 horas por dia, 7 dias na semana.

Torna-se imprescindível e urgente ainda uma sensibilização e cobrança aos grandes conglomerados midiáticos que são produtores e fornecedores de conteúdo para que seus conteúdos sejam acessíveis a todos, já que além da inclusão ser tema muito relevante e de cunho social, este “novo” público também se tornará consumidor dos produtos quando eles forem acessíveis. Assim, o fator comercial constitui mais um atrativo para a propagação das acessibilidades.

Muitas pesquisas lançadas investigaram a inclusão da audiodescrição no ensino, nas artes, nos espaços públicos e na televisão (Motta, 2016; Carpes, 2016; David, Hautequestt & Kastrup, 2012). No entanto, a maior parte das pesquisas segue a mesma tendência do que acontece na produção audiovisual acessível: um foco no entretenimento e na arte, o que faz com que as informações e notícias fiquem um pouco de fora das pesquisas acadêmicas.

Este trabalho vai na contramão deste cenário, uma vez que se propõe a elencar as particularidades da audiodescrição, a sua trajetória e importância, de forma a reforçar a relevância deste recurso para as pessoas com deficiência e o uso dessas técnicas na produção de notícias em telejornais.

MOTIVAÇÃO PESSOAL

A presente pesquisa começou a ser pensada no ano de 2013 quando eclodiram no Brasil as manifestações contra os aumentos das passagens de ônibus no Brasil. As passagens foram de 3 reais para 3,20 e os manifestantes liderados pelo Movimento Passe Livre (MPL), críticos da baixa qualidade do serviço prestado e dos sucessivos aumentos, iniciaram as manifestações que logo se espalharam por vários estados do Brasil.

As forças de segurança pública reagiram. Os conflitos que se sucederam foram televisionados. As ruas do centro do Rio de Janeiro se tornaram área de confrontos entre manifestantes e as forças de segurança nacional.

Jornalistas de diferentes veículos cobriram os eventos e a televisão e internet foram as principais fontes de informação para a população. Os telejornais transmitiram os eventos ao vivo nas principais emissoras do país, contudo todo conteúdo era exibido sem qualquer recurso de acessibilidade.

Horas de imagens aéreas mostrando os locais e o que estava acontecendo cobertas por repórteres que narravam o ocorrido. Legendas, Janelas de Libras e audiodescrição não foram usadas nessas transmissões. E as pessoas com deficiência que buscavam informação por esse meio enfrentaram uma série de limitações e barreiras que não são novas. Passados sete anos desde esses eventos, em 2020 a pandemia mundial da COVID 19, provocada pelo coronavírus SARS-CoV-2, chegou aos noticiários de todos os telejornais do mundo. Foram meses com informações diárias sobre o avanço da transmissão do vírus, o aumento no número de infectados e sobre as medidas sanitárias de combate, controle e prevenção à contaminação, além dos dados estatísticos de crescimento e diminuição das curvas de contágio ao redor do mundo. Entretanto, no Brasil, mesmo passados sete anos dos eventos que motivaram essa pesquisa, a autora pôde constatar que pouco mudou com relação a acessibilidade nos telejornais, considerados mais do que nunca uma atividade essencial.

A autora deste estudo é jornalista e trabalhou por anos dentro de redações de telejornalismo. Apurou, escreveu e produziu inúmeras matérias, notícias e telejornais exibidos em televisões comerciais. Acompanhou de perto a agilidade, assertividade e

precisão com que as matérias precisam ser produzidas e veiculadas para que dê fato cumpram seu papel informativo e social. Além de ser público consumidor de informações passadas pelos telejornais das principais emissoras nacionais e internacionais. Entretanto, é importante salientar que não sendo uma pessoa com deficiência, o lugar ocupado aqui é propositivo, de aprofundamento das alternativas e possibilidade e de observação e escuta sobre vivências e desafios das pessoas com deficiência e de profissionais de audiodescrição.

A autora trabalhou ainda em produções audiovisuais acessíveis onde o mais importante era que todo conteúdo produzido de fato atendesse às pessoas com deficiência, neste caso auditiva e visual.

Nestes dois cenários profissionais amadureceu a ideia de que as produções acessíveis não podem se restringir ao entretenimento e que todo produto audiovisual deve seguir os conceitos do desenho universal desde sua concepção e cumprir o papel de atender e informar a todos. Essas ideias são pautadas na vivência próxima com o público com deficiência, mas também na ideia de que todos devem ter os direitos constitucionais garantidos e cumpridos, neste caso, o de igualdade de oportunidades e fruição de espaços por todos, pessoas com deficiência ou não.

Sendo assim, a temática da pesquisa foi escolhida devido ao entendimento de que a informação jornalística é um serviço social essencial que deve chegar a todos os cidadãos e se adaptar para que seja compreendida por todos os públicos, com e sem deficiência. Tudo o que se conecta com os nossos sentidos é informação. E essa informação se dá de diferentes formas, seja ela visual, escrita, auditiva, a partir do pensamento, da busca e da interação entre as pessoas e espaços, entre outras inúmeras formas. O jornalismo tem como uma de suas funções a de transformar a informação em notícia e, nesta tarefa, é importante se pensar em como a informação pode chegar a diferentes públicos, com suas características e necessidades.

PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO

Utilizar as técnicas da audiodescrição para tornar os textos dos telejornais mais acessíveis a pessoas com deficiência visual é uma alternativa possível?

OBJETIVOS

O objetivo principal desta pesquisa é testar se as técnicas utilizadas nas modalidades da audiodescrição que já são conhecidas podem ser incluídas no texto e locução jornalísticos, a fim de tornar as informações transmitidas nos telejornais mais acessíveis para as pessoas com deficiência visual.

Espera-se com este estudo que essas técnicas possam auxiliar no processo informacional do público-alvo também nos telejornais que prestam um serviço social, garantindo assim a inclusão do público com deficiência visual neste conteúdo e que o direito de acesso à informação seja garantido nesta mídia a toda a população.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as necessidades do público com deficiência visual no consumo de notícias veiculadas na televisão.
- Analisar as perspectivas dos especialistas relativamente às técnicas de audiodescrição aplicadas em jornalísticos.

ESTRUTURA DO TRABALHO

O presente estudo se estrutura da seguinte forma: Tem início com uma introdução para a contextualização do problema que será discutido e apresentação da pertinência e dos objetivos do estudo, além da motivação pessoal que impulsionou o desenvolvimento desta pesquisa.

No enquadramento teórico, foi apresentada a evolução histórico legal da audiodescrição no Brasil e no mundo, desde seu surgimento até seu estado atual. Neste momento também foram apresentadas as legislações vigentes no Brasil que regulamentam este recurso de acessibilidade, os tipos de uso do recurso e, por fim, um resumo das principais regras e cuidados imprescindíveis na produção de audiodescrição. Posto isso, ilustramos um pouco da importância do telejornalismo como meio de comunicação e informação para a população de um modo geral, até chegar na relação da imagem para o entendimento do conteúdo. Nesta etapa, discutiu-se a relevância da imagem para a compreensão da informação veiculada nos notícias de TV e a falta da descrição ou audiodescrição nestas peças jornalísticas, que acabam por excluir o público cego do que é comunicado.

Em seguida, apresentou-se a metodologia usada para esta pesquisa. O tipo de estudo realizado, os participantes e suas características e os instrumentos de recolha e análise de conteúdo também fazem parte deste capítulo.

Adiante foram apresentados os resultados obtidos na aplicação dos instrumentos de recolha de dados, sugestões dos participantes e propostas da pesquisadora para melhoria da realidade investigada.

Por fim, a conclusão foi o espaço no qual foram indicados estudos para serem desenvolvidos no futuro e possíveis soluções para o problema de investigação a partir do que foi visto e discutido nos capítulos anteriores.

I ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E ACESSIBILIDADE

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2011) cerca de 1 bilhão de pessoas em todo o mundo têm algum tipo de deficiência, ou seja, “têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas” (Convenção Internacional sobre o direito das pessoas com deficiência, 2009, Art 1.º).

A convenção dos direitos das pessoas com deficiência contempla, para além dos direitos das pessoas com deficiência, os deveres do Estado em assegurar esses direitos.

No Brasil, ao longo dos últimos 20 anos, diversos marcos legais foram construídos para a regulamentação efetiva dos direitos das pessoas com deficiência em vários campos. Em relação à acessibilidade, destacam-se as Leis n.º 10.048/00 e 10.098/00 e o Decreto n.º 5.296/04, que os regulamentam. Em seu artigo 8º, o Decreto define acessibilidade como sendo as condições para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida. O mesmo artigo classifica como barreira qualquer entrave ou obstáculo que limite ou impeça o acesso, a liberdade de movimento, a circulação com segurança e a possibilidade de as pessoas se comunicarem ou terem acesso à informação.

Neste contexto, é fundamental ressaltar a importância do processo de construção e ratificação, pelo Brasil, da Convenção da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e de seu Protocolo Facultativo, de 2006. Este é o primeiro tratado de Direitos Humanos do século XXI que envolveu diferentes esferas do governo e da sociedade civil organizada no seu processo de construção, redação, articulação e aprovação. A Convenção foi ratificada pelo Congresso Nacional Brasileiro e foi incorporada no texto Constitucional por meio do Decreto Legislativo n.º 186/2008 e do Decreto Executivo no 6.949/2009. Um dos pontos a serem

ressaltados da Convenção é que esta assume que o conceito de deficiência está diretamente relacionado às barreiras e à interação social dos indivíduos com o ambiente, e não somente aos aspectos individuais e físicos das pessoas (ONU, 2006).

Diniz (2017) cita uma fala emblemática do professor Jacobus TenBroek, da Universidade da Califórnia, sobre um mundo que inclua todos os públicos:

O mundo em que os deficientes têm o direito de viver é o das ruas, avenidas, escolas, universidades, fábricas, lojas, escritórios, prédios e serviços públicos, enfim, todos os lugares onde as pessoas estão, vão, vivem, trabalham e se divertem. (Diniz, 2017, p. 32)

Esta ideia do professor vai ao encontro do decreto que promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2006) e seu Protocolo Facultativo, que em seu artigo 9 trata sobre o dever dos Estados em garantir a fruição pela e em igualdade de direitos das pessoas com deficiência com relação às demais pessoas aos espaços coletivos, transporte, à informação, comunicação, aos sistemas de tecnologia da informação e comunicação. E também vai ao encontro do conceito de “desenho universal”, que, ainda segundo a Convenção, prevê a concepção de produtos, ambientes, programas e serviços para todas as pessoas, sem qualquer tipo de discriminação. O conceito de desenho universal deve ser um princípio estruturante para a formulação de políticas que tenham como princípio a democratização do acesso à cultura. No caso do audiovisual, o ideal é que as ferramentas de acessibilidade sejam incorporadas desde o desenho do projeto e que estejam presentes em todas as fases da produção e distribuição. Portanto, apesar de ser muito praticada, o modelo ideal seguindo este conceito de desenho universal é o que não trata a acessibilidade como acessório, complemento ou adaptação a posteriori. Diniz (2017) reforça a importância de se pensar as demandas das pessoas com deficiência como demandas de justiça social. A mobilização e o compromisso do poder público em todas as suas instâncias, das universidades, das organizações da sociedade civil, da cadeia produtiva do audiovisual e

da sociedade são fundamentais para a efetivação dos preceitos legais, que pautam a garantia de que todos tenham acesso igualitário aos produtos audiovisuais.

Mais recentemente, foi sancionada a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei n.º 13.146/15) (Brasil, 2015), também conhecida como Lei Brasileira de Inclusão ou Estatuto da Pessoa com Deficiência, o que constituiu mais um marco na luta da pessoa com deficiência para ter seus direitos institucionalizados e assegurados. A Lei tem como objetivo principal promover a inclusão social e a cidadania das pessoas com deficiência no Brasil e é uma forma de regulamentação dos direitos fundamentais dessa parcela da população. Entre outros aspectos, a Lei aponta para o fato de as pessoas com deficiência terem direito à cultura, em igualdade de oportunidades com as demais, sendo garantido o acesso aos bens culturais em formatos acessíveis. Além disso, informa que é vedada a recusa de oferta de obra intelectual em formato acessível à pessoa com deficiência, sob qualquer argumento, inclusive sob a alegação de proteção dos direitos de propriedade intelectual. No que diz respeito à oferta de audiovisuais nas salas de cinema, a lei prevê que devem ser oferecidas, em todas as sessões, recursos de acessibilidade para a pessoa com deficiência. Constata-se, portanto, que o país possui um marco legal abrangente e, ao mesmo tempo, específico em relação às várias demandas relativas à acessibilidade de uma maneira geral, mas nesta pesquisa o foco será a acessibilidade para a produção audiovisual.

Tanto no cinema, quanto na televisão, os recursos que tornam os conteúdos mais acessíveis são: as legendas descritivas, as janelas com a Língua de Sinais que atendem prioritariamente às pessoas surdas e a audiodescrição que é voltada para pessoas cegas. Duas portarias do Ministério das Comunicações obrigam as emissoras de televisão aberta a disponibilizar conteúdos com 24 horas diárias de legendas descritivas (310/2006) e 16 horas de conteúdo com audiodescrição (188/2010). O número de horas de conteúdo audiodescrito tem um aumento gradual. Naves (2015) acredita que com uma produção audiovisual que tenha recursos de acessibilidade de qualidade, o conteúdo vai, necessariamente, chegar a mais pessoas que poderão compreender, apreciar e discutir a obra. A projeção alcançada é da obra e não do recurso em si.

Nesse sentido acredita-se que são muitos os motivos que, para além da garantia de direitos das pessoas com deficiência, contribuem para a ideia do potencial das produções audiovisuais acessíveis. São eles:

- Pode ampliar mercado e público: para além da ampliação de público que ocorre nos conteúdos acessíveis já que inclui o público com deficiência visual naquela informação, outros públicos podem ser indiretamente atingidos, como por exemplo os idosos e pessoas com deficiências temporárias, estrangeiros que estão aprendendo uma língua estrangeira, entre outros.
- Mercado consumidor em crescimento potencial
- Melhoria da educação, formação e comunicação do país.
- Responsabilidade Social - Inclusão faz parte das ações de responsabilidade social.

Neste estudo, vamos focar as questões relacionadas com a deficiência visual, sendo que muito do que será tratado nesta pesquisa leva em consideração outros tipos de deficiência e que alguns aspectos abordados podem auxiliar no entendimento das questões relacionadas com outros públicos, bem como no desenvolvimento de ferramentas, políticas públicas e ações para a evolução da área de uma maneira geral.

Para ter acesso à programação com audiodescrição nas televisões abertas que disponibilizam o recurso, o usuário deve apertar a tecla SAP (second audio program) no controle remoto do televisor e acionar um canal de áudio (que não é o canal principal, já que este é destinado a quem tenha o recurso de audiodescrição). Não há dentro das legislações que regulamentam a obrigatoriedade da audiodescrição qualquer diretriz sobre horários fixos com o recurso, nem uma priorização sobre os conteúdos essenciais que devem conter o recurso de acessibilidade e os usuários não têm acesso a um guia de programação com informações sobre a disponibilidade de conteúdo audiodescrito. Assim, atualmente as emissoras têm seu foco na produção de filmes e séries (Scoralick, 2009).

Gil (2000) considera a visão o mais importante meio com que as pessoas podem se relacionar com o mundo ao redor. Esse sentido pode atingir diferentes graus que vão da cegueira total até à visão total. No primeiro caso, onde há um comprometimento da capacidade deste sentido, há a classificação que chamamos de deficiência visual que vai do grau “cegueira” até a “visão subnormal”, também chamada de baixa visão.

A baixa visão ou visão subnormal é um estágio intermediário da acuidade visual. A visão sofre esse comprometimento que se reflete no “rebaixamento significativo da acuidade visual, redução importante do campo visual e da sensibilidade aos contrastes e limitação de outras capacidades.” (Gil, 2000, p. 6). Mas a visão não é uma capacidade com a qual nascemos. Nós, seres humanos, aprendemos a ver

1.2 O QUE É A AUDIODESCRIÇÃO?

Com os avanços conquistados pelas pessoas com deficiência do ponto de vista legal e social, os recursos de acessibilidade também evoluíram, ganharam visibilidade e hoje no Brasil têm sua importância mais reconhecida como política pública de viabilidade de acesso à informação e comunicação. "Um recurso de acessibilidade bem empregado é uma ferramenta de acesso eficaz quando inclui a pessoa com deficiência na discussão e possibilita sua inclusão na experiência com outros públicos. O que deve ser discutido a partir da inclusão dos recursos é a obra em si e não o recurso" (Naves, Mauch, Alvez & Araújo, 2016, p. 4).

A audiodescrição (AD) é um recurso de tecnologia assistiva que permite a inclusão de pessoas com deficiência visual junto ao público de produtos audiovisuais. O recurso consiste na tradução de imagens em palavras. É, portanto, também definido como um modo de tradução audiovisual intersemiótico, em que o signo visual é transposto para o signo verbal oral. Essa transposição caracteriza-se pela descrição objetiva de imagens que, paralelamente e em conjunto com as falas originais, permite uma compreensão mais abrangente da narrativa audiovisual pelas pessoas com deficiência visual (Snyder, 2017).

Mota (2010) reforça ainda a importância da audiodescrição ao lembrar que ela não atende apenas ao público com deficiência visual, mas também às pessoas com deficiência intelectual, dislexia e pessoas idosas com a visão comprometida, permitindo a interação e o consumo de conteúdo de diferentes públicos ao ajudar a eliminar as barreiras físicas, atitudinais e comunicacionais.

São muitos os benefícios que os conteúdos com audiodescrição trazem para a vida de pessoas com deficiência visual, tais como: a descrição das informações visuais, a satisfação de usufruir materiais visuais de maneira independente com ou sem a presença de espectadores videntes que por vezes assumem o papel de tradutores ao vivo dos conteúdos que não estão acessíveis. (Lima, Guedes, & Guedes, 2010).

Audiodescrição enquanto tradução e recurso de tecnologia assistiva pode ser usada em muitos espaços e de maneiras tecnicamente distintas. Pode ser empregada em diferentes mídias e eventos, em programas de tv, cinema, espetáculo de teatro e dança, *shows*, eventos ao vivo entre outros (Silva & Franco, 2010). Hoje no Brasil já é usada também em museus, salas de exposição, em todo tipo de material audiovisual, em salas de aula e há estudos que abordam o uso da audiodescrição em plataformas de ensino à distância e jogos. Há também o uso da audiodescrição em eventos cotidianos como partos, enterros, cerimônias de casamento, batizado, reuniões, palestras, entre outros. Vivemos em um mundo muito visual e essas informações produzidas através das imagens podem e devem compor a audiodescrição.

Segundo Neves (2011) existem quatro tipos de audiodescrição:

- Audiodescrição em imagens estáticas; mais usada em museus, espaços culturais, obras de artes como fotografia, pintura e escultura.
- Audiodescrição em imagens em movimento ou dinâmicas; que referem-se ao conteúdo audiovisual exibido nas televisões, cinema diferentes plataformas e em eventos ao vivo. Esses eventos podem ser transmitidos por meios de comunicação ou serem audiodescritos presencialmente, como por exemplo cerimônias de casamento, enterro, partos, batizados, reuniões, shows, eventos esportivos, entre outros.
- Audiodescrição de orientação; que está ligada a mobilidade, onde o áudio pode oferecer descrições espaciais, de orientação e localização.
- Audiodescrição de exploração; onde a descrição cumpre o papel de direcionar a pessoa com deficiência visual para uma determinada experiência.

Todos esses tipos de audiodescrição se diferem pelo modo de produção, técnicas utilizadas e ainda pelo modo de transmissão do conteúdo que pode ser remoto, presencial, via equipamentos de recepção e transmissão, aplicativos, com trilhas de áudio inseridas no conteúdo e por meio de uma conversa/leitura presencial sem equipamentos. Ainda do ponto de vista de produção, a audiodescrição pré gravada

tem seu roteiro pré produzido e geralmente segue os seguintes processos: roteirização, consultoria de uma pessoa com deficiência visual, locução, mixagem e inclusão da trilha de áudio com audiodescrição na peça audiovisual. Na produção ao vivo, mais comum em peças de teatro, palestras, *shows*, batizados, casamentos, enterros, entre outros, o audiodescritor pode produzir um roteiro prévio com informações que vão enriquecer as descrições no decorrer do evento. Essa pesquisa ou trabalho prévio são essenciais, porque nem sempre o audiodescritor estará diante de um assunto ou evento que já tenha participado ou com o qual esteja familiarizado. Em todos esses casos, o trabalho de pesquisar, estudar e treinar o roteiro previamente, fazer uma visita técnica para reconhecimento espacial, elencar informações básicas sobre o evento, são ações essenciais para que o conteúdo seja descrito com maior segurança e precisão.

De acordo com Snyder (2017) existe uma audiodescrição mais informal, que existe desde sempre nos mais variados contextos e é praticada por companheiros e familiares de pessoas cegas que, no ímpeto de ajudar, descrevem, oferecem direções e orientações para pessoas conhecidas e até mesmo para as totalmente estranhas.

Entretanto, com o avanço e popularização da audiodescrição, a atividade profissional de audiodescritor também ganhou maior visibilidade. Classificação Brasileira de Ocupações (2002), quando aborda a profissão de audiodescritores tem seu foco ligado a questão tradutória da atividade

Traduzem, na forma escrita, textos de qualquer natureza, de um idioma para outro, considerando as variáveis culturais, bem como os aspectos terminológicos e estilísticos, tendo em vista um público-alvo específico. Interpretam oralmente e/ou na língua de sinais, de forma simultânea ou consecutiva, de um idioma para outro, discursos, debates, textos, formas de comunicação eletrônica, respeitando o respectivo contexto e as características culturais das partes. tratam das características e do desenvolvimento de uma cultura, representados por sua linguagem; fazem a crítica dos textos.

Também por muito tempo, ainda segundo o Snyder (2017), as pessoas compararam a audiodescrição ao radioteatro, já que ambas trabalham com narração e audição. A diferença principal dessas duas modalidades é que o radioteatro parte do pressuposto de que todo o público não tem o recurso visual. Já as produções veiculadas na TV, partem da ideia de que todos os usuários têm o sentido da visão em pleno funcionamento. Como a realidade não é essa, a audiodescrição é o recurso que possibilita que mesmo sem o sentido da visão, o público tenha a possibilidade de acesso ao conteúdo transmitido, aqui por meio de áudio com as descrições das imagens.

Oficialmente a audiodescrição surgiu nos Estados Unidos, na década de 70, sendo objeto de pesquisa da dissertação de mestrado de Gregory Frazier. Na década seguinte, no ano de 1981, ela foi apresentada para além da área acadêmica, também nos Estados Unidos, na peça *Major Barbara*, encenada no *Arena Stage Theater*, em Washington DC. Os responsáveis pelo espetáculo foram Margaret Rockwell, que tinha deficiência visual, e Cody Pfanstiehl. O casal teve um papel significativo na popularização do recurso, atuando na gravação de audiodescrição em fita cassete, no uso de audiodescrição em visitas guiadas nos museus e, em 1982 realizaram a transmissão de audiodescrição via rádio de uma série de TV exibida simultaneamente na *Public Broadcasting Service (PBS)* (Silva & Franco, 2010).

No Brasil, a audiodescrição foi apresentada oficialmente à população, pela primeira vez, em 2003, no Festival de cinema "*Assim Vivemos*", que trata historicamente da temática da deficiência no cinema (Vergara Nunes, 2010). Já na televisão brasileira a primeira exibição de conteúdo com audiodescrição ocorreu na TV Cultura, em 2008, com a série "*Vida em movimento II*", cuja temática tratava de esportes adaptados para pessoas com deficiência. A série foi exibida até janeiro de 2009 (Scoralick, 2009). Essa primeira exibição ocorreu antes mesmo de o conteúdo com audiodescrição na TV ser obrigatório.

1.2.1 Do visual para o verbal oral: Produzindo roteiros de audiodescrição

Para identificar quais são os elementos prioritários essenciais a considerar no momento de roteirização de audiodescrição, o audiodescritor pode recorrer às seis perguntas para esta produção: O que ou quem?, quando?, onde?, Para quê/ Por quê?, Como? e Com que efeito? (Neves, 2011).

Neves (2011) refere que o audiodescritor deve ter seu foco na análise sobre o que descrever, uma vez que é humanamente impossível descrever em palavras todos os elementos de uma imagem. Sendo assim, o foco do trabalho é traduzir em palavras os elementos visuais mais relevantes para o entendimento da mensagem, ou seja, avaliar as informações que são realmente necessárias.

O trabalho em si consiste em elencar os elementos essenciais para a construção semiótica da obra. Ela não deve dar significado à obra em si, mas quando é incluída no produto original passa a ser mais um elemento que auxilia na composição do significado da obra (Alves & Teixeira, 2015).

Além disso, o audiodescritor deve estar atento a várias questões como: não sobrecarregar o espectador com excesso de informações, respeitar, inclusive, os espaços de silêncio intencionais, tomar cuidado para não tornar a audiodescrição redundante ao fazer a descrição de efeitos sonoros ou do que é dito nos diálogos e usar na audiodescrição a linguagem condizente com o contexto e estilo da obra (Neves, 2011).

Ainda na questão da linguagem, existem dois cenários que precisam ser analisados, dado que audiodescrição tem o objetivo principal de mostrar ou contar. No primeiro caso, ela é direta e objetiva, econômica e factual, com uso de frases curtas e tem um impacto mais imediato e incisivo. Já o outro estilo diz respeito a uma audiodescrição focada em contar, que será assim mais poética, indireta e com estilo mais narrativo (Neves, 2011). Esse modo de produção, que preza pela agilidade, frases curtas e

objetividade, se assemelha ao trabalho jornalístico que também tem em sua produção essas características. Segundo Snyder (2017, p. 96) "o audiodescritor é em parte jornalista, transmitindo fielmente os fatos".

Os autores que investigam as técnicas de audiodescrição reforçam a observação como umas das principais características de um audiodescritor. Além da observação, Snyder (2017) aborda outros 3 elementos fundamentais para a construção de audiodescrição, são eles: edição, língua e habilidades vocais.

- **Observação:** O audiodescritor deve ser um observador ativo e aprender a rever o mundo, desenvolvendo, rotineiramente, sua literacia visual, para que ao estimular essa acuidade visual chegue na essência da imagem e possa compartilhá-la.
- **Edição:** O autor recomenda que os audiodescritores estimulem a observação ativa para um entendimento mais amplo da essência da imagem, mas ao abordar o segundo fundamento, que é a edição, ele alerta para a necessidade de avaliação, técnicas e bom senso ao selecionar o que é importante transmitir. Torna-se imprescindível analisar o que é de fato importante para a compreensão do conteúdo e ter a consciência de que a audiodescrição atinge um público variado. Alguns cuidados técnicos são importantes como: ir do geral para o específico, incluir informação sobre direções e cores e, mais uma vez, descrever, apenas, o que é relevante.
- **Língua:** Aqui, mais uma vez, há a comparação do trabalho do audiodescritor com o de um jornalista, já que os elementos principais que a audiodescrição precisa responder, são também elementos do lead jornalístico: O que, onde, como, quando e quem. Nessa dimensão, o autor indica que, se possível, devem ser incluídas descrições físicas, o que está ocorrendo nas imagens e etc.
- **Habilidades vocais:** Uma conversação falada é dividida entre os elementos não verbais e verbais, ou seja, os significados são mapeados através de expressões faciais, gestos (não verbais) e pronúncia, enunciação, tom, volume, entre outros (verbais). Na audiodescrição, os signos não verbais são transpostos para o verbal,

sendo esses os únicos elementos, é fundamental ter um rigor técnico do ponto de vista vocal para a construção do recurso.

É importante, ainda, que o audiodescritor tenha bom senso para analisar o que deve ou não descrever, respeite a obra que está sendo audiodescrita, suas características e seu contexto, estabeleça uma relevância do que será descrito, levando em consideração o tempo, sincronização, ritmo da locução e adequação da linguagem à obra (Neves, 2011, p. 12).

A equipe de produção de audiodescrição geralmente é composta pelo roteirista audiodescritor, locutor, um sonoplasta responsável pela mixagem do conteúdo e um consultor. Na produção de recursos de acessibilidade considerar o público alvo é essencial. É imprescindível produzir ferramentas para que as pessoas com deficiência possam usufruir dos espaços e melhorar os acessos à comunicação e à informação, com a participação ativa deste público, desde o desenvolvimento até a validação dessas ferramentas. É importante ter em mente, em todas as etapas de produção, que o intuito principal da atividade do audiodescritor é auxiliar as pessoas com deficiência visual a fazerem suas próprias interpretações do produto audiodescrito, seja ele audiovisual ou não (Alves & Teles, 2017). O trabalho do audiodescritor, em sua maior parte, requer criatividade, mas é importante, também, que este profissional domine as técnicas da audiodescrição e possua uma elevada competência na escrita, uma boa capacidade de síntese e familiaridade com as etapas de produção do recurso (Neves, 2011). No Brasil, a pessoa com deficiência visual geralmente desempenha o papel de consultor no desenvolvimento dos roteiros, validando se ele está realmente acessível e adequado ao público, mas também pode fazer a locução, desde que o roteiro esteja em Braille, e desempenhar a função de editor de áudio, como acontece nos Estados Unidos da América (EUA) (Snyder, 2017).

Para além do exposto, é essencial que o audiodescritor entenda que a produção de audiodescrição não pode assumir um caráter pessoal. "Não interessa quem vê, nem interessa mesmo que veja, o importante é descrever apenas o que se apresenta, de forma sensível, mas nunca de forma pessoal" (Neves, 2011, p.63).

1.3 DESCRIÇÃO DE IMAGENS NO TELEJORNALISMO

Os telejornais são uma das principais fontes de informação para a população. Sendo a TV um meio de comunicação tão popular num país que ainda enfrenta graves problemas de escolaridade e educação da população, os assuntos mais relevantes, que são manchetes nos telejornais, acabam por chegar às pessoas através desse meio, ou seja, o telejornal é a principal fonte de notícias para uma grande parte da sociedade. Esse tipo de jornalismo tem sua importância social diretamente relacionada a contribuição que a popularização das informações essenciais traz para o pleno exercício da cidadania (Scoralick, 2016).

Nas principais emissoras do Brasil, os telejornais são exibidos em horários nobres (os de maior custo) e são de variados estilos e formatos. Hoje existem os telejornais locais, nacionais, internacionais e muitas empresas de radiodifusão hoje têm seus canais exclusivamente voltados à veiculação de notícias, uma espécie de telejornal de 24 horas todos os dias. Além disso, tendo em vista o caráter essencial do serviço prestado pelo jornalismo e a urgência de determinadas notícias, várias emissoras abrem espaços dentro da programação para a entrada de notícias urgentes, os popularmente conhecidos "plantões".

Bucci (2008) afirma que o jornalismo tem como função prioritária a garantia do direito à informação ao cidadão.

A ética da informação e a ética do jornalismo são inseparáveis da ética republicana, a ética obsessivamente republicana que deve governar cada instituição da nossa democracia e do nosso país. (...) Há com frequência um equívoco, e esse equívoco é o de achar que nós pomos no ar as informações que nos interessam e ponto. Isso é um equívoco, porque quando as informações que nos interessam não correspondem às necessidades do cidadão a credibilidade começa a ser ferida. Portanto, as informações que nos interessam veicular são as informações a que o cidadão tem direito. Isso é a construção da credibilidade. Quem está no topo de todo esse trabalho é o cidadão. É aquele que muitas vezes não

exige porque não sabe que pode exigir. E o nosso trabalho é ensiná-lo sobre isso, ensiná-lo que ele pode exigir (Bucci, 2008:17-18)

Cabe aos jornalistas e emissoras a manutenção diária deste direito e aos telejornais a responsabilidade de tornar a informação inteligível à maior parte da população, já que tem como plataforma de exibição o meio de comunicação de massa mais popular e democrático no Brasil.

O conceito de informação difere de informação jornalística porque neste segundo é imprescindível que se informe de modo qualificado e isso significa fornecer ao público consumidor uma informação verificada, relevante, contextualizada, plural e envolvente. Sendo assim, também é responsabilidade do jornalista ter o cuidado de fornecer um resumo dos principais acontecimentos à sociedade garantindo o acesso de diferentes públicos à informação (Reginato, 2020). O que garante isso também é o código de ética dos jornalistas brasileiros que está alicerçado no direito fundamental de todos os cidadãos, garantido pela Constituição Brasileira, de informação e o acesso a ela. Cabe aos jornalistas, segundo o código, o dever de garantir que a informação será acessada por todos, estará acessível, precisa e correta. Já a divulgação da informação é dever principal dos meios de comunicação, seja ele de que natureza institucional for.

Em 2020 o telejornalismo no Brasil completou 70 anos. A chegada deste tipo de jornalismo no Brasil se deu juntamente com a chegada da televisão em 1950 trazida pelo empresário Francisco de Assis Chateaubriand, que já tinha empreendimentos na área de jornais impressos e rádio. O primeiro telejornal foi exibido pela TV TUPI e tinha como título "Imagens do dia" (Prazeres & Parnaíba, 2012). O modelo praticado hoje no telejornalismo brasileiro passou por profundas transformações desde seu surgimento. Como é comum no surgimento de uma nova mídia, os primeiros passos do telejornalismo seguiram em grande parte as diretrizes de produção do radiojornalismo, seu antecessor. No radiojornalismo a proposta era uma descrição mais minuciosa e isso foi praticado nos primeiros anos de telejornalismo, mas com o tempo as informações imagéticas se tornaram tão importantes quanto as sonoras, se aproximando da realidade que temos hoje onde a imagem cada dia ganha mais destaque nesse tipo de jornalismo (Souza & Santos, 2011).

Para Rezende (2000), palavra e imagem no telejornalismo estão em posições distintas, conferindo assim um grau de relevância diferente a estes dois aspectos:

Conforme certa concepção de telejornalismo, predominante no Brasil, à imagem se confere uma função primordial no processo de codificação das notícias, enquanto a palavra cumpriria um papel secundário, quase de mero complemento e suporte da informação visual (Rezende, 2000, p. 43).

Já a frase de Mário Marona é enfática ao retratar o ideal do que se espera no telejornalismo: “Telejornalismo ideal é telejornalismo sem palavras. Só com imagens” (Rezende, 2000, p. 38). Nas obras dos principais autores, onde são retratadas as técnicas do fazer jornalístico para TV, é comum a abordagem sobre a importância de assegurar a integração de imagem e texto nas matérias televisivas, mas não há qualquer referência sobre descrição de imagem ou sobre a inclusão de pessoas com deficiência visual nesse processo informativo. Snyder (2017) aborda este processo, para além do telejornalismo como conceito de autodescrever, referindo-se à ideia de que por se tratar de conteúdo com recursos visuais, seja ele em televisão ou qualquer outra mídia, é importante que as pessoas que veiculem esta informação tenha em mente que ela não é acessível a todos os usuários, logo torna-se imprescindível que se faça uma autodescrição dos espaços e conteúdos.

E como o público com deficiência visual pode se informar sem a descrição das imagens que são, segundo os autores, componente essencial ou primordial no telejornalismo?

Os telejornais têm características próprias e são marcados, em sua maioria, por edições rápidas, com uma grande quantidade de texto e imagem, onde os espaços de silêncio e pausas são poucos. Incluir a audiodescrição utilizando esses poucos espaços e dentro do formato de telejornalismo que temos hoje, é o principal desafio para a acessibilização desse tipo de conteúdo (Scoralick, 2016, p. 12).

Torres e Mazzoni (2007) dissertam sobre um princípio básico já conhecido da comunicação que teria como objetivo primário que a mensagem emitida pelo emissores seja captada pelos receptores, mas indaga sobre quão injustificável é a análise de que as mensagens emitidas por um meio tão importante como a televisão, que abrange um

público amplo, não chegue de forma plena a todos os espectadores. Os autores recomendam que todo o público consumidor, nele se incluem as pessoas com deficiência visual, tenha seus direitos preservados.

No telejornalismo de uma maneira geral, a informação noticiosa pode ser apresentada de diferentes formatos, tais como: notas cobertas ou secas, ou seja, uso de texto falado respectivamente com ou sem imagens para ilustrar; grandes reportagens e séries que geralmente têm um maior tempo de produção e maior rigor na edição de imagem e texto; notícias factuais, também conhecidas como notícias "quentes", onde se englobam as notícias urgentes, mais necessárias, factuais e por isso com menos tempo de produção porque precisam ser dadas no menor tempo possível desde o acontecimento e há ainda as entrevistas e notícias produzidas no estúdio, geralmente pelos apresentadores de telejornais (Scoralick, 2009).

Dentro de todos esses universos retratados acima, são inúmeras as informações imagéticas que geralmente são usadas. Seguem algumas:

- imagens em movimento em si, que ilustram os fatos;
- imagens de circuito interno, de câmeras de segurança;
- gráficos, mapas, videografismos, artes;
- informações em texto como: legendas, títulos, cartelas, créditos, charges;
- demonstração de produtos, movimentação em matérias gravadas e em estúdio.

A relevância da imagem dentro do processo para a exibição na televisão se inicia desde a pré produção da matéria ou ainda na apuração das notícias. Para Scoralick (2009), nas redações, pensar a imagem é um fator preponderante na avaliação de que aquele conteúdo pode ser exibido na TV.

A presença de imagem é determinante para a realização da matéria. O produtor deve elaborar a pauta pensando em imagem para que aquela história seja contada. Se não houver imagem, vira uma matéria de rádio, de impresso ou até de webjornal (Scoralick, 2009, p.4)

Indiferente aos princípios básicos da audiodescrição que norteiam sua ação na descrição do que se vê, Paternostro (2006) ao falar sobre telejornalismo classifica como um erro de redundância a descrição no texto das imagens exibidas, para ela não se deve fazer as descrições do que o telespectador já está vendo, porque pode ser "chato e óbvio" e reforça que o telejornalismo não deve ser descritivo (Paternostro, 2006, p. 86). Sendo assim, a partir da ideia de Paternostro, não se pode ferir as regras de telejornalismo mesmo que ele não atenda a diferentes públicos, apesar do papel preponderante no que se refere a atender e atingir diferentes espectadores.

1.3.1 O que o conceito de *Accessible filmmaking* pode ensinar ao telejornalismo acessível?

O conceito de Desenho Universal, que segundo a Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, prevê a concepção de produtos, ambientes, programas e serviços para todas as pessoas, sem qualquer tipo de discriminação. O conceito de Desenho Universal deve ser um princípio estruturante para a formulação de políticas que tenham como princípio a democratização do acesso à cultura. No caso do audiovisual, a acessibilidade deve ser incorporada desde o desenho do projeto e estar presente em todas as fases da produção e distribuição. Portanto, apesar de ser muito praticada, o modelo ideal seguindo este conceito de desenho universal é o que não trata a acessibilidade como acessório, complemento ou adaptação a posteriori.

De acordo com Romero Fresco (2013,), em seu artigo *Accessible filmmaking: Joining the dots between audiovisual translation, accessibility and filmmaking*,

²ao integrar AVT [tradução audiovisual] e acessibilidade como parte do processo de produção de filmes, a produção de filmes acessíveis aborda todos

² "by integrating AVT and accessibility as part of the filmmaking process, accessible filmmaking addresses all the elements that filmmakers must take into account in order to make their films accessible not only to viewers with hearing or visual loss, but also to

os elementos que os cineastas devem levar em consideração para tornar seus filmes acessíveis não apenas para espectadores com deficiência auditiva ou visual, mas também para espectadores em outras línguas. Portanto, não estamos mais nos referindo a uma minoria, mas a uma grande parcela da audiência. (p. 208, tradução nossa)

Romero Fresco reforça, ainda, que o trabalho para uma produção acessível desde o início passa por um ³"trabalho colaborativo entre tradutores e a equipe criativa do filme", ou seja, os trabalhos devem ser integrados e não feitos separadamente. Para que exista uma integração desses trabalhos e o produto final seja acessível a pessoas com deficiência, o autor ainda sugere que os estudos e aprendizados de acessibilidade no cinema ocorram desde o início dos estudos técnicos e/ou acadêmicos nessa área.

viewers in other languages. We are thus no longer referring to a minority, but to a large share of the audience" (Romero Fresco 2013, p. 208)

³ "the integration of AVT and accessibility as part of the filmmaking process, often involving the collaboration between the translator and the creative team of the film" (Romero Fresco, 2013, p. 211)

II METODOLOGIA

Prodanov (2013) define metodologia como o meio pelo qual se "examina, descreve métodos e técnicas de pesquisa que possibilitam a coleta e o processamento de informações, visando ao encaminhamento e à resolução de problemas e/ou questões de investigação" (p.14). Para que testes e proposições acadêmicas se transformem em conhecimento científico comprovado, alguns pré-requisitos são necessários e o objetivo deste capítulo é apresentar os métodos e processos que nortearam esta pesquisa. Segundo Coutinho (2011), para que uma investigação seja enquadrada no paradigma científico, ela precisa basicamente responder a duas perguntas: qual é o problema e o que devemos fazer para resolvê-lo. E foram estes conceitos que embasaram esta pesquisa.

Como apresentado na introdução e constatado na revisão de literatura, o problema levantado pelo estudo é a falta de descrição das imagens exibidas nos telejornais, os tornando mídias não acessíveis a pessoas com deficiência visual e para isso chegou-se à seguinte questão de investigação: como tornar as notícias veiculadas nos telejornais mais acessíveis para pessoas com deficiência visual?

Para o tratamento da questão de investigação da pesquisa, optou-se por focar na busca de técnicas de descrição de imagens usadas na audiodescrição que possam ser incluídas na construção do texto telejornalístico para que as informações transmitidas, neste espaço, sejam acessíveis ao público com deficiência visual.

Para alicerçar essa hipótese, a pesquisa contou com dois objetivos específicos, são eles:

- Identificar as necessidades do público com deficiência visual no consumo de notícias veiculadas na televisão.
- Analisar as perspectivas dos especialistas relativamente às técnicas de audiodescrição aplicadas em jornalísticos.

Inicialmente realizou-se uma revisão bibliográfica para mapear o estado do problema de investigação e a bibliografia já existente sobre ele. Entendendo o papel preponderante que a televisão e os telejornais exercem na propagação de informações

essenciais a todos os públicos, esta pesquisa também amparou-se nas questões legais já asseguradas de direito à informação e nos direitos das pessoas com deficiência para o embasamento legal, além de teórico, das ideias apresentadas. Posteriormente, através de técnicas e instrumentos de recolha de dados, o cenário foi investigado de maneira mais atual, personalizada e próxima dos participantes do estudo. Por fim, a pesquisadora ofereceu uma proposta do que pode ser feito para a melhoria do cenário encontrado, com soluções retiradas dos dados colhidos na investigação. Acredita-se que ao responder à questão de investigação e responder aos objetivos propostos, o estudo pode ~~elaborar~~ contribuir para a ampliação dos conhecimentos nessa área e pode, ainda, alterar as práticas desenvolvidas no telejornalismo para que este se torne mais acessível. Serão apresentadas, a seguir, as características do tipo de estudo aplicado, bem como os métodos que nortearam essa investigação. Posteriormente, serão apresentados os perfis dos sujeitos participantes deste estudo e as técnicas, instrumentos de recolha e análise de dados que foram usados.

2.1 TIPO DE ESTUDO

Para Lakatos e Marconi (2007) uma das razões que transforma um conhecimento em conhecimento científico é a forma de observação dos fenômenos e dos objetos, já que estes podem ser observados tanto por cientistas quanto por pessoas comuns.

Para Coutinho (2011) a investigação explica fenômenos sociais já que tem função cognitiva e de indagação e para isso se alicerça na sistematização, flexibilidade e objetividade. A autora ainda reforça que é a partir do surgimento dos problemas da investigação que ideias inovadoras aparecem e novos debates são propostos.

A presente pesquisa se assenta no paradigma qualitativo

Também podemos classificar esta pesquisa como exploratória, por apresentar menos rigidez no planejamento e normalmente envolver revisão bibliográfica, documental e entrevistas (Gil, 2008).

Para evitar qualquer tipo de controvérsia, optou-se por delinear detalhadamente o papel da investigadora e os objetivos do estudo, além da área de investigação, já que as duas áreas temáticas que circundam a pesquisa, o jornalismo e a audiodescrição, são amplas e com muitas vertentes, usos, técnicas e características específicas.

2.2 PARTICIPANTES

Esta investigação contou com a participação voluntária de pessoas com deficiência visual (com cegueira e baixa visão, congênita ou adquirida) e especialistas na área de audiodescrição. Os primeiros, um grupo de pessoas com deficiência visual que assiste televisão, busca informação por esse meio de comunicação e, forneceram ao estudo dados sobre o consumo que fazem dos conteúdos exibidos nesta mídia, suas críticas e propostas do que poderia melhorar nessa mídia. A técnica de amostragem utilizada para este primeiro instrumento foi a bola de neve, onde o pesquisador inicia a coleta de dados a partir de uma "semente" (informantes-chaves de uma determinada população), a população atingida indica outros contatos com as mesmas características e assim o quadro de amostragem cresce.

Os critérios para participação do primeiro grupo foram: os participantes deveriam ser pessoas com deficiência visual (cegueira ou baixa visão); terem idade igual ou superior a 18 anos e que consentir participar do estudo de forma voluntária e anônima, reconhecendo que a utilização confidencial dos dados obtidos se destina, apenas, a fins científicos.

Já o segundo grupo de participantes, são especialistas na área de audiodescrição, com experiência tanto na produção deste recurso em diferentes espaços e mídias, quanto na produção de conhecimento científico nesta área. A experiência e vivência desses experts trouxe ao estudo embasamento técnico e prático atualizado sobre o que foi mapeado tanto na revisão bibliográfica, quanto na hipótese apresentada pela pesquisa.

A técnica de amostragem utilizada para este segundo grupo foi a amostra intencional, onde os dados colhidos tinham natureza mais qualitativa do que quantitativa, para isso levou-se em consideração para a amostra as características deste grupo mais relevantes

para o estudo (Gil, 2002). Alguns dos critérios para a escolha desses especialistas foram: experiência comprovada e reconhecida na audiodescrição, conhecimento e vivência com audiodescrição em diferentes países, formatos e mídias e disponibilidade para participação no estudo sem preservação do anonimato, o que foi previamente perguntado.

Para todo o universo de participantes do estudo, a pesquisadora optou por buscar participantes em espaços diversos, com idades, vivências, experiências e opiniões diferentes para o enriquecimento cultural e social da amostra e para uma análise com perspectivas diferenciadas, isso também foi feito a fim de se atender aos critérios de representatividade e intencionalidade que são características da investigação ação.

Os entrevistados foram: Joel Snyder, Lara Pozzobon, Josélia Neves, Pablo Romero Fresco, Eliana Franco, Lívia Motta e Letícia Schwartz.

Joel Snyder é norte americano, tem doutoramento e é presidente da '*Audio Description Associates*', Diretor de projetos de audiodescrição da '*American Council of the Blind*' e autor do Guia para histórias e aplicações de audiodescrição e do manual '*The Visual Made Verbal: A Comprehensive Training Manual*'. Snyder foi uma das primeiras pessoas a trabalhar com audiodescrição, tendo iniciado seu trabalho na área em 1981. Também é premiado por promover a audiodescrição e por ter a sua carreira voltada a essa causa. Lara Pozzobon é brasileira, mas mora nos EUA, é doutora em literatura comparada, audiodescritora e diretora do Festival 'Assim vivemos', que foi o primeiro festival de cinema no Brasil a oferecer acessibilidade a pessoas com deficiência visual (audiodescrição em todas as sessões e catálogos em Braile) e a pessoas com deficiência auditiva (legendas *Closed Caption* nos filmes e interpretação em LIBRAS nos debates). Josélia Neves é portuguesa e vive no Catar. É doutora em estudos de tradução, professora universitária, tradutora e liderou uma série de projetos de pesquisa com parceiros na mídia, museus e espaços culturais, artes cênicas e educação. Seu interesse especial está em desenvolver projetos de pesquisa-ação que contribuam para tornar os

ambientes de comunicação acessíveis a todos. Ela se considera uma ativista social pela inclusão.

Pablo Romero Fresco nasceu e vive na Espanha. É cineasta, pesquisador, professor universitário e autor de guias sobre cinema acessível. Ele também faz parte do conselho editorial do *'Journal of Audiovisual Translation'* (JAT) e atualmente está trabalhando com vários governos, universidades, empresas e associações de usuários em todo o mundo para apresentar e melhorar o acesso a eventos ao vivo para pessoas com deficiência auditiva.

Eliana Franco é brasileira e mora em Portugal. É doutora em Letras e especialista em tradução audiovisual. Como docente, passou por várias universidades do Brasil e fundou o grupo de pesquisa TRAMAD (Tradução, Mídia e Audiodescrição) na UFBA, o qual coordenou por 10 anos. Foi uma das precursoras do ensino de tradução audiovisual, principalmente legendagem para surdos e audiodescrição para pessoas com deficiência visual. Também presta serviços como tradutora e audiodescritora.

Livia Motta é brasileira, professora doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Trabalha como audiodescritora e professora de cursos de audiodescrição desde 2005, tendo assumido, em seguida, a coordenação dos recursos de acessibilidade comunicacional no Teatro Vivo, o primeiro teatro brasileiro com acessibilidade para pessoas com deficiência visual e mais tarde, também, para pessoas com deficiência auditiva e surdos. Dedicou-se à aplicação da audiodescrição em espetáculos, filmes, eventos acadêmicos e corporativos, na escola, em eventos sociais e à descrição de imagens estáticas para livros e outras mídias.

Letícia Schwartz é brasileira, mestre em artes cênicas, especialista em audiodescrição e atua na produção de audiodescrição e de legendas para surdos e ensurdecidos (LSE). Também é coordenadora de produção da Mil Palavras Acessibilidade Cultural. Ela trabalha com audiodescrição em ambientes culturais, audiovisual e também tem experiência em debates políticos.

2.3 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

São muitas as técnicas e os instrumentos de recolha de dados que podem ser usados numa pesquisa científica. A escolha deve ser feita levando-se em consideração a pesquisa a ser realizada, o contexto e as circunstâncias da investigação.

Para a obtenção de dados desta pesquisa, optou-se por utilizar as seguintes técnicas de coleta de dados: inquérito por questionário, inquérito por entrevista.

2.3.1 Questionário

O questionário foi o instrumento escolhido para coletar dados que auxiliassem na identificação de necessidades das pessoas com deficiência visual no consumo de notícias veiculadas nos telejornais, que é o primeiro objetivo específico desta pesquisa.

Esta escolha levou em consideração ainda a possibilidade dada pelo instrumento do preenchimento ser feito no momento mais conveniente pros participantes, além da possibilidade de atingir um número grande de pessoas de lugares e vivências diversas.

Este questionário (Anexo 1) contou com 8 perguntas (de respostas abertas e fechadas), divididas em duas partes. Na primeira parte o objetivo foi traçar um perfil dos participantes do estudo. Para isso, foram incluídas perguntas sobre grau de escolaridade, tipo de deficiência visual, idade e gênero. Já na segunda metade as perguntas tiveram foco no consumo de telejornais sem ferramentas de acessibilidade. Optou-se pelo uso de perguntas de respostas fechadas, por meio de múltipla escolha, para que o resultado apresentasse um mapeamento mais preciso da população; e as perguntas de respostas abertas para que houvesse uma maior liberdade na redação, permitindo que os informantes usassem linguagem própria e emitissem suas opiniões (Lakatos e Marconi, 2007), principalmente nas questões mais propositivas, onde se desejava entender as necessidades individuais e desejos das pessoas com deficiência visual com relação ao tema tratado.

A primeira versão do questionário foi submetida às orientadoras desta pesquisa para avaliação da pertinência das questões e resultou numa versão mais bem delimitada e objetiva das perguntas. Após essa revisão, realizou-se um pré-teste com uma amostra de 8 pessoas (sendo 4 pessoas com deficiência visual e brasileiras e 4 pessoas portuguesas que trabalham diariamente com pessoas com deficiência visual) que fizeram, além do preenchimento, uma avaliação da acessibilidade do documento e uma análise crítica do conteúdo. Geralmente, o pré-teste é realizado, ainda, para avaliar se há clareza no entendimento das questões, se não há qualquer termo pejorativo ou indelicado e ainda se existe a necessidade de inclusão de novas questões. A partir o feedback recebido no pré teste, foram feitas as seguintes alterações:

- Ajuste de erros ortográficos e retirada de termos redundantes.
- Substituição da palavra "compreensão" por "recepção" para tornar as perguntas mais objetivas.
- Separação das perguntas relacionadas ao tipo de deficiência visual (cegueira ou baixa visão) e a natureza da deficiência (congenita ou adquirida) para garantir a clareza dos dados coletados e do universo investigado.

Após os ajustes, o questionário foi finalizado na plataforma online "Google Forms". A pesquisadora fez a divulgação do formulário através de e-mail e redes sociais como Instagram, Facebook, LinkedIn e Whatsapp. Em todas as ferramentas de divulgação foram incluídos, a saber: um resumo do objetivo do estudo com uma apresentação da pesquisadora; um aviso sobre o tempo médio de preenchimento do documento; a necessidade de informações verdadeiras para a validade dos dados, um aviso sobre o caráter voluntário da participação; e o reforço da garantia de anonimato dos participantes.

Este questionário foi dividido em 2 partes seguindo os seguintes objetivos:

- A primeira parte destina-se a identificação dos participantes, características educacionais, informações sobre gênero, idade e tipo de deficiência

- A segunda parte destina-se a identificar os hábitos no consumo de notícias veiculadas em telejornais, as críticas e desafios relacionados a esse conteúdo por parte dos participantes.

2.3.2 Entrevista

As entrevistas são uma das técnicas de observação direta intensiva (Lakatos & Marconi, 2003) e foram usadas com um intuito de criar um diagnóstico do problema apresentado e elencar as opiniões dos entrevistados sobre determinados fatos e realidades distintas, a partir de suas perspectivas e vivências. São variados os estilos de entrevistas e a escolha sobre qual usar fica a cargo do pesquisador. Neste sentido, a entrevista foi o instrumento escolhido para que fosse possível analisar as perspectivas dos especialistas relativamente às técnicas de audiodescrição aplicadas em textos jornalísticos, um dos objetivos específicos do estudo.

Dentre os vários objetivos no uso deste instrumento, nesta pesquisa a entrevista foi usada para averiguação de fatos e determinação de opinião sobre os fatos (Lakatos & Marconi, 2007)

Para este estudo optou-se pelo uso de entrevistas semiestruturadas que foram organizadas num pré roteiro (Anexo 2). O guião de entrevista semi-estruturada também foi submetido às orientadoras deste estudo, o que resultou numa versão mais concisa e objetiva. Também houve a inclusão de uma pergunta que caracterizasse e mapeasse a experiência dos entrevistados na área da audiodescrição.

A versão final do roteiro de entrevista contou com 6 perguntas fixas e em poucos casos houve a inclusão de perguntas de fora do roteiro, já que a técnica escolhida permite esse tipo de inclusão (as transcrições das entrevistas estão nos anexos 4 a 10, incluindo as perguntas adicionais). Numa fase inicial, foi enviado um email (Anexo 3) aos peritos na área da audiodescrição para explicar sucintamente o estudo e a pedir a sua colaboração. A escolha dos entrevistados levou em consideração tempo e relevância no trabalho desenvolvido na área da audiodescrição e todos os 8 participantes convidados aceitaram participar do estudo voluntariamente. A maior parte das entrevistas foi

realizada de forma remota e online, através da plataforma Google Meet e todas essas foram gravadas para posterior análise, as gravações tiveram a autorização pelos especialistas. Apenas uma das entrevistas foi realizada por e-mail.

Duas das entrevistas foram traduzidas porque foram realizadas em inglês. Aqui no estudo incluímos a versão em inglês para ser fiel aos dados coletados, mas nos instrumentos foram utilizadas as versões traduzidas para facilitar a codificação e também para tornar o texto acessível a pessoas que porventura não tenham fluência na língua inglesa.

A recolha de dados através da entrevista aconteceu de 6 de outubro de 2020 a 6 de novembro de 2020.

2.4 Técnicas de análise dos dados

Para tratamento dos dados coletados através dos instrumentos utilizados na pesquisa, a técnica escolhida foi a análise de conteúdo.

Segundo Bardin (2015), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, onde se utilizam procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens e dados qualitativos. Para a implementação e desenvolvimento deste método, tem de se levar em consideração a semântica, figuras de linguagem, entrelinhas e outros aspectos próprios das análises de comunicações.

Campos (2004) divide o método de análise de conteúdo em duas áreas opostas: uma onde reside a linguística tradicional e na outra onde reside a interpretação do sentido das palavras, também conhecida como hermenêutica.

Sobre as etapas para a produção do resultado, Bardin (2015) e Puglisi & Franco (2005) dividem a análise de conteúdo em 3, que foram seguidas na construção desta pesquisa, são elas: Fase de pré análise, onde se faz escolha dos documentos que serão analisados, preparação e organização dos dados e a leitura flutuante do conteúdo. A seguir, passa-se a etapa de exploração do material, de onde são criadas as unidades de análise, divididas em: unidades de contexto e unidades de registro. As primeiras são mais

amplas, gerais e dão sentido às segundas que podem ser palavras, frases, temas, item, discurso ou personagem. Finalmente, chega-se ao tratamento dos dados, a partir das etapas de categorização do material, descrição e a análise, de onde surgem as inferências e interpretações do pesquisador.

A aplicação do questionário foi realizada utilizando a ferramenta Google Forms e os dados obtidos a partir do preenchimento dos 70 respondentes foram exportados através do software Microsoft Excel. Os dados quantitativos obtidos através das perguntas 1.1, 1.2, 1.3, 1.4, 1.5 e 1.5.1 foram reunidos em gráficos a fim de identificar o perfil dos respondentes.

As perguntas 2.1 e 2.2 já fazem parte da segunda parte do questionário que se destinava a mapear os hábitos de consumo de telejornais e as dificuldades encontradas nesses conteúdos por parte das pessoas com deficiência visual.

Já a análise de conteúdo realizada através das respostas às perguntas abertas 2.3 “Caso considere que outra opção afeta a recepção da notícia, indique qual?” e 2.4 “Em sua opinião, quais as mudanças que poderiam ser feitas na apresentação das notícias para que elas fossem mais acessíveis a pessoas com deficiência visual?” foram categorizadas e subcategorizadas, a saber:

Tabela 1: Categorias e subcategorias de análise de conteúdo das respostas à pergunta aberta "Caso considere que uma outra opção afeta a recepção da notícia, indique qual"

Categorias	Subcategorias
Fatores que afetam a recepção das notícias	Não descrição da vestimenta
	Não descrição de informações na tela
	Falta de tradução de legenda em português para conteúdos em língua estrangeira
	Falta de dublagem em conteúdos em língua estrangeira
	Falta de descrição das pessoas e dos locais
	Excesso de informações na tela
	Falta de descrição em geral
	Falta de descrição dos acontecimentos
	Excesso de ruído

Tabela 2: Categorias e subcategorias a partir da análise de conteúdo das respostas à pergunta " Em sua opinião, quais as mudanças que poderiam ser feitas na apresentação das notícias para que elas fossem mais acessíveis a pessoas com deficiência visual?"

Categorias	Subcategorias
Sugestões para produções mais acessíveis	Mais audiodescrição
	Dublagem
	Leitura de legendas
	Tradução
	Treinamento
	Mobilização das pessoas com deficiência
	Descrição mais detalhada
	Tempo

Já para realização da análise de conteúdo das entrevistas com os especialistas em audiodescrição, 7 das 8 entrevistas foram transcritas (uma já estava escrita) e elas foram incluídas integralmente nos anexos deste estudo. Josélia Neves (Anexo 4), Livia Mota (Anexo 5), Letícia Schwartz (Anexo 6), Eliana Franco (Anexo 7), Pablo Romero Fresco (Anexo 8), Lara Pozzobon (Anexo 9) e Joel Snyder (Anexo 10 em português, com tradução livre) e (Anexo 11, em inglês).

Após a leitura atenta dos dados recolhidos na entrevista, os dados foram reunidos em três categorias principais:

- Uso de técnicas de audiodescrição em telejornais.
- Como tornar os jornalísticos mais descritivos
- Soluções para produções mais acessíveis

Após uma análise mais aprofundada, para cada uma das categorias descritas acima foram elencadas também subcategorias:

Para o primeiro aspecto relacionado ao mapeamento junto aos especialistas sobre a viabilidade do uso de técnicas da audiodescrição nos textos jornalístico e para responder a questão 3 “Considera que as técnicas de audiodescrição usadas em outros conteúdos e espaços podem ser utilizadas nos textos jornalísticos exibidos nos telejornais para que eles sejam mais descritivos?” Foram elencadas sete subcategorias dentro da categoria “Uso de técnicas de audiodescrição em telejornais”.

Tabela 3 - Categorias e subcategorias de análise de conteúdo sobre a viabilidade do uso de audiodescrição nos textos jornalísticos.

Categorias	Subcategorias
Uso de técnicas de audiodescrição em telejornais	Vantagens do uso das técnicas
	Importância da audiodescrição
	Feita por Jornalistas
	Importância do profissional audiodescritor
	Função do audiodescritor
	Invisibilidade do audiodescritor
	Respeito as regras do jornalismo

Já para responder a 4ª questão "O telejornalismo é caracterizado por rapidez de produção nos textos, reportagens com muitas imagens e poucos espaços de silêncio, notícias urgentes com pouco tempo de preparação prévia, que são essenciais ao grande público. Na sua opinião, o que deve ter prioridade na audiodescrição de telejornalismo? onde deseja-se identificar técnicas e regras prioritárias sugeridas para essa produção foi escolhida uma categoria e seis subcategorias.

Tabela 4 - Categorias e subcategorias de análise de conteúdo sobre os itens prioritários para a descrição de imagem acessível a pessoas com deficiência visual.

Categorias	Subcategorias
Como tornar os textos jornalísticos mais descritivos	Respeito aos princípios básicos da audiodescrição
	Respeito aos elementos norteadores
	Possibilidades e formas de fazer
	Trabalho em conjunto do audiodescritor com o jornalista
	Consultoria de um audiodescritor
	Audiodescritor na equipe

A análise de conteúdo também trouxe categorias e subcategorias que não haviam sido pensadas antecipadamente, mas foram criadas a partir dos dados coletados, através de reflexões incluídas nas falas dos especialistas respondendo diferentes questões.

Tabela 5 - Categorias e subcategorias referentes às sugestões e reflexões sobre mudanças importantes para a produção de um telejornalismo mais acessível e inclusivo.

Categorias	Subcategorias
Soluções para produções mais acessíveis	Mudar no fazer jornalístico
	Adaptação
	Formação
	Sensibilização à inclusão
	Visibilidade

2.5 QUESTÕES ÉTICAS

A concepção e realização deste estudo foi inteiramente respeitosa com as questões éticas. Todos os participantes receberam um texto explicativo do estudo antes de participarem, seja do preenchimento do questionário ou da entrevista.

Na aplicação e na coleta dos dados do questionário foi preservado o anonimato das pessoas com deficiência visual.

Na realização das entrevistas com os especialistas em audiodescrição, foi-lhes perguntado, previamente, se desejavam manter o anonimato (e todas as respostas foram negativas) e também foi solicitada, antecipadamente, a autorização para a gravação de áudio e vídeo, exclusivamente para uso deste estudo.

III APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Neste capítulo, serão apresentados os resultados obtidos relacionados aos conteúdos apresentados na revisão bibliográfica, visando responder aos objetivos específicos do estudo. Os resultados obtidos a partir da análise de conteúdo das respostas do questionário e das entrevistas, foram divididos em 4 áreas:

Caracterização dos participantes do questionário, mapeamento do consumo de telejornais por pessoas com deficiência visual, a recepção das notícias por pessoas com deficiência visual, identificação dos especialistas entrevistados no estudo, caminhos para o uso de audiodescrição nos textos jornalísticos e sugestões de melhorias para produções mais acessíveis por especialistas em acessibilidade e pessoas com deficiência visual.

a) Caracterização dos respondentes do questionário

O questionário foi preenchido por 70 pessoas no período de 20 de outubro de 2020 a 18 de janeiro de 2021. Como já explicado, na primeira parte do questionário as perguntas tinham foco em mapear o perfil dos participantes.

Verificou-se que das 70 pessoas respondentes, 55,7% se identificaram como sendo do gênero feminino e 44,3% do gênero masculino. Neste questionário, optou-se por não aprofundar as perguntas com relação à identidade de gênero. Como relação a idade, a variação foi de 18 a 61 anos, com maior incidência de pessoas na faixa dos 35 a 45 anos. Sobre o nível de escolaridade, 60 % informaram ter nível superior, 35,7% ensino médio, 2,9% disseram ter ensino fundamental e 1,4% se identificaram com a opção sem escolaridade.

Tendo em vista que nos requisitos da pesquisa, recorte era direcionado às pessoas com deficiência visual, na pergunta sobre a classificação da deficiência entre cegueira e baixa visão, observou-se que: 82,9% dos entrevistados são pessoas cegas e 17,1% são pessoas com baixa visão.

Já com relação a natureza da deficiência entre congênita (característica do indivíduo ao nascer ou mesmo antes do nascimento) e adquirida (contraída no decorrer da vida) os resultados obtidos foram:

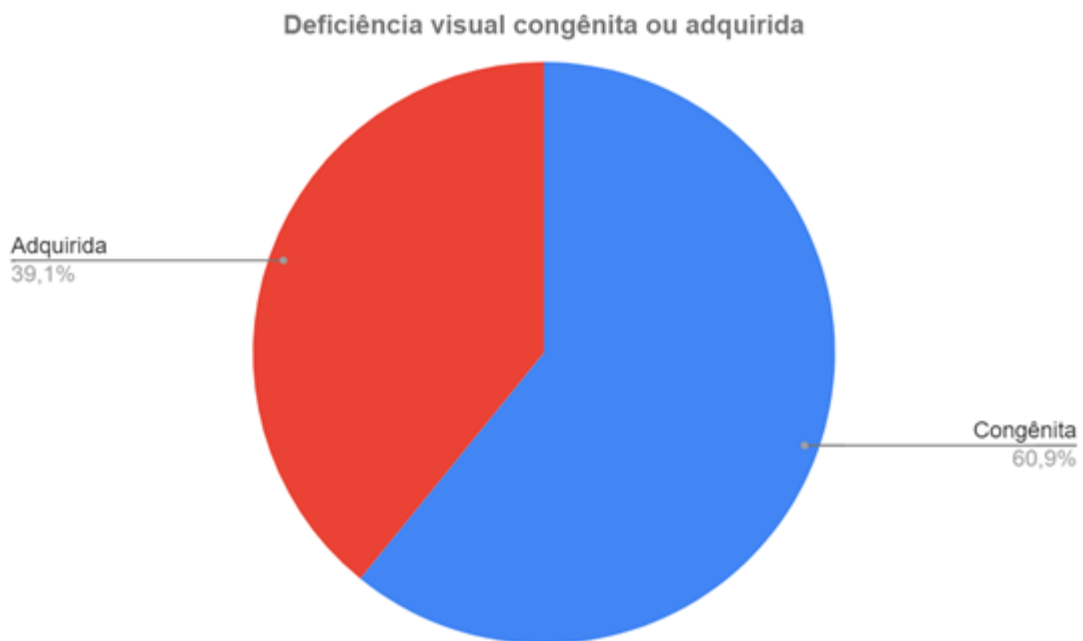


Gráfico 1: Natureza da deficiência visual

Para aprofundar ainda mais o perfil desses participantes, o questionário ainda incluía uma pergunta para os entrevistados que se identificavam como pessoas com deficiência visual adquirida. Para estes, perguntou-se a quanto tempo a deficiência afeta as rotinas do dia-a-dia. Os resultados obtidos foram (Gráfico 1):

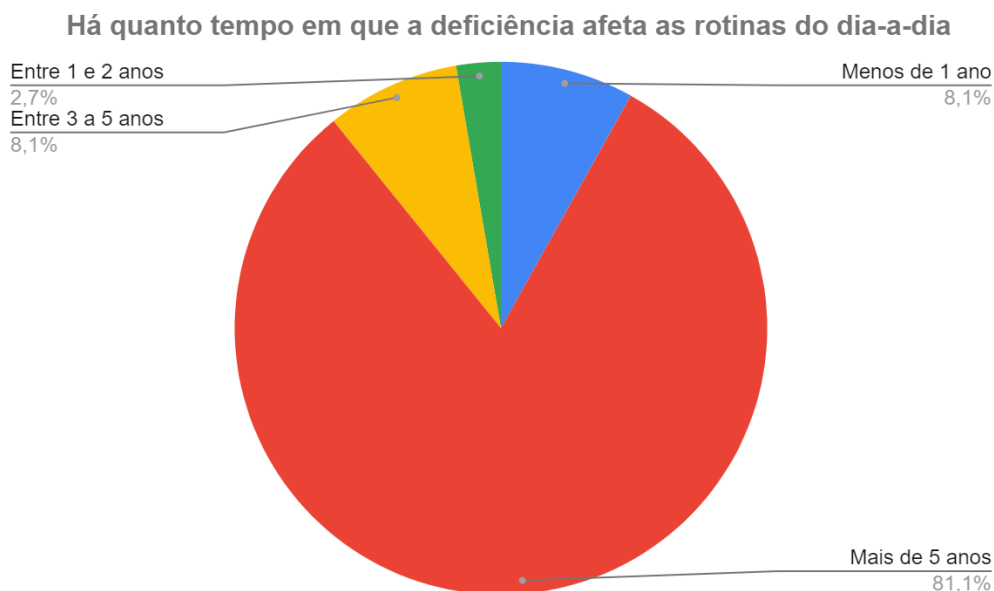


Gráfico 1: Tempo em que a deficiência adquirida afeta as rotinas do dia-a-dia.

Estas duas perguntas nos deram a dimensão do tempo de contato com os conteúdos jornalísticos, telejornalísticos e noticiosos que os respondentes têm e abriram caminho para o entendimento dos desafios e críticas presentes nas respostas a seguir.

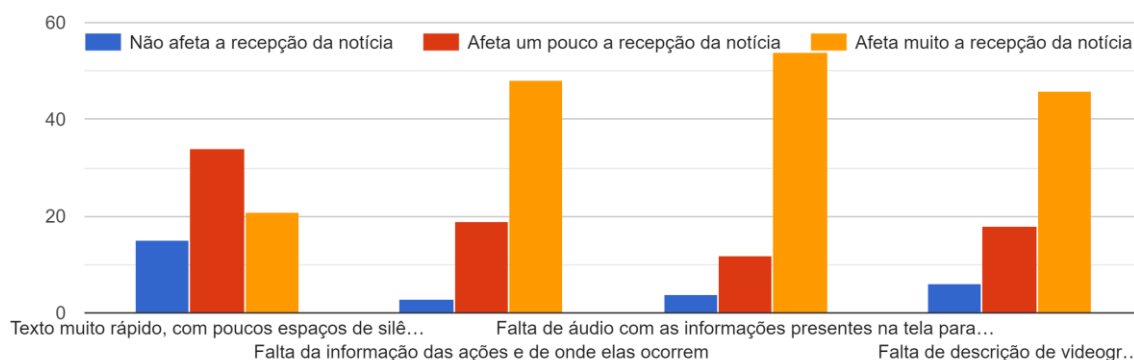
b) Consumo de telejornais pelas pessoas com deficiência visual

Na segunda parte do instrumento, as perguntas tinham como objetivo principal mapear o consumo de telejornais pelas pessoas com deficiência visual, os dados obtidos foram reunidos nas seguintes categorias que foram definidas a priori (Puglisi e Franco 2005) tendo em vista que o objetivo era a busca de uma resposta específica da investigadora. Sobre o consumo de telejornais, o questionário apresentou 2 perguntas fechadas e 2 perguntas abertas com dois objetivos principais: primeiro, entender qual o nível de consumo do que existe hoje e como se dá o entendimento das notícias a partir do que é ofertado pelas emissoras de televisão.

E, no segundo momento, a proposta foi abrir espaço para que as pessoas com deficiência visual pudessem expor os problemas que identificam na produção dessas notícias e em terceiro, a pesquisa traz dados do que os respondentes propõem como alternativas para que esses noticiários sejam mais acessíveis.

Dos 70 entrevistados, 74,3% assistem telejornais diariamente, 8,6% semanalmente e 14,3% raramente e 2,9% dos entrevistados afirmou nunca assistir esses conteúdos. Isso aponta que o que aponta que 97% dos participantes têm algum contato com o objeto do estudo.

2.2. Você acredita que alguma das opções abaixo indicadas de um modo geral podem afetar a recepção das notícias exibidas nos telejornais?



A questão 2.2 do questionário apresentou alguns itens retirados do que é produzido e assistido nos telejornais atualmente, para investigar quanto esses itens afetam a recepção das notícias pelas pessoas com deficiência visual. Os entrevistados informaram que:

- Textos muito rápidos com poucos espaços de silêncio

22 dos entrevistados informaram afetar um pouco a recepção das notícias, 11 informaram afetar muito e 6 disseram que não afeta a recepção das notícias.

- Falta da informação das ações e de onde elas ocorrem

27 informaram que afeta muito a recepção das notícias, 11 que afeta um pouco e 1 disse que não afeta a recepção das notícias.

- Falta de áudio com as informações presentes na tela para além das imagens (como legendas, placas e créditos)

29 dos entrevistados informou que para eles, esse item afeta muito a recepção das notícias, 8 informaram que afeta pouco e 2 apontaram que para eles esse item não afeta.

- Falta de descrição de videografismos (infográficos, mapas, charges, vinhetas e artes em geral)

29 dos entrevistados disseram que afeta muito a recepção das notícias, 8 que afeta pouco e 2 disseram que não afeta.

Muitos entrevistados citam que descrições mais detalhadas, texto mais descritivo poderiam facilitar o entendimento do que se passa nas notícias, eles não citam a audiodescrição, mas sim uma descrição das imagens e das informações visuais. Alguns entrevistados sugerem regras que poderiam ser adotadas por jornalistas ao informarem as notícias, como:

- Informarem o próprio nome, se apresentarem antes de começar a falar.
- Informarem onde se passa a ação ou o lugar que é exibido nas imagens.
- Citação de onde os eventos vão acontecer, quando a notícia é sobre a divulgação de algum evento, falar mais lentamente, notícias em língua estrangeira sempre traduzidas.

Dos 66 participantes do estudo, 21 responderam essa questão informando outros itens (não contemplados no questionário) que atrapalham o entendimento das notícias.

Um dos fatores bastante citado pelos participantes é o fato de as notícias faladas em língua estrangeira não terem tradução, geralmente têm legendas que não são lidas e informadas via áudio.

Os entrevistados citam a inclusão de audiodescrição como solução para que as notícias sejam compreendidas melhor pelas pessoas com deficiência visual.

Ao serem perguntados se para além das questões apresentadas no questionário, havia outros itens que afetam a recepção da notícia, os entrevistados informaram que:

- As vestimentas e os locais onde as ações ocorrem poderiam ser audiodescritos
- Criticaram o excesso de informações na tela, que passam ao mesmo tempo em que a notícia é falada. Segundo o entrevistado A "isso causa uma poluição visual que causa uma confusão, principalmente para quem tem baixa visão".
- Criticaram os comerciais onde o telefone aparece na tela e não é informado por meio de áudio.
- O entrevistado B informou que "o excesso de ruído pode afetar o entendimento do que está sendo dito e isso pode afetar a recepção da notícia", outro entrevistado ainda reforça que outro fator que atrapalha a recepção das notícias é a falta de audiodescrição em geral. Ele diz: "precisaríamos ter áudio descrição em todas as apresentações dos telejornais, seja em que matéria for".

3.2 SUGESTÕES DOS USUÁRIOS PARA MELHORIA NA ACESSIBILIDADE DAS NOTÍCIAS EXIBIDAS NOS TELEJORNAIS

Quando perguntados sobre quais as mudanças que poderiam ser feitas na apresentação das notícias para que elas fossem mais acessíveis a pessoas com deficiência visual, os entrevistados propuseram o seguinte:

- O entrevistado 1 acredita que a utilização da audiodescrição resolveria, se não todas, a maior parte das questões apresentadas na questão anterior. Essa solução é apresentada de maneira direta em 13 das 39 respostas.
- O entrevistado 2 aborda a questão da construção do texto que geralmente usa pronomes demonstrativos: "É importante ter atenção ao uso inadequado de pronomes demonstrativos, pois o que está sendo indicado/apontado não está sendo visto, desta forma, o entendimento será prejudicado. Por exemplo: "...este item é o mais relevante..." (este? que este? qual dos itens está sendo apontado?); "O homem morreu na frente daquela construção" (que construção? de uma casa? de um prédio?)"
- Outras soluções também são abordadas: como a solicitação de que as falas sejam ditas de maneira mais pausada para facilitar a recepção da pessoa com deficiência visual, o aumento de opções de conteúdos acessíveis para que as pessoas com deficiência tenham mais opções; letras maiores nos textos escritos na tela para que a leitura seja possível para pessoas com baixa visão;
- Leitura de toda a informação imagética presente na tela (legendas, mapas, gráficos).
- Um dos entrevistados aborda a necessidade de os repórteres colaborarem na causa da acessibilidade, já que
- Descrições mais detalhadas dos locais onde as ações acontecem, dos vídeos exibidos, do figurino de apresentadores, das imagens estáticas, da fisionomia, cenário de estúdio

- Outro entrevistado cita a necessidade de as informações serem passadas de forma mais precisa.
- Na divulgação de eventos, citar a localização com mais clareza
- Um dos participantes sugere que os repórteres digam o próprio nome, porque essa informação geralmente aparece em texto na tela.
- Outra proposta é que as respostas sejam mais diretas, bem espaçadas e com direcionamento.

3.3 O QUE DIZEM OS EXPERTS EM AUDIODESCRIÇÃO?

As entrevistas com os *experts* em audiodescrição e acessibilidade foram realizadas individualmente durante os meses de outubro e novembro de 2020 em formato de videoconferência *online*. Foram 7 entrevistas com especialistas reconhecidos na área de audiodescrição pela produção técnica e/ou acadêmica e escolhidos pela autora da pesquisa. Nenhum dos entrevistados solicitou que o anonimato fosse preservado e todos autorizaram que as entrevistas fossem gravadas (áudio e vídeo), essas duas perguntas foram feitas antecipadamente. O guião preparado para essas entrevistas tinha formato semiestruturado com 6 perguntas fixas, ou seja, iguais para todos os entrevistados. Apenas em algumas entrevistas foram incluídas outras perguntas para que o tema fosse mais aprofundado (todas as entrevistas estão transcritas nos anexos da pesquisa).

Além de serem de nacionalidades diferentes, alguns dos entrevistados moram fora do Brasil, uma escolha intencional para que aspectos da audiodescrição em outros países também pudessem ser apresentados.

Ao serem perguntados sobre o contato que tiveram com audiodescrição para telejornais e noticiários, todos os entrevistados informaram que nunca produziram este tipo de conteúdo e que também nunca assistiram.

No tratamento dos dados obtidos nas entrevistas, buscou-se analisar o conteúdo de forma vertical e horizontal, ou seja, fez-se uma análise do conteúdo das sete entrevistas individualmente e em sua totalidade, assim foi possível entender a trajetória individual

dos entrevistados, das entrevistas e todos os assuntos abordados em todas as conversas, e, no caso da leitura horizontal, foi possível esmiuçar os temas que atravessam todos os discursos. Assim, a análise de conteúdo foi essencialmente qualitativa.

Os dados obtidos nas entrevistas com especialistas da área de audiodescrição foram elencados nas seguintes categorias:

Para Puglisi e Franco (2005) boas categorias são aquelas que possibilitam mais resultados férteis do ponto de vista da possibilidade de se fazer inferências a partir delas, que chegam a novas hipóteses e que são relevantes para o aprofundamento de teorias proporcionando mudança de práticas, tornando-as mais críticas, construtivas e transformadoras.

Com relação ao material coletado nas entrevistas, a definição das categorias foi feita a posteriori e a partir do material coletado, tendo surgido dos discursos e falas recolhidas que abriram novas oportunidades para a investigação.

- Possibilidade de uso de audiodescrição em telejornais
- Item prioritário na descrição de imagens em telejornais
- Pesquisas, trabalhos e estudos na área de audiodescrição para telejornalismo
- Transformações na produção acessível.

Análise das entrevistas com especialistas em audiodescrição

Sobre a possibilidade de uso de técnicas de audiodescrição para tornar os textos dos telejornais mais descritivos, os entrevistados compartilharam suas opiniões:

Livia acredita ser formidável a ideia de que os jornalistas tornem seus textos mais descritivos a partir do uso das técnicas de audiodescrição, já que entendendo a natureza do conteúdo telejornalístico como é praticado hoje, com muitas imagens e conteúdo em áudio a maior parte do tempo, seria difícil inserir unidades descritivas em trilha de áudio adicional.

"Porque num telejornal é muito rápido, o conteúdo e as imagens de cobertura passando, não necessariamente você consegue fazer a audiodescrição delas porque tem a fala ali o tempo todo e a sobreposição não é legal. Então é muito importante que os profissionais do jornalismo tenham essa noção do que é o recurso para poderem incluir nas suas falas e suas matérias elementos mais descritivos, que permitam que a pessoa cega se contextualize muito mais e a pessoa que enxerga também consiga compreender o conteúdo e perceber detalhes. Essa narrativa misturada com descrição, vai permitir isso."

Josélia concorda que a descrição das imagens nos telejornais beneficia os videntes, além das pessoas com deficiência visual e fala ainda sobre a importância de se pensar audiodescrição desde o início da produção:

"Todo o jornalismo ser audiodescritivo na partida e não só para a pessoa cega, porque eu não acredito na audiodescrição para a pessoa cega, acredito na audiodescrição para todos, porque aquela informação que é dada é muito importante para um vidente porque orienta o olhar, ajuda a pessoa a focalizar na informação mais importante e também orienta a interpretação daquilo que está a ser visto".

Sobre isso Joel Snyder questiona:

"Qual a porcentagem de pessoas coladas à TV, olhando para a tela a cada segundo? É relativamente pequena. As pessoas estão assistindo às notícias enquanto lavam a louça, ou jantam, ou estão de costas para a tela da TV. Essas pessoas não conseguem ver sobre o que você está falando. E se você não usar linguagem descritiva, o que você está dizendo não será acessível a elas. Então, realmente, é uma boa técnica para qualquer pessoa, para jornalistas, apresentadores da previsão do tempo, para qualquer pessoa que faça parte do meio visual".

Lara concorda que os textos jornalísticos podem ser mais descritivos, desde que os jornalistas façam isso desde o início da produção. Ela reforça que a inserção de uma outra voz (a do audiodescritor), como é feito em outras produções também pode ser feita no telejornalismo, mas devido aos curtos e raros espaços de silêncio comuns nos telejornais, a precisão das descrições deve ser ainda maior.

“É uma coisa muito precisa, mais do que num filme, uma ficção que já precisa ser cirúrgica. Quando a pessoa respira, você aproveita para inserir a audiodescrição ali naquela hora. Acho que você precisa mais do que uma precisão cirúrgica, também tem que achar o jeito de dizer o que está na imagem através das falas dos outros”.

Livia chama a atenção para o papel do jornalista ou de qualquer profissional ao tornar o conteúdo mais acessível, neste caso por meio da descrição de imagem, que é em primeira instância ampliar o entendimento. "É fornecer elementos que permitam essa construção imagética e, principalmente, essa ampliação do entendimento. Você quer que o público tenha acesso a essa informações para que a compreensão aconteça", diz Joel apresenta um outro ponto importante sobre a linha tênue entre descrever e explicar uma cena para pessoa com deficiência visual.

"Escrita descritiva significa descrever, não explicar. Nós mostramos, não explanamos. Eu acho que bons escritores, inclusive na área do jornalismo, contribuiriam muito mais se fossem mais objetivos. (...) Jornalistas seriam melhores se estudassem descrição e os conceitos da objetividade no uso da língua. Eu acho que isso contribuiria para o jornalismo, e contribuiria para a melhora da comunicação, em geral".

Por outro lado, Eliana Franco defende a necessidade de um audiodescritor para a produção de conteúdos acessíveis a pessoas com deficiência visual, mesmo no jornalismo, já que é uma atividade diferente da atividade jornalística.

“Acho imprescindível a figura do audiodescritor. Porque o jornalista tem uma função. Ele tem que transmitir um conteúdo que já está na cabeça, aquele formato que ele tem que transmitir. É claro que ele pode ser mais descritivo no que ele vai falar, mas eu acho que é uma outra preocupação de um outro profissional que vai complementar as informações que ele está dando”.

Com relação às técnicas de audiodescrição que podem ser usadas no texto telejornalístico para que eles sejam mais descritivos, alguns entrevistados elencaram quais são os cuidados que devem ser tomados e quais parâmetros usar:

Para Lívia, as unidades descritivas têm que ser pequenas para não sobrepor as falas em off e precisam complementar a fala, porque em muitos casos, as fala dos entrevistados já têm muitos elementos informativos. Assim, a audiodescrição serviria para complementar isso. Ela reforça ainda os princípios norteadores da audiodescrição, que poderiam direcionar o trabalho dos jornalistas na tentativa de tornar os textos mais descritivos. Para ela, as perguntas: "o que, quem, onde, quando e como?" vão permear tudo. "Por exemplo: numa notícia num bar, na orla, você já contextualiza ali como é essa bar ou essa orla, quantas pessoas estão presentes e etc", exemplifica.

Letícia defende a ideia do jornalista ser apto a construir uma audiodescrição muito breve:

"Eu não chamaria nem de audiodescrição, mas sim de um texto com informações que tornem aquilo acessível. Por exemplo: 'texto na tela preta com letras brancas' ele não vai dizer isso, mas vai ler aquele texto. Não vai descrever o entrevistado, mas vai mencionar o nome. Ou seja, são informações que tornam aquilo mais acessível”.

Eliana reforça que os princípios a serem seguidos, são os mesmos da audiodescrição para tornar qualquer texto mais descritivo, onde não se deve resumir, não há interpretação e nem antecipação.

Letícia aborda ainda um aspecto ligado às escolhas gramaticais dos jornalistas que deve ser acionado quando eles apresentam as notícias . Para ela, toda vez que um jornalista faz referência a uma imagem ("veja isso", "na imagem do cinegrafista amador", "olha isso") ali deve ter audiodescrição, porque o jornalista está chamando atenção para uma imagem que grande parte das pessoas não está vendo. Joel também enfatiza a importância da atenção a frases e palavras que fazem referência a informação visual e que parte do público não consegue acessar.

"Ao que me parece, a pessoa que diz "pode ver" não se importa, de fato, se conseguem ver ou não. Por que não usar esse tempo para se referir diretamente para o que se está apontando? Ou seja, use linguagem descritiva em situações nas quais quer enfatizar algo visual. Utilize a linguagem descritiva e, ao fazer disso um hábito, mesmo quando não for uma ênfase em particular.

A professora Josélia recomenda que os jornalistas usem as técnicas de seleção e relevância para selecionar nas imagens o que de fato precisa ser dito. Posteriormente, ele tem que atentar para a redundância, para que o que já é dito na notícia, não seja repetido na descrição da imagem. Ela reforça que as tentativas para tornar as notícias mais acessíveis "têm que ser feitas quando o texto é escrito e não depois".

3.4 PROPOSTAS DE MELHORIA

Para além do uso das técnicas de audiodescrição para tornar os textos mais descritivos, alguns entrevistados sugerem outras ações que podem trazer melhorias e promover acessibilidade nos telejornais.

Josélia propõe que o trabalho jornalístico seja realizado de maneira conjunta, com, se possível, um audiodescritor dentro da equipe de jornalismo, como acontece com alguns intérpretes de língua de sinais. Assim, ela acredita numa expansão na área de intervenção do audiodescritor.

"O que pode ser feito é que pode ser um trabalho em equipe e haver audiodescritores de jornalismo que trabalham nas redações dos jornais. Como existe um paginador, como existe o design gráfico, o cameraman, também existe um audiodescritor na equipe da redação. Porque não uma equipe a fazer? Não precisa ser só uma pessoa. (...) O audiodescritor pode ser parte desta equipe e trabalhar junto com o jornalista para alargar o território e dar-lhe mais emprego".

Para Livia é possível realizar um trabalho formativo dentro das universidades

"A gente só vai avançar ainda mais nas questões de acessibilidade, quando nas faculdades, nos cursos de licenciatura, for incluída uma disciplina que trate da questão da acessibilidade. Acessibilidade comunicacional, arquitetônica, atitudinal. Porque aí o profissional das mais diferentes áreas já sai em campo preocupado que o seu fazer profissional possa atingir aos mais diferentes públicos. E isso é fundamental."

Letícia também acredita que o trabalho para sensibilização de profissionais deve ser feito desde a formação e isso pode beneficiar profissionais de jornalismo e de outras áreas

"Acho que seria fundamental em vários cursos universitários uma disciplina de audiodescrição, ou melhor, de acessibilidade no geral. Estamos falando aqui de audiodescrição, mas acessibilidade no geral. Acho que isso deveria ter no curso de cinema, de teatro, na pedagogia e no jornalismo. Não com intenção de formar audiodescritores, mas na intenção de que os profissionais dessa área estejam aptos a contratar audiodescritores sabendo o que estão fazendo, o que envolve o nosso trabalho. (...) Pessoas que trabalham em algum meio de comunicação se tivessem alguma base de audiodescrição poderiam estar deixando seus materiais minimamente acessíveis. Pelo menos esses que precisam acontecer de maneira muito rápida ou chegar no público muito rápido.

IV CONCLUSÕES

O objetivo principal deste estudo é avaliar possibilidades para que o texto jornalístico exibido nos telejornais fosse mais acessível às pessoas com deficiência visual. Para isso buscou-se avaliar como é o consumo e recepção das pessoas com deficiência visual das notícias veiculados nos telejornais e apurar com os especialistas em audiodescrição quais as perspectivas deles referentes ao uso de técnicas de audiodescrição que tornem esse texto mais descritivo. Os resultados desta investigação mostram que as pessoas com deficiência visual têm dificuldade na compreensão das notícias por falta da descrição das imagens e a maior parte dos especialistas acha possível o uso de algumas técnicas para que as notícias sejam mais descritivas.

Outra conclusão se refere a alguns trabalhos de base e prévios para que a construção das notícias já leve em consideração o público com deficiência visual. Os especialistas recomendam algumas formas de tornar as questões relacionadas à diversidade e inclusão mais próximo de jornalistas e outros profissionais, reforçando assim a responsabilidade de toda a sociedade na preservação dos direitos das pessoas com deficiência.

A partir das entrevistas realizadas com profissionais da área de audiodescrição, que são especialistas e pesquisadores experientes do assunto concluiu-se que a possibilidade trazida aqui através desse estudo tem caráter inovador e segundo os especialistas, não têm precedência apesar de ser possível de realizar.

4.1 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Apesar dos inúmeros contatos com pessoas individualmente e com grupos de pessoas com deficiência visual, considera-se uma limitação do estudo o número de pessoas que preencheram o questionário. Acredita-se que a limitação tecnológica, já que o questionário deveria ser preenchido em plataforma online, que requer a necessidade de um aparelho com acesso à internet, pode ter sido um dos fatores que explicam o número de preenchimento. Também é possível que o fato de a pesquisa ter sido realizada integralmente durante a pandemia da COVID 19, onde as pessoas tiveram que lidar com assuntos graves e profundas mudanças em suas rotinas, possa ter dificultado estes preenchimentos do instrumento.

4.2 PROPOSTAS PARA ESTUDOS FUTUROS

Para uma fase posterior de estudo nesta área de telejornalismo acessível, é importante investigar como seria a inclusão de profissionais dessa área em outros espaços e em parceria com outras atividades profissionais. Por exemplo: por que não temos audiodescritores trabalhando dentro das redações, fazendo assim parte da equipe de jornalismo?

Também é imprescindível a produção de um manual para telejornalismo acessível, que seria uma espécie de guia para as produções telejornalísticas. Nele poderiam ser incluídas técnicas de descrição de imagens, conteúdo relativo à acessibilidade atitudinal e à inclusão e acessibilidade de uma maneira geral.

Há ainda a necessidade de se pensar alternativas para que a temática da inclusão e o conhecimento sobre ferramentas de acessibilidade cheguem a profissionais de diferentes áreas de conhecimento, além do jornalismo, para que na medida do possível todos se tornem sensíveis à inclusão. Isso pode ser feito através de cursos, oficinas, guias, pesquisas, entre outros. É importante que os profissionais em formação, seja acadêmica ou técnica, tenham desde o início da formação proximidade com as questões

relacionadas à diversidade. É possível que um conhecimento mais abrangente sobre as características dos diferentes tipos de deficiência e, principalmente, sobre as necessidades e direitos desse público, auxilie no progresso das propostas e iniciativas relativas à inclusão de pessoas com deficiência.

Igualmente pertinente é a necessidade de se apresentar a audiodescrição em congressos e eventos de jornalismo, publicidade, cinema e outros. Porque nos eventos de acessibilidade e audiodescrição já existe um conhecimento prévio do tema, entretanto é importante democratizar esse conhecimento para além dos usuários e profissionais da área de acessibilidade, inclusão e audiodescrição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alves, S. F., & Teles, V. C. (2017). Audiodescrição simultânea: propostas metodológicas e práticas. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 56(2), 417-441.

Alves, S. F., & Teixeira, C. R. (2015). Audiodescrição para pessoas com deficiência visual: aspectos cognitivos e estéticos. Santos; Cynthia; Bessa, Cristiane R; LAMBERTI, Flávia (org). *Tradução em Brasília: Editora Verdana*.

Araújo, V. S., Franco, E. P. C. (2011). Questões terminológico-conceituais no campo da tradução audiovisual (TAV). Tradução em Revista 11, v. 2, p. 1-23

Barbeiro, H. Referência: Barbeiro, Heródoto; Lima, Paulo Rodolfo de. Manual de telejornalismo: Os segredos da notícia na TV. Rio de Janeiro: Campus, 2002. 185 p. ISBN 85-352-0994-8.

Bardin, L (2015). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

BRASIL, C. (2009). Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. *Diário Oficial da União*, (163).

Brasil (2015). Presidência da República. Secretaria Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. LEI Nº 13.146. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Recuperado em 13 de julho de 2020 em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm

Bucci, Eugênio. (2009) Definição de jornalismo. https://www.youtube.com/watch?V=e-Vw_ktwea0&t=44s Recuperado em junho de 2020.

Bucci, E. (2004). *Brasil em tempo de TV*. Boitempo Editorial.

Bucci, E. (2008). *Em Brasília, 19 horas: a guerra entre a chapa-branca e o direito à informação no primeiro governo Lula*. Editora Record.

Campos, C. J. G. (2004). Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista brasileira de enfermagem*, 57, 611-614.

Censo, I. B. G. E. (2010). [Http://www. Censo2010. Ibge. Gov. Br/](http://www.Censo2010.Ibge.Gov.Br/)>. Recuperado em 01 de janeiro de 2019.

Carpes, D. S. (2016). *Audiodescrição: práticas e reflexões*. Santa Cruz: Editora Catarse.

Código de ética dos jornalistas brasileiros. [https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo de etica dos jornalistas brasileiros.pdf](https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros.pdf)

Recuperado em 10 de junho de 2020

Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência (2012) Retirado de: http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/convenc_aopessoascomdeficiencia.pdf

Ramos, S. (2011). Clara Pereira Coutinho. 2011. Metodologia da Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática. *Interações: Sociedade e as novas modernidades*, (20).

Classificação brasileira de ocupação. (2002) <https://www.ocupacoes.com.br/cbo-mte/261430-audiodescritor> Recuperado em: 24 de junho de 2020.

De Souza, C. C., & dos Santos, V. M. (2011) A evolução do telejornalismo no Brasil: das locuções radiofônicas às grandes reportagens.

De Lima, F. J., de Melo Vieira, P. A., Rodrigues, E. R., & Passos, S. S. M. Arte, educação e inclusão: orientações para áudio-descrição em museus.

Puglisi, M. L., & Franco, B. (2005). Análise de conteúdo.

Franco, E. P. C., & Silva, M. C. C. C. (2010). Audiodescrição: breve passeio histórico. *Audiodescrição: transformando imagens em palavras*. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 23-42.

Gil, M. (Org.). (2000). Deficiência visual. Cadernos da TV Escola (v. 1). Brasília: MEC
Obtido

Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (Vol. 4, p. 175). São Paulo: Atlas.

Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44).

Lakatos, E. M., & Marconi, M. D. A. (2007). Fundamentos de metodologia científica. 5. Reimp. São Paulo: Atlas, 310.

Lakatos, E. M., & Marconi, M. D. A. (1986). Metodologia científica. In *Metodologia científica* (pp. 231-231).

Lima, F. J., Guedes, L. C., & Guedes, M. C. (2010). Áudio-descrição: orientações para uma prática sem barreiras atitudinais. *Revista Brasileira de Tradução Visual*, 2(2)

David, J., Hautequestt, F., & Kastrup, V. (2012). Audiodescrição de filmes: experiência, objetividade e acessibilidade cultural. *Fractal: Revista de Psicologia*, 24(1), 125-142.

Motta, L. M. V. D. M. (2016). Audiodescrição na escola: abrindo caminhos para leitura de mundo. *Campinas, SP: Pontes Editores*.

Motta, L. (2010). A audiodescrição vai à ópera. *Audiodescrição: transformando imagens em palavras*. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 75.

Naves, S. B., Mauch, C., Alves, S. F., & Araújo, V. L. S. (2016). Guia para produções audiovisuais acessíveis. *Secretaria do Audiovisual, Ministério da Cultura*.

Neves, J. (2011). Guia de Audiodescrição: imagens que se ouvem. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria, recurso eletrônico.

Prodanov, C. C., & de Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição*. Editora Feevale.

Prazeres, S. D., & Parnaíba, C. D. S. (2012). Telejornalismo no Brasil: principais fatos que marcaram os 60 anos dessa prática jornalística. *Bauru: Unesp*.

Reginato, G. D. (2020). Informar de modo qualificado: a finalidade central do jornalismo nas sociedades democráticas. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 17(1), 43-53.

Romero-Fresco, P. (2013). Accessible filmmaking: Joining the dots between audiovisual translation, accessibility and filmmaking. *The Journal of Specialised Translation*, 20, 201-223.

Scoralick, K. (2009). Audiodescrição no telejornalismo: A inclusão das pessoas com deficiência visual por meio da descrição de imagens. In *Intercom. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação-XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro-RJ* (Vol. 4, p. 15).

Snyder, J. (2017). Construindo Imagens com Palavras-Manual de Treinamento abrangente e Guia sobre a História e Aplicações da Áudio-Descrição. *Tradução de Andrea Garbelotti. Recife: Editora UFPE*.

Piovesan, F. (2012). Convenção da ONU sobre os direitos das pessoas com deficiência: inovações, alcance e impacto. *FERRAZ, Carolina Valença et al. Manual dos direitos da pessoa com deficiência. São Paulo: Saraiva*.

Souza, J. A. D., Dandolini, G., Vergara-Nunes, E. L., & Vanzin, T. (2010). Mídias do conhecimento: um retrato da audiodescrição no Brasil.

De Rezende, G. J. (2000). Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial. Summus Editorial.

Secretaria Especial de Comunicação Social da Presidência da República. (2016) Pesquisa brasileira de mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. [Http://pesquisademidia.gov.br/files/E-Book_PBM_2016.pdf](http://pesquisademidia.gov.br/files/E-Book_PBM_2016.pdf).

Segundo, Ú. (2012). IBGE: pela 1ª vez, domicílios brasileiros têm mais TV e geladeira do que rádio. IG, São Paulo, 27.

Torres, E. F., Mazzoni, A. A., & Mello, A. G. D. (2007). Nem toda pessoa cega lê em Braille nem toda pessoa surda se comunica em língua de sinais. *Educação e Pesquisa*, 33(2), 369-386.

Torres, E. F., & Mazzoni, A. A. (2007). O direito de acesso à informação nos meios televisivos: onde está a inclusão?. *Inclusão Social*, 2(1).

Who, W. (2011). World report on disability. Geneva: WHO. [Http://www.anatel.gov.br/legislacao/normas-do-mc/443-portaria-188](http://www.anatel.gov.br/legislacao/normas-do-mc/443-portaria-188), Recuperado em 17 de janeiro de 2019

ANEXOS

ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO

Carta de apresentação do estudo incluída no questionário e enviada aos participantes ao solicitar preenchimento.

Olá! Meu nome é Luana Corrêa, sou jornalista e tenho experiência na gestão e produção de recursos de acessibilidade para audiovisual, espaços e eventos.

Atualmente, estou produzindo minha dissertação de Mestrado em Comunicação Acessível, no Politécnico de Leiria, em Portugal, que tem como objetivo analisar notícias veiculadas nos telejornais para propor formas de as tornar mais acessíveis a pessoas com deficiência visual. Para a validade da minha pesquisa e para que os resultados do estudo sejam atingidos, conto com a sua importantíssima participação respondendo, com sinceridade, este questionário, que tem a intenção de conhecer a sua opinião.

Para garantir o seu anonimato, não são solicitados dados que permitam sua identificação. Os dados obtidos serão utilizados com fins meramente científicos, garantindo, desta forma, a confidencialidade dos mesmos. A participação no estudo é voluntária e você pode optar livremente por responder ou não ao presente questionário.

O tempo estimado para o preenchimento do questionário é de 15 minutos.

Caso queira participar na investigação, por favor selecione as opções que abaixo se apresentam, garantindo os critérios de participação no estudo.

Para mais informações, podem me contactar através do e-mail:

luanacorrea.mca@gmail.com

Muito obrigada pela sua colaboração!

Luana Corrêa

Questionário

Critérios para participação no estudo

- Declaro que tenho deficiência visual
- Declaro que tenho idade igual ou superior a 18 anos
- Declaro que consinto participar deste estudo manifestando o meu interesse voluntário e anónimo, reconhecendo que a utilização confidencial dos dados obtidos será, apenas, para fins científicos.

1. Sobre você:

1.1. Indique a sua idade (campo numérico): ____

1.2. Género:

- Feminino
- Masculino
- Outro

1.3. Nível de escolaridade:

- Sem escolaridade
- Ensino fundamental
- Ensino médio
- Ensino superior

1.4. Qual opção abaixo se aplica à sua deficiência visual:

- Pessoa com cegueira
- Pessoa com baixa visão

1.5. Sua deficiência é:

- Congênita
- Adquirida

1.5.1. Caso seja pessoa com deficiência visual adquirida, há quanto tempo a deficiência afeta as suas rotinas do dia a dia?

- Menos de 1 ano
- Entre 1 a 2 anos
- Entre 3 a 5 anos
- Mais de 5 anos

2. Sobre seu consumo de telejornais:

2.1. Com que frequência você assiste aos telejornais?

- Diariamente
- Semanalmente
- Raramente
- Nunca

2.2. Você acredita que alguma das opções abaixo indicadas de um modo geral podem afetar a recepção das notícias exibidas nos telejornais?

a) Texto muito rápido, com poucos espaços de silêncio

Não afeta a recepção da notícia

Afeta um pouco a recepção da notícia

Afeta muito a recepção da notícia

b) Falta da informação das ações e de onde elas ocorrem

Não afeta a recepção da notícia

Afeta um pouco a recepção da notícia

Afeta muito a recepção da notícia

c) Falta de áudio com as informações presentes na tela para além das imagens (como legendas, placas e créditos)

Não afeta a recepção da notícia

Afeta um pouco a recepção da notícia

Afeta muito a recepção da notícia

d) Falta de descrição de videografismos (infográficos, mapas, charges, vinhetas e artes em geral)

Não afeta a recepção da notícia

Afeta um pouco a recepção da notícia

Afeta muito a recepção da notícia

2.3. Caso considere que outra opção afeta a recepção da notícia, indique qual?

Resposta:

2.4. Em sua opinião, quais as mudanças que poderiam ser feitas na apresentação das notícias para que elas fossem mais acessíveis a pessoas com deficiência visual?

Resposta:

ANEXO 2 - GUIÃO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Nome do entrevistado:

Data da entrevista:

Hora de início:

Duração:

Meio de realização da entrevista: Google meet e zoom

Deseja preservar o anonimato?

Tem alguma objeção em gravar para facilitar a transcrição? Reforço que após a transcrição, este registro será apagado.

A pesquisa visa atender aos seguintes objetivos:

- Identificar as necessidades do público com deficiência visual no consumo de notícias veiculadas na televisão.
- Descrever a acessibilidade dos vídeos jornalísticos exibidos em telejornais.
- Analisar as perspectivas dos especialistas relativamente às técnicas de audiodescrição aplicadas em jornalísticos (E esse é o objetivo específico deste instrumento)
- Analisar as percepções da pessoa com deficiência visual sobre notícias televisivas com audiodescrição.

Perguntas:

1. Há quanto tempo e qual o tipo de trabalho que desenvolve no campo da audiodescrição?

2. Já fez audiodescrição de conteúdo de notícias para telejornais?
3. Considera que as técnicas de audiodescrição usadas em outros conteúdos e espaços podem ser utilizadas nos textos jornalísticos exibidos nos telejornais para que eles sejam mais descritivos?
4. O telejornalismo é caracterizado por rapidez de produção nos textos, reportagens com muitas imagens e poucos espaços de silêncio, notícias urgentes com pouco tempo de preparação prévia, que são essenciais ao grande público. Na sua opinião, o que deve ter prioridade na audiodescrição de telejornalismo?
5. Você conhece algum autor ou profissional que trabalha nesta área de audiodescrição para telejornalismo que possa indicar?
6. Gostaria de acrescentar alguma questão a esta entrevista que esteja faltando/seja pertinente?

ANEXO 3 - MODELO DE E-MAIL CONVITE ENVIADO AOS ENTREVISTADOS E GUIÃO DE ENTREVISTA

SEMIESTRUTURADA.

Caro Sr. ou Sra,

Espero que este e-mail o encontre bem e com saúde. Meu nome é Luana Corrêa, sou jornalista e trabalho há 8 anos com produção audiovisual e projetos acessíveis. Atualmente, estou produzindo minha dissertação, que é o trabalho final do Mestrado em Comunicação Acessível do Politécnico de Leiria, em Portugal. Minha investigação tem como objetivo analisar e propor formas de tornar as notícias veiculadas nos telejornais mais acessíveis para pessoas com deficiência visual.

Em vista de sua enorme experiência e relevância na área, gostaria de entrevistá-lo(a). Acredito que sua participação vai enriquecer muito o estudo e contribuir para o desenvolvimento científico da área.

Caso aceite, a entrevista será feita por videoconferência, em horário e data a combinar, consoante a sua disponibilidade. A entrevista não durará mais do que 20 minutos.

Desde já agradeço e espero que tenhamos essa oportunidade para conversar.

Qualquer dúvida, estou à disposição.

Atenciosamente,

Luana Corrêa

ANEXO 4 - ENTREVISTA JOSÉLIA NEVES

Nome do entrevistado: Josélia Neves

Data da entrevista: 09/10/2020

Hora de início: 11:00

Duração: 1 hora e 07 minutos

Meio de realização da entrevista: Google meet

Deseja preservar o anonimato?

Resposta: Não.

Tem alguma objeção em gravar para facilitar a transcrição? Reforço que após a transcrição, este registro será apagado.

Resposta: Não

A pesquisa visa atender aos seguintes objetivos:

- Identificar as necessidades do público com deficiência visual no consumo de notícias veiculadas na televisão.
- Descrever a acessibilidade dos vídeos jornalísticos exibidos em telejornais.
- Analisar as perspectivas dos especialistas relativamente às técnicas de audiodescrição aplicadas em jornalísticos (E esse é o objetivo específico deste instrumento)

- Analisar as percepções da pessoa com deficiência visual sobre notícias televisivas com audiodescrição.

1 - Há quanto tempo e qual o tipo de trabalho que desenvolve no campo da audiodescrição?

Eu comecei a trabalhar na audiodescrição em 2003. Foram os primeiros contatos com audiodescrição em Londres, fiz depois formação e depois em 2007 comecei a trabalhar em termos profissionais, embora sempre amadores, porque sendo eu investigadora e professora, nunca quis fazer do trabalho. E mais do que isso, eu sou ativista social pela inclusão e nunca quis fazer do meu trabalho, um trabalho remunerado. Embora, acredito que tenha que ser um trabalho pago sim. Há profissionais que têm que ser pagos por esse trabalho, merecem serem pagos por este trabalho, porque é muito sério, complexo e como há intérpretes, tradutores, há também audiodescritores que merecem a remuneração, o dinheiro pelo seu trabalho. Portanto, comecei em 2007 a trabalhar intensivamente na audiodescrição. Comecei por audiodescrição de cinema, fiz depois audiodescrição de arte e em arte, tanto das artes pintura, escultura... artes tradicionais, quanto as artes performativas, o teatro, a dança...Passei também pela descrição de imagem de livros, especialmente de livros infantis. Se calhar, já ouviu falar no projeto " o menino dos dedos tristes", que teriam sido os primeiros livros a serem multimodais, multiformato. E trabalhei e ainda trabalho hoje com audiodescrição de livros e material didático a ser utilizado para o ensino de crianças com deficiência. Para ser franca, eu penso que já fiz audiodescrição de tudo. Tanto em quanto, para ser utilizado pelas pessoas cegas , como para ensinar aos meus alunos. Em Portugal, na Inglaterra, Espanha e agora no Catar.

2 - Já fez audiodescrição de conteúdo de notícias para telejornais?

É uma belíssima pergunta, entramos aí num primeiro choque de gênero, porque normalmente a audiodescrição está ligada às artes. O cinema é arte, ao lazer e raramente é visto como um objeto informativo que é quando eu falo do material didático, meu primeiro objetivo é que seja informativo. Quando entramos no campo jornalístico, objetivamente nunca fiz audiodescrição de telejornais, por exemplo. Simplesmente porque os nossos telejornais não oferecem condições para a audiodescrição, o que se pode fazer é um jornalismo alternativo online. Em que, por exemplo, é transcrito e existe o componente do jornalismo e do jornalista em si e nos momentos em que há imagens com valor informativo, então parar, fazer a descrição dessa informação e continuar a dar a peça. Ou então fazer tudo em texto alternativo, a transcrição total da notícia jornalística e inserir o componente da audiodescrição. Há uma terceira via e é essa que deveria existir: é todo o jornalismo ser audiodescritivo na partida e não só para a pessoa cega, porque eu não acredito na audiodescrição para a pessoa cega, eu acredito na audiodescrição para todos, porque aquela informação é dada é muito importante para um vidente porque orienta o olhar, ajuda a pessoa a focalizar na informação mais importante e também orienta a interpretação daquilo que está a ser visto.

Portanto, eu concordo em absoluto que a audiodescrição pode usar técnicas da audiodescrição lúdica, da audiodescrição artística. Mas tem que se adaptar pensando num componente mais artística e quase literária que às vezes acontece. Para uma expressividade objetiva. E eu vou sublinhar essas duas palavras porque acho-as muito, muito importantes porque sou contra aquilo que é chamado tecnicamente por audiodescrição objetiva. Sou contra porque primeiro, não existe, é impossível uma audiodescrição objetiva, porque até a câmera quando se está a fazer jornalismo e capta uma realidade. Vamos imaginar um conflito numa rua. O simples posicionamento e o ângulo desta câmera já vai ser subjetivo. Se a própria câmera é subjetiva como é que alguma vez nós queremos ter a vaidade de pensar que é possível uma audiodescrição objetiva. Não existe objetividade no mundo, é sempre filtrado pelo nosso olhar, pelas nossas crenças, pela nossa ideologia. Portanto, mesmo que queiramos fazer uma audiodescrição seca que é diferente da objetiva, não interessa nada, nós

queremos continuar a ter uma audiodescrição expressiva e a expressividade vem da escolha do vocabulário, da forma como construímos a nossas frases. Já falei muito, vou lhe dar uma resposta muito simples de que sim podemos usar as técnicas de audiodescrição no texto jornalístico, antes ou depois.

3 - Considera que as técnicas de audiodescrição usadas em outros conteúdos e espaços podem ser utilizadas nos textos jornalísticos exibidos nos telejornais para que eles sejam mais descritivos?

O seu objetivo é uma audiodescrição para o grande público? Ou o seu objetivo é uma audiodescrição alternativa que seja utilizada por quem quer ligar e utilizar essa audiodescrição.

4 - O telejornalismo é caracterizado por rapidez de produção nos textos, reportagens com muitas imagens e poucos espaços de silêncio, notícias urgentes com pouco tempo de preparação prévia, que são essenciais ao grande público. Na sua opinião, o que deve ter prioridade na audiodescrição de telejornalismo?

O que está a dizer, que conforme o jornalismo é feito hoje é totalmente impossível acrescentar a audiodescrição. Para que seja possível acrescentar audiodescrição, nós temos que assumir aquilo que o Pablo Romero Fresco preconiza que é o " Accessible Filmmaking". Logo a partida, o jornalista a desenhar a sua notícia, pensa logo na questão da audiodescrição e aí eu tenho que fazer um exercício que é aquilo que a Luana disse..se a maior parte das notícias estão com a âncora da imagem e o jornalista diz "são essas as máscaras que deve usar". Ele tem que ser formado, pra que invés de dizer "são essas as máscaras que tem que ser usadas", possa dizer " as máscaras a usar tem que usar tem esse aspecto, são feitas desse tecido, lavam-se dessa maneira, tem que ter cuidado para não tocar do lado de fora ao colocar e tirar a máscara". Mas isso na formação, deixamos de ter o audiodescritor para ter um jornalismo sensível à inclusão. Um jornalismo que logo desenhe as suas notícias de maneira naturalmente descritiva. É difícil? Não. Ele precisa de formação, sensibilidade e bom senso.

Sensibilidade e bom senso acima de tudo. São as duas palavras que eles precisam mais. Mas isso precisa sempre do jornalismo e nem sempre se usa.

Vou usar como exemplo a questão do covid. Estamos num período em que se está a cultivar o medo. E todo o tempo da televisão é para falar da desgraça, do medo, quantos morrem e isso está a ser utilizado para fins políticos , eu diria políticos e ideológicos, mais do que informativos. Quantas notícias são utilizadas por razões políticas e ideológicas, não só no Brasil, mas no mundo inteiro. Não há espaço para o jornalismo realizar a sua verdadeira função que é informar com qualidade, clareza, objetividade e verdade. Eu diria que a audiodescrição pode ajudar o jornalista a ser um pouco mais verdadeiro e a ocupar-se daquilo que realmente interessa, desde que ele utilize mesmo as técnicas da audiodescrição, porque a audiodescrição corre o perigo de ser mais um objeto de manipulação, especialmente pra pessoa cega que não pode ver com seus próprios olhos e acredita no que lhe dizem.

Agora, se o jornalista for verdadeiro e quiser mesmo informar de forma inclusiva ele pode usar as técnicas de audiodescrição, por exemplo, a técnica da seleção e da relevância. Ele tem que perceber o que nas imagens é relevante para selecionar aquilo que precisa ser dito. A terceira questão é a redundância. Se já está a ser dito na notícia, não precisa ser repetido na descrição da imagem. Mas se é informação nova que está na imagem, o jornalista tem que ter a competência de selecionar essa informação e dá-la como parte da sua notícia e integrar essa informação visível às pessoas normovisuais no seu texto jornalístico. Portanto, eu acredito 120%, as técnicas da audiodescrição podem e devem ser incluídas, mas tem que ser feito logo quando a notícia é escrita, não pode ser depois.

5 - Você conhece algum autor ou profissional que trabalha nesta área de audiodescrição para telejornalismo que possa indicar?

Não conheço ninguém. Faça a sua tese e comece a ser esse autor.

6 - Gostaria de acrescentar alguma questão a esta entrevista que esteja faltando/seja pertinente?

Eu queria acrescentar qualquer coisa. Fala-me que quer atingir o grande público na televisão e eu compreendo porque especialmente o público cego, está muito ligado ao áudio, rádio e a televisão. Não ponha à parte o rádio, a pessoa cega recebe a televisão da mesma maneira que nós todos recebemos o rádio. Então parte da técnica de audiodescrição é de rádio jornalismo. E o que temos que levar é a técnica de radiojornalismo para a televisão. Porque o radiojornalista descreve constantemente. Vale a pena ir explorar um pouco o radiojornalismo. Portanto, essa é a primeira dica que eu queria acrescentar. Um outra dica que eu quero acrescentar é que sim, a televisão e o rádio atingem os grandes públicos, mas estamos a mudar muito rapidamente de plataformas e onde há as grandes soluções é na internet, no online, no jornalismo web. que também está a mudar terrivelmente neste momento e vale a pena ser explorado, porque aí sim poderemos ter o jornalista que não é sensível e sensato a trabalhar com um profissional da audiodescrição e no mesmo momento em que o jornalista está a divulgar a sua notícia podemos ter o audiodescritor a criar o texto paralelo e saem dois online. Um texto feito por um jornalista qualquer e o extra que é feito pelo audiodescritor. A pouco falei na manipulação e falei de ideologia e falei de política. O jornalismo tem o direito de fazer se é esse o objetivo. E a pessoa cega tem o direito de saber as várias versões da mesma notícia. Volto à questão inicial que eu não acredito que há objetividade no mundo. A pessoa cega tem o direito de saber as várias versões de uma notícia mesmo que essas versões sejam manipulações jornalísticas, políticas e ideológicas. Se pensarmos desta forma de termos textos alternativos online, também é uma solução a não esquecer.

Vou te mandar as referências da Inclusive e também artigos meus recentes que eu escrevi sobre "inclusive design" que talvez e outros mais complexos que talvez dê alguma... mas não são só sobre a audiodescrição, são sobre a comunicação inclusiva multimodal e multifuncional. É um cadinho mais a frente, mas talvez lhe dê alguma sustentação teórica e de autor sobre a sua curiosidade jornalística. E vou lhe mandar os textos do Greor e do Pablo Romero Fresco. Especialmente o "Accessible filmmaking" que é o conceito de não ser feito por um audiodescritor, mas ser feito pelo próprio filmmaker, quem criou a obra. Ele também fala que é preciso reeducar o realizador de

cinema e a Luana quer reeducar o jornalista. É transpor a noção dele de "Accessible filmmaking" para "Accessible journalism". Ok? O Greco diz que ao invés de pensar depois, pensar antes.

7 - Eu tenho um receio de isso parecer que eu não estou valorizando o profissional audiodescritor. O que você acha disso?

Muito pelo contrário, o que pode ser feito é que pode ser um trabalho em equipe e haver audiodescritores de jornalismo que trabalham nas redações dos jornais. Como existe um paginador, como existe o design gráfico, o cameraman, também existe um audiodescritor na equipe da redação. Porque não é uma equipe a fazer? Não precisa ser só uma pessoa a fazer. E pode mesmo dizer que vai alargar a área de intervenção do audiodescritor. Para que ele não fique apenas nas artes e possa passar também a ser um elemento dentro da equipe jornalística. O intérprete de Libras é um elemento dentro da equipe jornalística, o audiodescritor pode ser parte desta equipe e trabalhar junto com o jornalista para alargar o território e dar-lhe mais emprego.

ANEXO 5 - ENTREVISTA LIVIA MOTTA

Nome do entrevistado: Livia Mota

Data da entrevista: 09/10/2020

Hora de início: 17:00

Duração: 1 hora

Meio de realização da entrevista: Google meet

Deseja preservar o anonimato?

Resposta: Não.

Tem alguma objeção em gravar para facilitar a transcrição? Reforço que após a transcrição, este registro será apagado.

Resposta: Não

A pesquisa visa atender aos seguintes objetivos:

- Identificar as necessidades do público com deficiência visual no consumo de notícias veiculadas na televisão.
- Descrever a acessibilidade dos vídeos jornalísticos exibidos em telejornais.
- Analisar as perspectivas dos especialistas relativamente às técnicas de audiodescrição aplicadas em jornalísticos (E esse é o objetivo específico deste instrumento)
- Analisar as percepções da pessoa com deficiência visual sobre notícias televisivas com audiodescrição.

Considerações iniciais:

A gente só vai avançar ainda mais nas questões de acessibilidade, quando nas faculdades, nos cursos de licenciatura, for incluída uma disciplina que trate da questão da acessibilidade. Acessibilidade comunicacional, arquitetônica, atitudinal. Porque aí o profissional das mais diferentes áreas já sai em campo preocupado que o seu fazer profissional possa atingir os mais diferentes públicos. E isso é fundamental. Eu acho que seu argumento é muito legal. A gente tem que reavaliar se seria melhor mesmo ter uma audiodescrição inserida. Porque num telejornal é muito rápido, o conteúdo e as imagens de cobertura passando, não necessariamente você consegue fazer a audiodescrição delas porque tem a fala ali o tempo todo e a sobreposição não é legal. Então é muito importante que os profissionais do jornalismo tivessem essa noção do que é o recurso para poderem incluir nas suas falas e suas matérias elementos mais descritivos que permitam que a pessoa cega se contextualiza muito mais e a pessoa que enxerga também consiga compreender o conteúdo e perceber detalhes que sem essa explicação, essa narrativa misturada com descrição ela vai permitir isso. E eu tenho percebido, Luana, que alguns profissionais do jornalismo já têm feito isso. Por exemplo, estão falando em um pôr do sol, eles já falam com aquelas cores, já pintam mais esse cenário, isso é muito legal. Quando penso que um jornalista vai falar "mais isso é surpreendente", se eles inserirem nesse surpreende os argumentos que provocam nele essa sensação de surpresa de maravilhamento, seria muito mais importante e relevante.

1 - Há quanto tempo e qual o tipo de trabalho que desenvolve no campo da audiodescrição?

Então eu trabalho com audiodescrição desde 2005, já são 16 anos e eu falo que eu sou uma eterna aprendiz da audiodescrição, porque a cada momento, produto audiovisual, experiência, você refaz a sua prática o tempo todo. Porque você não pode ter uma prática engessada, o que eu vejo muito na audiodescrição são pessoas que ficam muito presas às normas e princípios, claro, isso orienta a nossa prática, mas

não pode jamais engessá-la. A gente tem essa preocupação, mas depende do produto audiovisual, depende da linguagem, depende do vídeo, curta, longa metragem, do espetáculo. Então hoje eu tenho uma experiência grande com todos os tipos de espetáculos, óperas, peças teatrais, musicais, espetáculos de dança, de circo, concertos. Concerto que foi uma coisa completamente nova, que começamos a dois anos, eu chamei o Filipe pra nos introduzir nesse mundo da música instrumental erudita que eu não tinha conhecimento. Todas essas novas áreas que eu vou experimentando, fazendo e que passo a produzir conteúdo com audiodescrição, eu tenho sempre essa preocupação do estudo, da discussão. Eu tenho uma equipe grande hoje e a gente está sempre fazendo o trabalho a muitas mãos. Nesse momento, por exemplo, nós pegamos o trabalho do Sesc Ribeirão Preto que é um projeto chamado "Direitos plurais", são os artigos da declaração dos direitos humanos. Cada um dos artigos da declaração tem um vídeo super curto, mas que tem uma apresentação de música ou de poesia, uma dança, uma performance. Alguma coisa com relação àquele direito humano. Nós fizemos uma equipe grande para esse projeto. Dividimos por 5 audiodescritores roteiristas, que trabalharam com 5 consultores e depois eu fiz essa revisão de todos. Dois locutores, um homem e uma mulher porque tinha conteúdos que tinham uma predominância de vozes femininas e assim foi. Foi um trabalho tão rico, que a todo o momento a gente está revendo o nosso fazer profissional. Depois a gente se reúne para conversar o que nós aprendemos com esse projeto, o que a gente poderia fazer melhor, isso é muito legal. Por isso que eu falo que nós somos eternos aprendizes. E essa proximidade com as pessoas com deficiência visual, isso nos ensina muito sempre. Por exemplo, a gente fez agora uma série de vídeos. Eu tenho feito muitos comerciais pro Bradesco. Eles estão com uma preocupação muito grande com os recursos de acessibilidade. Eles tem uma série de vídeos que são explicativos pros clientes, como que o cliente usa determinado aplicativo, qr code, vídeos bem didáticos para ensinar pro cliente o passo a passo. Então o rapaz que apresenta, o professor Mauri. A gente chegou a conclusão que o próprio professor Mauri inserisse na fala dele algumas explicações que permitissem um maior entendimento das pessoas com deficiência visual. Então no vídeo que é pra todo mundo ele já fala: "e pra você que tem deficiência visual, o ícone é assim assim, você vai perceber isso isso". São dicas que não vão atrapalhar de forma alguma quem está assistindo e que enxerga. Então eu posso estar inserindo audiodescrição. É isso que

você fala, no jornalismo se o profissional tiver essa sensibilidade e o conhecimento sobre a importância dessa tradução dessas imagens em palavras e como isso pode ajudar grandemente o entendimento de todos e não somente da pessoa com deficiência visual, ele passaria a inserir.

2 - Já fez audiodescrição de conteúdo de notícias para telejornais?

Não fiz especificamente para telejornalismo, mas fiz pra documentários que se aproximam do gênero, né?! Mas eu não fiz um telejornal, entendeu?

Mas não seria especificamente essa mesma linguagem. Por isso que a gente tem que ter uma adequação da linguagem. Os programas jornalísticos tem uma linguagem muito própria. Então a audiodescrição teria que acompanhar essa linguagem.

Claro que essa expertise que a gente adquire nos espetáculos, nos produtos audiovisuais, nos filmes, no entretenimento, eles vão ser muito importantes para fluência verbal, para o repertório. Mas a audiodescrição para um programa de notícias, um telejornal, ela vai ter uma linguagem muito própria, entendeu?

Se a audiodescrição for inserida, as unidades descritivas terão que ser pequenas para não sobrepor as falas em off. E outra coisa, sempre com a preocupação de complementar aquilo que não foi falado. A gente precisa prestar muita atenção, porque muitas vezes na fala do entrevistado você já tem muitos elementos que permitem a visualização. Então você vai colocar unidades descritivas que completem essas falas e tenham essa agilidade. O próprio profissional jornalista inserir, isso seria formidável.

4 - O telejornalismo é caracterizado pela rapidez de produção nos textos, reportagens com muitas imagens e poucos espaços de silêncio, notícias urgentes com pouco tempo de preparação prévia, que são essenciais ao grande público. Na sua opinião, o que deve ter prioridade na audiodescrição de telejornalismo?

Acho que poderia discutir e formatar uma coisa que seja específica, sempre com essa preocupação dos elementos norteadores da audiodescrição: o que, quem, onde, quando, como. O como vai permear tudo. Por exemplo: num bar, na orla, então você já contextualiza ali como é esse bar ou essa orla, quantas pessoas estão presentes. Tudo isso. Isso é um princípio básico que pode ajudar bastante.

5 - Considera que as técnicas de audiodescrição usadas em outros conteúdos e espaços podem ser utilizadas nos textos jornalísticos exibidos nos telejornais para que eles sejam mais descritivos?

O que tem que ser prioridade nessa ad? Eu acho que fornecer elementos que permitam essa construção imagética. E principalmente essa ampliação do entendimento. Eu acho que é isso, você quer que o público tenha acesso a essas informações para que a compreensão aconteça. Há uma dilatação do entendimento, sem sombra de dúvidas. As matérias gravadas por exemplo, poderiam rapidamente fazer a inserção da audiodescrição e além disso o jornalista, o apresentador, o âncora, pode inserir em sua fala elementos descritivos que permitam essa ampliação do entendimento sem sombra de dúvidas.

6 - Você conhece algum autor ou profissional que trabalha nesta área de audiodescrição para telejornalismo que possa indicar?

Em telejornalismo, quem desenvolveu um trabalho sobre isso no curso de especialização em audiodescrição foi a Georgia. E outra pessoa muito importante é a Kelly Scoralick. Ela fez o curso de especialização e fez o doutorado sobre isso. É um contato ótimo para você. Você pode entrevistá-la e ler o trabalho dela. Mas o trabalho dela é mais voltado para inserção de trilha de áudio, mas aborda essas especificidades. Pode trazer fortemente esse elemento, mas trazer esse argumento de como isso seria relevante para todos os espectadores. E aí, eu tenho no meu livro audiodescrição na escola. Eu tenho um capítulo que fala da relação da imagem com o texto. a imagem pode ter uma função de redundância, ou seja, aquilo que está no texto a imagem está repetindo. Mas ela pode também ter uma

relação de complementaridade. Ela traz uma informação completamente nova. No caso, você vai fazer uma adaptação disso para o texto jornalístico.

8 - Sobre as orientações relacionadas ao covid, o que você tem notado sobre esse aspecto?

Eu fiquei muito impressionada com a falta de acessibilidade nos materiais audiovisuais com orientações sobre a pandemia, sobre a covid. O que acontece? Esses públicos que precisam da informação por acessibilidade comunicacional, ficam muito mais vulneráveis ao contato. A gente fez um vídeo do Unicef. Eles fizeram uma animação, uma graça, super didática, sem audiodescrição. A gente pediu autorização pra fazer e eles permitiram. O que a gente fez nesse período todo? Nós publicamos muitos vídeos. Tanto os vídeos que tinham informações, quanto aqueles que faziam graça. Quanto material! Aqueles que se emocionam, que tinham um conteúdo para reflexão que foram publicados agora durante a pandemia com o objetivo de informar, fazer pensar, emocionar e deixar que esse público seja menos suscetível a contaminação. Hoje quando eu faço essa questão dos comerciais com audiodescrição. Eu sempre ponho isso, eu faço uma reflexão com esse pessoal que produz conteúdo e eu sempre falo: "se vocês não se preocuparem porque tem uma fatia enorme de público consumidor de produtos, de serviços que vocês estão divulgando". Mas essa preocupação está começando a aparecer a passos muito lentos.

ANEXO 6 - ENTREVISTA LETÍCIA SCHWARTZ

Nome do entrevistado: Letícia Schwartz

Data da entrevista: 15/10/2020

Hora de início: 19:00

Duração: 1 hora

Meio de realização da entrevista: Google meet

Deseja preservar o anonimato?

Resposta: Não.

Tem alguma objeção em gravar para facilitar a transcrição? Reforço que após a transcrição, este registro será apagado.

Resposta: Não

A pesquisa visa atender aos seguintes objetivos:

- Identificar as necessidades do público com deficiência visual no consumo de notícias veiculadas na televisão.
- Descrever a acessibilidade dos vídeos jornalísticos exibidos em telejornais.
- Analisar as perspectivas dos especialistas relativamente às técnicas de audiodescrição aplicadas em jornalísticos (E esse é o objetivo específico deste instrumento)
- Analisar as percepções da pessoa com deficiência visual sobre notícias televisivas com audiodescrição.

1 - Há quanto tempo e qual o tipo de trabalho que desenvolve no campo da audiodescrição?

Eu trabalho com audiodescrição desde 2009, 2010. 2009 mesmo. Eu comecei a fazer experiências, porque no primeiro momento eu fui um pouco autodidata. Eu queria fazer, mas não tinha curso. Não era um menosprezo à capacitação de maneira nenhuma, mas eu queria fazer e não tinha como fazer. Então eu comecei a fazer experiências em 2008, fazendo audiodescrição de curtas e levando até às sessões com pessoas com deficiência visual do Rio Grande do Sul para ter feedback.

Era um trabalho interno mesmo. Eu comecei a mexer com isso em 2008, mas eu comecei a trabalhar profissionalmente com isso em 2009 e em seguida surgiu a possibilidade de capacitação e eu fiz curso com a Lívia Motta, depois especialização na Federal de Juiz de fora, em audiodescrição. Depois fiz um mestrado sobre audiodescrição no teatro. Então é a parte mais acadêmica mesmo.

Eu faço audiodescrição pra tudo. Porque no momento que a gente está aqui no Brasil a gente ainda não tem especialização para determinadas áreas. Eu acho que é o momento que a gente vai chegar. Meu foco principal é cultura e entretenimento. Mas faço trabalho na educação e também em eventos. Mas até pela minha primeira formação como atriz, é a área que eu gosto, que eu me identifico e tenho vocabulário mais a ver. Dentro de artes, cultura e entretenimento, principalmente teatro e cinema. Teatro e vídeo hoje em dia, não necessariamente cinema. Então é isso e eu acabo trabalhando em diversas áreas, não só com a produção de audiodescrição para todas as áreas possíveis e imagináveis, mas trabalho com formação também com cursos, oficinas, palestras.

2 - Já fez audiodescrição de conteúdo de notícias para telejornais?

Não. O mais próximo disso é o trabalho com campanha política e com debates políticos em emissoras de TV com audiodescrição simultânea.

3 - Considera que as técnicas de audiodescrição usadas em outros conteúdos e espaços podem ser utilizadas nos textos jornalísticos exibidos nos telejornais para que eles sejam mais descritivos?

Sim, com certeza.

4 - O telejornalismo é caracterizado pela rapidez de produção nos textos, reportagens com muitas imagens e poucos espaços de silêncio, notícias urgentes com pouco tempo de preparação prévia, que são essenciais ao grande público. Na sua opinião, o que deve ter prioridade na audiodescrição de telejornalismo?

Acho que cada vez que o jornalista pensar em mencionar um “veja isso”, “na imagem do cinegrafista amador” ou “como você pode ver”, ali merece uma inserção de audiodescrição. Porque está chamando a atenção para uma imagem que as pessoas não estão vendo. Acho que isso tem que estar na cabeça do jornalista. Acho que seria fundamental em vários cursos universitários uma disciplina de audiodescrição, ou melhor, de acessibilidade no geral. Estamos falando aqui de audiodescrição, mas acessibilidade no geral. Acho que isso deveria ter no curso de cinema, de teatro, na pedagogia e no jornalismo. Não com intenção de formar audiodescritores, mas na intenção de que os profissionais dessa área estejam aptos a contratar audiodescritores sabendo o que estão fazendo, o que envolve o nosso trabalho. Conhecendo o metiê, conhecendo o trabalho da equipe de audiodescrição. Sabendo inclusive avaliar o que é profissional e o que não é. Mas também capacitando esses profissionais a implementar isso dentro do seu trabalho cotidiano. Desde do repórter, do jornalista, do âncora que consegue inserir sem ser um audiodescritor até mesmo... quer dizer, o jornal vem da fotografia. A legenda da foto poderia ser em poucas palavras mais descritiva e por aí vai. Em sites, materiais de divulgação, ou seja, qualquer coisa que envolve imagem. É claro, você vai fazer audiodescrição de um filme, de um quadro, de uma obra de arte, uma peça de teatro é preciso que seja audiodescritor. Mas pessoas que trabalham em algum meio de comunicação se tivessem alguma base de audiodescrição poderiam estar deixando seus materiais minimamente acessíveis.

Pelo menos esses que precisam acontecer de maneira muito rápida ou chegar no público muito rápido. Acho que poderia ter uma disciplina de acessibilidade, em especial audiodescrição, isso poderia ser bem importante. É importante que esses profissionais entendam também a importância da legenda, da Libras. Recentemente eu recebi, alguma coisa que estava tendo a janela de Libras e as pessoas parodiando o intérprete de Libras. A pessoa que estava falando estava parodiando o intérprete de Libras. É importante que as pessoas e os profissionais de comunicação entendam o tamanho que tem que ter essa janela, pra que nada fique brigando. Tem que ter uma mínima noção de como esses recursos de acessibilidade vão funcionar durante o que você estará fazendo.

5 - O que você acha que falta no campo da acessibilidade e da audiodescrição, porque por exemplo, o intérprete de Libras já está mais inserido nas mídias. Por que você acha que isso não aconteceu com os audiodescritores ou com a questão da deficiência visual?

Dentro do jornalismo, eu acho que existem vários motivos. E ainda além dos que eu vou citar, acho que existem outros tantos. Um dos motivos está nas próprias pessoas com deficiência e nos profissionais que trabalham com elas. Os surdos são muito organizados na reivindicação dos seus direitos. Os profissionais que trabalham com os surdos, os intérpretes de Libras são muito organizados. Entre outros motivos, porque começaram muito antes. A história da interpretação de Libras é muito anterior a da audiodescrição, já tem uma trajetória. O tempo em que isso vem acontecendo, a organização dos profissionais e dos usuários nesse sentido de exigir os seus direitos. Isso eu acho que contribui bastante. Ainda que seja invasivo com relação à imagem, a janela de Libras, ainda sim é uma invasão menor do que a invasão do áudio do audiodescritor. Isso eu acho que é uma coisa. Mas acho que tem mais uma coisa, como vou explicar isso...tem uma história inteira por trás disso. Eu trabalhei por um tempo, eu ministrei um curso de audiodescrição numa faculdade de jornalismo, porque tinha uma menina que era cega e a faculdade solicitou o curso de audiodescrição. Era um curso de audiodescrição no geral, mas teve uma aula que a gente discutiu muito da audiodescrição no jornalismo. Deu mais nó do que solução, não teve solução. Se falou sobre a possibilidade de se inserir audiodescrição, mas o fato de ser muito rápido, de não ter muito tempo, mas tendo um audiodescritor na redação... chega o

material, enquanto tão editando, o audiodescritor já está olhando e ele faz aquilo ao vivo, depois simultâneo. Não vai dar tempo de ele fazer esse roteiro, mas dá tempo de ele estudar esse material brevemente antes, isso é possível. Mas as informações são tão relevantes, tu não tem espaço, é muita fala, tu não tem espaço para inserção e se você for sobrepor, fazer sobreposição a qualquer fala do repórter, do âncora, do jornalista, tu tá sobrepondo uma informação importante. Não é como numa palestra, em que o cara vai dizer assim " a, então" ou ele vai repetir a mesma coisa com outras palavras e ali tu tá sobrepondo. No jornalismo não vai acontecer isso.

À princípio não funciona, muito mais por isso do que pela velocidade de produção. Porque eu defendo a muito tempo essa ideia que tu tá colocando, do jornalista ser apto a construir uma audiodescrição muito breve. Eu não chamaria nem de audiodescrição pra dizer a verdade, mas sim de um texto com informações que tornem aquilo acessível. Entende? texto na tela preta com letras brancas, mas ele vai dizer...ele vai ler aquele texto. Não vai descrever o entrevistado, mas vai mencionar o nome. Ou seja, são informações que tornam aquilo mais acessível.

E o que os alunos do jornalismo me disseram, que gerou uma discussão super interessante, que o jornalismo da TV tem como característica o fato de ser audiovisual e de uma coisa complementa a outra, óbvio. Que a imagem complementa o que o jornalista tá falando. Então se ele for mencionar a imagem, ele vai tá sendo redundante dentro desse veículo, desse trabalho. Você entende isso melhor do que eu. Mas dentro da proposta ele estaria quebrando com essa ideia de que uma coisa complementa a outra. Então tá, nesse sentido não daria pra fazer o que você estaria propondo. E que eu estaria propondo também. Aí uma outra pessoa na discussão disse que talvez esteja na hora da gente rever as regras do jornalismo. Se a regra do jornalismo para TV é essa, talvez esteja caducando. Aí a discussão foi toda pensando nessas coisas, entende? Eu achei isso muito produtivo. Então um dos motivos pelos quais eu acho que é mais difícil implementar a audiodescrição do que legendagem, é que a legendagem está traduzindo... ops, a Libras está traduzindo, o que foi dito para que aquele

texto se conecte à imagem, mas está preservando a noção de que é um texto conectado a uma imagem, não está sendo redundante. E a audiodescrição está sendo redundante se e até quando for levada em consideração essa regra e enquanto existir essa regra a audiodescrição não vai tá na fala dos jornalistas, o buraco é mais embaixo, o que tem que mudar é a concepção do jornalismo para TV.

6 - Você conhece algum autor ou profissional que trabalha nesta área de audiodescrição para telejornalismo que possa indicar?

Não conheço.

7 - Gostaria de acrescentar alguma questão a esta entrevista que esteja faltando/seja pertinente?

Acho que basicamente é isso, esse nó. Acho que o jornalismo, a audiodescrição no jornalismo não pode ser encarada com leviandade, não adianta levar a bandeira que tem que ter e pronto sem levar em consideração o jornalismo e as diretrizes para que o telejornalismo aconteça. Não podemos chegar como grandes autoridades da audiodescrição dizendo como as coisas tem que ser e não é assim que as coisas funcionam. Não é assim que deve funcionar. Acho que falta acima de tudo uma conscientização dos jornalistas sobre a necessidade disso e a partir disso revisar o próprio fazer. Mas isso é uma coisa muito delicada, não é uma coisa que possa ser imposta. Acho que é mais uma mudança muito estrutural e muito profunda no pensamento e isso não é uma coisa que se faça de uma hora pra outra.

ANEXO 7 - ENTREVISTA ELIANA FRANCO

Nome do entrevistado: Eliana Franco

Data da entrevista: 15/10/2020

Hora de início: 10:00

Duração: 1h

Meio de realização da entrevista: Google meet

Deseja preservar o anonimato?

Resposta: Não.

Tem alguma objeção em gravar para facilitar a transcrição? Reforço que após a transcrição, este registro será apagado.

Resposta: Não

A pesquisa visa atender aos seguintes objetivos:

- Identificar as necessidades do público com deficiência visual no consumo de notícias veiculadas na televisão.
- Descrever a acessibilidade dos vídeos jornalísticos exibidos em telejornais.

- Analisar as perspectivas dos especialistas relativamente às técnicas de audiodescrição aplicadas em jornalísticos (E esse é o objetivo específico deste instrumento)
- Analisar as percepções da pessoa com deficiência visual sobre notícias televisivas com audiodescrição.

1 - Há quanto tempo e qual o tipo de trabalho que desenvolve no campo da audiodescrição?

Desde 2004, a minha formação começou em 2004 na Alemanha num curso que eu fiz. Primeiro eu fiz com Bernard Brennan aquele alemão que é uma referência na Alemanha. Eu na verdade quando fui fazer esse curso, eu não sabia exatamente o que era e eu me encantei. Eu me apaixonei e eu já era professora da UFBA, eu já tinha um grupo de pesquisa e eu decidi nesse momento de 2004 fazer só pesquisa com, não vou dizer só porque a gente fazia legendagem também, mas com a audiodescrição. Por exemplo, a pesquisa com audiovisual era mais para filmes, para audiovisuais e tal, ela foi mais pra esse sentido. Também mais tarde na pesquisa com pessoas com deficiência intelectual, na verdade foi a primeira pesquisa feita no Brasil e na Europa com o público com deficiência intelectual. Porque o que a gente gostava muito no TRAMAD e que eu sempre gostei na verdade, não era de ficar fazendo pesquisa filosófica. Eu sempre gostei de ir a campo, sair da universidade para falar com as pessoas que realmente usavam a audiodescrição. Então eu fiz curso com ele, muitas vezes, com o Bernie Brennan, no final eu acabei quando eu morei em Munique, eu era praticamente vizinha dele e nos tornamos amigos. Depois eu fiz com Joel Snyder, com James O'hara e ele estava na televisão britânica e tinha uma mulher, Verônica Ritz. Começaram a trabalhar na televisão pública. Ele era o coordenador de acessibilidade ou de audiodescrição apenas no canal britânico. Eles traduziam a audiodescrição que vinham em outras línguas, era até polêmica a questão, mas enfim, eu fiz curso com vários. E eu cheguei a conclusão de que o que fazia mais sentido era o Bernie Brennan e enfim, que até hoje eu aplico os princípios básicos quando eu dou curso. Eu parto daí para outros questionamentos. Eu já trabalhei pro teatro, para museu e pra audiovisual principalmente. Minha grande paixão é o audiovisual. Eu falo cinema, mas teatro também é audiovisual. Mas eu adoro cinema, sempre adorei cinema. Minha área sempre foi a tradução audiovisual,

eu juntei cinema e tradução, que são minhas duas paixões. Então desde 2004, eu lecionava na UFBA. Eu introduzi a disciplina de audiodescrição que não tinha em todas as disciplinas de tradução audiovisual. Comecei a dar curso de extensão, porque em 2008 nós tivemos os audiodescritores e as emissoras de televisão, nós tivemos uma reunião em Brasília. E aí estava o pessoal, a Lívia, o Paulo Romeu, a Lara Pozzobon, o Maurício Santana. E foi quando nós realmente começamos a tirar do papel o plano de implementação de audiodescrição gradual na televisão. E um dos argumentos deles eram dois: um que ia acontecer a transição da tv analógica pra tv digital e dois que não havia profissionais. Então eu e Lívia começamos a dar cursos de formação, nós duas demos, mas os outros não davam. Eu lembro que eu dei curso de extensão em várias federais do Brasil, dei na UFBA obviamente, na USP, UFMA no Maranhão e o primeiro curso de audiodescrição na USP fui eu que dei, foram 30 alunos também. Eu tenho gente que eu trabalho até hoje lá. Eu comecei a dar esses cursos, era mais voltado pra cinema, mas enquanto pesquisava eu trabalhei com dança, eu trabalhei com teatro, peças de teatro e museu. Mas isso sempre fazendo pesquisa. A gente fazia os roteiros e depois aplicava, mas o objetivo era muito mais pra saber a opinião do usuário do que para espetáculos abertos e tal. Então eu foquei muito mais a produção no cinema e estou dando curso agora, apesar de ter uma demanda aqui para teatro que eu quero dar, mas eu estou dando esse curso online para brasileiros e portugueses que é audiodescrição para cinema e já é o módulo 2 e está bárbaro. A Elizabeth Dias Sá que é consultora do meu curso.

Ele também está juntando uma galera maravilhosa. Então basicamente é isso, na pesquisa eu fui juntando também o público com deficiência intelectual e longe do Brasil eu faço muita coisa pro Brasil, então o que é mais fácil de eu fazer é cinema mesmo, vídeo em geral.

2 - Já fez audiodescrição de conteúdo de notícias para telejornais?

Não.

3 - Considera que as técnicas de audiodescrição usadas em outros conteúdos e espaços podem ser utilizadas nos textos jornalísticos exibidos nos telejornais para que eles sejam mais descritivos?

Sem dúvida, na verdade, acho que independente de pra onde você vai audiodescrever, você tem os princípios básicos da audiodescrição. Que pra mim são 3 basicamente. Aí vem todas aquelas exceções, porque se for pro teatro é desse jeito, se for pro cinema é desse jeito. Aí obviamente você vai adaptar esses princípios, a cada meio de comunicação a cada canal onde você está fazendo a audiodescrição. Se é ao vivo, você vai ter que fazer certas considerações que não vai fazer quando for pré gravada. Mas eu parto do princípio de que você tem que adequar esses princípios ao canal de veiculação e também ao gênero. Se você tem um noticiário, não importa muito eu poetizar minha audiodescrição, diferentemente de um teatro, onde importa muito mais. No noticiário é uma linguagem mais crua, mais informativa, para isso serve o noticiário. Então o que vai ter mais importância pra mim, o meu fio condutor é a informação. Eu não sei se você chegou, se você participou. Foi muito interessante até, talvez eu tenha no meu whatsapp. A gente teve uma discussão enorme sobre um vídeo que saiu do COVID. Era uma campanha para alertar as pessoas da maneira de contaminação. Acho que foi uma propaganda brasileira e alguém no Brasil fez a audiodescrição e profissionalmente foi ao ar. Mas foi uma audiodescrição muito fragmentada, contava uma historinha, porém as pessoas não sacaram que tinha um fio condutor ali que eram as mãos daquele homem que passavam por várias situações até chegar no filho dele. Era Unicef? Eu acho que era Unicef, é isso.

Não era brasileiro não. Talvez o Unicef Brasil. Mas eu sei que teve uma audiodescrição veiculada profissionalmente e que deu a maior discussão. Assim, nesse tipo... porque quando você fala noticiário eu penso duas coisas: uma coisa é você está lá ao vivo, as reportagens são ao vivo e você está dando notícias ao vivo. Eu acho imprescindível a figura do audiodescritor. Porque o jornalista tem uma função. Ele tem que transmitir um conteúdo que já está na cabeça, aquele formato que ele tem que transmitir. É claro que ele pode ser mais descritivo no que ele vai falar, mas eu acho que é uma outra preocupação de um outro profissional que vai complementar as informações que ele está dando. A mesma coisa acontece por exemplo acontece numa visita guiada no museu. Se você pensar numa visita guiada que é também

ao vivo. Eu fiz pesquisa sobre isso. Quando o audiodescritor, a gente foi fazer por exemplo no museu para pessoa com deficiência visual e para pessoa com deficiência intelectual existe o que no museu? Existe o mediador. Então a gente ia em trio, o mediador, o espectador/visitante e um audiodescritor. Eu vou escrever um artigo sobre isso esse final de semana pro Brasil. Enquanto o audiodescritor ele tem que entender tudo que tem naquela exposição, por exemplo. Ele tem que ter todas as informações e às vezes ele funciona como mediador. Por outro lado, ele não vai substituir o mediador.

Cada um tem a sua função. O ideal seria ter um mediador e um audiodescritor. Assim como eu vejo o jornalista que está fazendo uma coisa ao vivo e o audiodescritor. Que pode dar uma outra dimensão. Eu não acho que isso deve ser preocupação do jornalista. Mesma coisa quando a gente faz lives hoje em dia, não sei se você acompanha algumas onde as pessoas tem que se descrever e coisa e tal. Eu, como sou audiodescritora, eu já me preocupo, " eu sou Eliana, eu tenho o cabelo assim, assim, assado, eu estou num ambiente assim". Quando a pessoa não é audiodescritora, não tem essa habilidade, elas até fazem uma descrição de si próprias, mas geralmente elas tem o audiodescritor de fundo descrevendo isso para que o palestrante não tenha que se preocupar com isso. Se ele não é audiodescritor. "O slide tal, mostra tal e tal coisa". Eu já faço slide sabendo que eu vou audiodescrevê-los assim que eu apresentar, mas eu sou audiodescritora. Eu acho que são funções que se complementam. Mas eu concordo com você plenamente que tem que haver espaço para esse audiodescritor já aí. Os jornalistas têm que ter uma formação. Aliás eu acho que qualquer um tem que ter a formação. Porque você sempre comunica para todas as pessoas, com deficiência ou não. Você tem que partir do princípio de que seu público é vasto.

Eu acho que a formação é importante, jornalista tem que saber porque a audiodescrição é importante, para que ela serve. Era muito legal e funciona na visita, a gente chama em português de jogral. Eu dou a notícia, o audiodescritor fala um pouquinho. Por exemplo: aconteceu um acidente, as Torres gêmeas, a questão do avião... aquilo repete tantas vezes que o audiodescritor tem espaço. Um tem que entender a função do outro para que eles deem espaço. Eu sempre falei pros meu alunos, por exemplo, eu pensava sempre assim, eu ia em congresso

de audiodescrição, de tradução, acho bárbaro pra você se atualizar e saber como vão as pesquisas e o que as pessoas estão discutindo. Porém, eu sempre falei pros meus alunos: "Não vem apresentar coisa de audiodescrição em congresso de audiodescrição, porque a gente já sabe". A gente fica muito fechado.

A gente tinha que apresentar em congresso de cinema, de jornalismo. Porque aí a gente vai difundir a audiodescrição e não ficar só numa bola de cristal, só quem faz discutindo isso e acabou. Porque as outras áreas precisam ver a utilidade da audiodescrição.

Voltando aos princípios, são os mesmos. Você não vai resumir, você não vai interpretar e não vai antecipar. Tá, mas como você aplica? Eu sempre começo meus cursos com isso. Eu exemplifico e depois vou para cada produto diferente audiovisual e pergunto: e nesse aqui? Eu parto do geral para o específico. E também pra gente ver que algumas regras... a gente tem as normas da audiodescrição, legal. Quando você não sabe nada, é legal seguir a norma. Mas a norma é só um ponto de partida, não é o ponto de chegada. A norma vai se moldar de acordo com o meio de veiculação e de acordo com como isso acontece, se é ao vivo, se é gravado e as circunstância, né, um jornal é muito diferente de um documentário pré gravado.

4 - O telejornalismo é caracterizado pela rapidez de produção nos textos, reportagens com muitas imagens e poucos espaços de silêncio, notícias urgentes com pouco tempo de preparação prévia, que são essenciais ao grande público. Na sua opinião, o que deve ter prioridade na audiodescrição de telejornalismo?

O pensamento é pensar acessibilidade desde o início incluída no jornalismo, isso daí sem dúvida. Mas não dá pra gente mudar o formato do jornalismo. Você tem um audiodescritor desde o início na sua equipe. Ele tá acompanhando, ele tem que saber o que está acontecendo e como a coisa é feita e como ela vai ser transmitida no ar. A partir daí, porque também é uma coisa de personalidade, porque tem gente que consegue fazer ao vivo, tem gente que não. Assim como intérprete de cabine, tem gente que não consegue fazer. Então eu acho que ele tem que saber lidar com esse imediatismo e dialogar com esse jornalista que vai fazer a matéria ou com o apresentador, seja o que for.

Eu acho que a única coisa que poderia ser modificada é dar um pouco de tempo a mais nessas notícias para que o audiodescritor tenha voz aí, não só para a notícia, mas para audiodescrever essa notícia.

Não mudar o formato. Ninguém vai fazer isso. Chegar com uma proposta: "Vamos mudar o formato por causa da acessibilidade". Não. Vamos pensar em ter um cara, vamos pensar na acessibilidade aqui conosco para a gente poder transmitir isso com acessibilidade, eu acho que é isso, adaptar as normas ao formato jornalístico. E ter uma pessoa sempre com você. E pensar que o seu público é maior. Não sei se eu respondi a sua pergunta.

Você respondeu. Fiquei com uma curiosidade, pensando no modo de fazer. Até agora o que a gente tem no Brasil é a trilha de áudio descrição e você ouve uma trilha a parte com audiodescrição e áudio original. Mas você falou "o audiodescritor junto na produção". Você acha que a gente pode fazer junto a produção do texto, mas não necessariamente desse áudio da locução. A locução pode continuar sendo do jornalista, mas a produção do texto, uma espécie de consultoria, para montar aquela matéria com o audiodescritor e a locução sendo só do jornalista. O que você acha?

Eu acho que poder, pode. Mas eu fico pensando assim: Primeiro causa um problema para o profissional da audiodescrição porque o torna invisível. E como se todo jornalista fosse audiodescritor, porque ninguém imagina o trabalho que tem na audiodescrição por mais simples que seja a audiodescrição de um noticiário por mais simples que seja porque o mais importante é a notícia. A parte da audiodescrição é importante também. E eu não sei se jornalista vai estar afim de colocar mais essa tarefa...

Ele pode sim falar "um senhor de não sei quantos anos", isso pode inclusive estar no texto da notícia, mas eu acho assim. O que de descritivo que eu posso inserir no contexto dessa notícia, mas pra isso tem que ter uma consultoria de um audiodescritor porque ele tem que saber selecionar. E talvez um audiodescritor junto porque se houver detalhes visuais importantes que aquele jornalista não deu conta,

ele vai dar conta. Que tenha um tempinho pra ele. Que seja mínimo, claro, tudo é que tipo de notícia você está dando também. Mas ter um jornalista que se puser um detalhe a mais com descrição, mas eu não acho que essa é a função do jornalista, é a função do audiodescritor profissional.

E é importante dar visibilidade, porque quando a gente dá visibilidade a gente entende que a acessibilidade é necessária. Eu sou contra tornar o tradutor invisível, eu acho que ele tem que estar bem visível, na verdade.

6 - Você conhece algum autor ou profissional que trabalha nesta área de audiodescrição para telejornalismo que possa indicar? Eu não conheço e eu acho que é um tópico bastante original. Eu acho que a gente sempre acha o jornalismo uma coisa rápida e fala que não dá tempo. Mas você vê, agora estão fazendo e é super necessária a audiodescrição de campanhas políticas. Quem trabalha com isso é a Márcia, a Letícia no sul, a Liliana Tavares de Pernambuco. Quem tá fazendo também é a Ana Júlia. As pessoas acham que não são importantes. Claro que gestos, uma feição é importante. E mesmo no entrevistado. Por exemplo: o cara vai lá e se ele tá sendo cínico, dá uma risadinha, isso não vai ser captado pelo público com deficiência visual.

Eu não conheço trabalhos, mas eu vou ver, tem três congressos aqui na Europa que tratam não só da audiodescrição como tradução audiovisual, mas tem muito material de audiodescrição, que são o ARSAD, o Media for all e o Language in the media. Os dois primeiros vão acontecer em janeiro e eu vou participar junto com a Liliana. A gente vai falar um pouco sobre o festival "Ver ouvindo". Vou te mandar depois por whatsapp. Mas é bom dar uma olhada nesses congressos porque pode ter alguma coisa jornalística. Mas nós brasileiros estamos muito à frente na prática. Se você comparar com Portugal, nós estamos anos luz na frente. Assim, eu acho que a gente pode até ter mais estudos aí no Brasil do que aqui. Mas vale a pena dar uma olhada nesses programas.

7 - Gostaria de acrescentar alguma questão a esta entrevista que esteja faltando/seja pertinente?

Eu acho que tem muita diferença no trabalho do audiodescritor quando é feito ao vivo. Gravado nem se fala, não tem desculpa pra não pôr a acessibilidade, a audiodescrição, a legenda para surdos, Libras e tal. Mas é interessante seu tópico porque força as pessoas a pensar, e elas tem que repensar, porque todo mundo vai dar a desculpa do tempo curto. A informação é importante, quanto nesse tempo do COVID a informação é importante pras pessoas com deficiência visual e quanto faz falta um audiodescritor. Não interessa quanto tempo. Se tem um segundo de informação, tem que ter um segundo de audiodescrição. Obviamente eu acho que o que rege o telejornalismo, que é o que rege no cinema também, é o princípio da relevância. O que é relevante nessa imagem que vai ao encontro, que converge com essa informação que eu quero dar. Que tem que estar lá pro meu público com deficiência visual. Eu acho super importante, porque filmes, ficção é pra gente apreciar, curtir, mas informação é mais importante ainda mais agora. Então não dá pra pensar mais no jornalismo sem audiodescrição. na verdade ele é o que é mais renegado, mas talvez seja o mais importante.

Ter uma pessoa na equipe é fundamental. Porque ela pode sugerir, coloca isso aqui, isso aqui é importante e quando ela entrar ela também já sabe o que é importante repassar, o que aconteceu, o que o jornalista não deu conta e que não é a função dele mesmo. O treino é muito importante. Porque eu faço audiodescrição para o teatro, mas aí eu chego lá no teatro, chego num museu e as pessoas que trabalham na recepção não sabem lidar com isso. Então todo mundo que trabalha junto precisa ter essa formação mínima para saber com que tá lidando. E eu acho que é uma formação importante pro jornalista apenas para eles lidarem com o profissional da audiodescrição, não para se tornarem audiodescritores.

ANEXO 8 - ENTREVISTA PABLO ROMERO FRESCO

Nome do entrevistado: Pablo Romero Fresco

Data da entrevista: 12/11/2020

Meio de realização da entrevista: E-mail (Essa entrevista só foi possível ser realizada por e-mail).

Deseja preservar o anonimato? Não.

Tem alguma objeção em gravar para facilitar a transcrição? Reforço que após a transcrição, este registro será apagado.
Não.

A pesquisa visa atender aos seguintes objetivos:

- Identificar as necessidades do público com deficiência visual no consumo de notícias veiculadas na televisão.
- Descrever a acessibilidade dos vídeos jornalísticos exibidos em telejornais.
- Analisar as perspectivas dos especialistas relativamente às técnicas de audiodescrição aplicadas em jornalísticos (E esse é o objetivo específico deste instrumento)
- Analisar as percepções da pessoa com deficiência visual sobre notícias televisivas com audiodescrição.

1 - Há quanto tempo e que tipo de trabalho você realiza na área de audiodescrição / acessibilidade?

Pablo Romero Fresco é pesquisador Ramón y Cajal da Universidade de Vigo (Espanha) e Professor Honorário de Tradução e Cinema na Universidade de Roehampton (Londres, Reino Unido). Ele é o autor dos livros *Subtitling through Speech Recognition: Respeaking* (Routledge), *Acessível Filmmaking: Integrando tradução e acessibilidade ao processo de realização de filmes* (Routledge, a ser publicado) e o editor de *A Recepção de Legendas para Surdos e com Dificuldades Auditivas na Europa* (Peter Lang). Ele faz parte do conselho editorial do *Journal of Audiovisual Translation (JAT)* e atualmente está trabalhando com vários governos, universidades, empresas e associações de usuários em todo o mundo para apresentar e melhorar o acesso a eventos ao vivo para pessoas com deficiência auditiva. Ele colaborou com o Ofcom para realizar a primeira análise da qualidade das legendas ao vivo na TV no Reino Unido e está trabalhando com a Comissão Canadense de Rádio-televisão e Telecomunicações (CRTC) em um projeto semelhante no Canadá. Seu Guia de Cinema Acessível está sendo usado por muitas emissoras públicas internacionais, universidades e produtores para apresentar uma abordagem mais inclusiva e integrada à tradução e acessibilidade na indústria cinematográfica. É o líder do centro de investigação internacional GALMA (Observatório Galego para o Acesso aos Media), para o qual coordena vários projectos internacionais sobre acessibilidade aos media e realização de filmes acessíveis, nomeadamente “Media Accessibility Platform” e “ILSA: Interlingual Live Subtitling for Access” , financiado pela Comissão Europeia. Pablo também é cineasta. Seu primeiro documentário, *Joining the Dots* (2012), foi exibido durante o 69º Festival de Cinema de Veneza e foi usado pela Netflix e também por escolas de cinema em toda a Europa para aumentar a conscientização sobre a audiodescrição.

2 - Você já fez ou assistiu à audiodescrição de um noticiário de televisão?

Não, receio que não.

3 - Você considera que as técnicas de audiodescrição utilizadas em outras mídias / conteúdos podem ser utilizadas nos textos jornalísticos veiculados nas notícias para que sejam mais descritivos?

Sim, tenho, mas não tenho experiência nisso, infelizmente.

4- Gostaria de acrescentar alguma pergunta a esta entrevista que está faltando?

Por tudo isso, gostaria de encaminhá-lo para Irene de Higes Andino dehiges@uji.es, que escreveu este artigo e trabalhou no projeto Itaca, lidando em parte com a interação entre cinema e notícias acessíveis. Ela pode ter algumas publicações mais recentes. Depois, há também o projeto EASIT, onde Veronika.Rot@rtvslo.si lida com acessibilidade e notícias.

Observação: Todas as perguntas do guião foram enviadas ao entrevistado, mas algumas não foram respondidas.

ANEXO 9 - ENTREVISTA LARA POZZOBON

Nome do entrevistado: Lara Pozzobon

Data da entrevista: 06/11/2020

Hora de início: 11:00

Duração: 1 hora e 8 minutos

Meio de realização da entrevista: Google meet

Deseja preservar o anonimato?

Resposta: Não.

Tem alguma objeção em gravar para facilitar a transcrição? Reforço que após a transcrição, este registro será apagado.

Resposta: Não

A pesquisa visa atender aos seguintes objetivos:

- Identificar as necessidades do público com deficiência visual no consumo de notícias veiculadas na televisão.
- Descrever a acessibilidade dos vídeos jornalísticos exibidos em telejornais.
- Analisar as perspectivas dos especialistas relativamente às técnicas de audiodescrição aplicadas em jornalísticos (E esse é o objetivo específico deste instrumento)
- Analisar as percepções da pessoa com deficiência visual sobre notícias televisivas com audiodescrição.

1. Há quanto tempo e qual o tipo de trabalho que desenvolve no campo da audiodescrição?

Eu saí do Brasil em 2018, eu me cansei porque eu não consegui aumentar. O festival "Assim vivemos" é bárbaro, mas eu nunca consegui aumentar ele. Eu consegui um pouco em 2010 e 2011 para fazer itinerância, não sei se você sabe essa trajetória toda, mas depois voltou a ficar achatado no CCBB das 3 cidades, mas tinham muitas ideias que não conseguiam patrocínio. Então eu me cansei e vim pros EUA pra fazer um mestrado em educação. Eu quis também virar meu olhar pra educação, novas possibilidades na inclusão, educação, principalmente educação infantil e o letramento. Esse é um assunto que me interessa muito, me importa muito. Eu tenho um filho com síndrome de Down que está a 3 ou 4 anos aprendendo a ler. É tudo quase, porque tudo demora muito com a síndrome de down. Se estende muito no tempo, mas é um processo muito legal porque a gente vê um resultado. Isso me chamou atenção, então eu vim estudar educação infantil e inclusão.

Como eu comecei?

Eu fiz um filme de curta metragem, foi minha primeira produção, ainda não profissional porque eu fiz no doutorado. Eu estudava na UERJ. Fiz graduação, mestrado e doutorado tudo na UERJ. Tudo em literatura, doutorado em literatura comparada. No início do doutorado eu conheci o Gustavo que é meu marido até hoje. Ele estava saindo do jornalismo na UFRJ e indo pro cinema na UFF. Eu acabei produzindo o primeiro curta dele, mesmo sendo de outra universidade, aprovaram. Era um curta universitário. Todos da UFF e eu produzindo. Este filme foi de ficção e tem uma personagem cega. A minha irmã fez essa personagem, ela estava estudando na CAL. Esse filme foi selecionado para um festival em Munique, lá em 2001. Nós fizemos o filme em 1999. Não esperávamos a reação das pessoas e ela ganhou o prêmio de melhor atriz no Festival do Rio, de Gramado, Brasília e de Curitiba. E ele ganhou o prêmio de melhor roteirista. Foi uma coisa inacreditável. O ator ganhou prêmio também. E esse foi o início da nossa história. A gente foi pro prêmio no festival de Munique, na Alemanha. E era um festival temático e nós nem sabíamos, porque a gente não usava internet, a gente se inscrevia nos papéis. Quando eu e Gustavo chegamos

em Munique, era um festival de filmes com pessoas com deficiência, igual ao nosso, a gente se inspirou nele. Nós ficamos fascinados com aquilo, com aquele universo. No festival eles tinham dinheiro para levar duas ou 3 pessoas por filme. Em alguns casos iam os personagens retratados, as pessoas com deficiência de todo tipo. Acabavam as sessões, a gente se emocionava com os filmes e as pessoas estavam ali. Era mágico. Em 2002, a gente colocou um edital no CCBB que era uma mostra dos filmes daquele festival, que se chamava "Mostra Assim vivemos". Selecionamos os filmes, o CCBB aprovou, porque não tinha outra forma de fazermos. Só no ano seguinte que tomamos coragem de abrir inscrições para o mundo inteiro e recebemos os filmes por correio. Só agora que vem pela internet. Na hora de fazer o festival eu falei com minha irmã pra convidar um ator, uma voz masculina, eu vou preparar uma cabine no CCBB. E você vai fazer uma dublagem interpretada durante um pouco mais neutra, mas dando a entonação, a intensidade. Claro, se é um grito, não vai gritar, você vai fazer isso com esse ator e entre as falas você vai descrever as imagens, porque eu vou convidar as pessoas cegas para esse festival. Você vai tornar isso possível pra eles. A gente só foi conhecer a palavra audiodescrição em 2007. Se você pegar o catálogo de 2003 e 2005, são 3 linhas para explicar. Era assim "dublagem interpretada por dois atores, ao vivo, transmitida por fones para pessoas com deficiência visual. Só em 2007 que a gente encontrou na internet um material da Inglaterra, da Espanha e dos EUA. E a grande alegria foi ver que os parâmetros que a minha irmã tinha definido, eram os parâmetros deles. Isso foi uma das coisas mais legais da nossa vida. Era uma coisa muito abrangente que tinha começado bem pequenininho. Nós duas ali desesperadas para fazer funcionar e acontecer, depois a gente viu que no mundo as pessoas faziam assim e dava certo. E ela sempre falava com as pessoas com deficiência visual que estavam nas sessões. A divulgação da primeira sessão foi muito boa, ele foi na Câmara de vereadores, na prefeitura, num monte de reunião oficial assim e conseguiu falar com todos os líderes, com aquelas pessoas do "special arts", uma coisa da Inglaterra que foi feita no Brasil, em 2000, 2001, então essas pessoas estavam bem ativas. Tinha pessoas com deficiência visual nas sessões, todos queriam falar com os audiodescritores, era uma coisa tão inédita. A pessoa cega sai da sessão meio tímida, ela ia lá e se apresentava, perguntava como foi a experiência e fazia perguntas específicas. "No filme que você acabou de assistir, na cena em que o personagem faz isso e aquilo, abre a porta e fecha, o que você entendeu?" Ela

testava as partes que ela tinha tido mais dificuldade, que ela tinha achado mais complicadas, que dava vontade de explicar mais, mas não pode. A gente já tinha noção, sabia que não podia explicar nada. Eu dizia pra ela: "Fala só o que está na imagem, se o filme é ambíguo, deixa ele, nós não vamos explicar o que o filme não explica". Então ela fazia essas perguntas testando. No início não tinha um consultor mesmo, mas a gente consultava posteriormente todo mundo que a gente conseguia. A gente tinha uma ânsia de ter um feedback imediato. Bom, a gente fez uma segunda edição em 2005. No Rio e em Brasília, só começou em São Paulo em 2009, porque o CCBB pediu. Então nós tivemos 3 edições no Rio e em Brasília. Sendo que a primeira foi só de uma semana e a segunda em diante foi de 2 semanas em cada cidade. E 4 debates, porque a gente faz 2 debates por semana. Então na Mostra Assim vivemos nós fizemos a seleção em fitas VHS, algumas mini dv's e betas também. E do segundo em diante nós abrimos inscrições. Foi duro, porque não havia internet fácil assim como é hoje e esses mecanismos. Tinha que achar o e-mail de produtoras no mundo todo. Produtoras que a gente nem sabia se tinham um filme sobre deficiência. Mas deu certo! A gente teve sempre um número maior que 130, 150 inscrições desde 2005. A gente conseguiu filmes de todos os continentes, em todas as edições. O painel do festival, cruzado com a questão da deficiência, é um painel multicultural. As questões e as soluções para os problemas da deficiência, estão cruzados com as questões culturais de cada país. Num filme iraniano vai ter toda a questão do feminino, as questões de gênero, todas as batalhas e lutas que os grupos têm paralelamente à questão da pessoa com deficiência e essa inclusão. Eu acho a vantagem de ter esse painel multicultural muito importante pra cruzar com a questão de como resolver as situações de inclusão nas diversas geografias. A questão da cadeira de rodas com os países da África, por exemplo, um filme de Angola "De corpo e alma" que foi para muitos festivais, fiquei tão feliz, porque o filme é super importante pelo cruzamento das duas questões. A questão geográfica, do ambiente onde aquelas mulheres tinham que andar de cadeira de rodas ou de muleta. Me lembrei do "Mulheres ferreiras", um outro filme também que passa no Quênia, onde uma ONG ensina as mulheres a fazerem as cadeiras de rodas. É o empoderamento das mulheres negras com deficiência, é muito lindo. É uma felicidade saber que essas pessoas existem e têm essa energia e conseguem transformar o seu ambiente. A gente tem que ser humilde pra tentar transformar o que é possível. E as vezes dar um

passo muito grande por ser uma coisa que pode ficar confusa para todo mundo, pra gente e pro sistema que a gente quer mudar. Eu adoro ver o exemplo dessas pessoas. O vídeo de divulgação do festival em 2007 tinha legenda e audiodescrição. Você chegou a ver? Em 2007 pouquíssima gente pensava sobre audiodescrição, só quem lia matérias estrangeiras sabia, a não ser quem tinha assistido no festival ou no teatro da Vivo, que começou em 2007 com a Livia Motta. Ela é super importante também, ela foi a segunda audiodescritora do Brasil. A Graciela foi a primeira, ela começou em 2003 no festival " Assim vivemos", ela continuou e até hoje trabalha direto com isso. Semana retrasada a gente estava trabalhando 5 horas por dia explicando no chat do Festival Rio Montreux Jazz Festival, que é um festival de música. Ela foi contratada pra colocar audiodescrição com a equipe dela e daqui a gente ia assistindo no YouTube no canal que tinha audiodescrição e íamos assistindo 5 horas por dia, sexta, sábado e domingo ouvindo uma música maravilhosa e respondendo as pessoas que diziam: "Manda calar a boca essa narradora, eu estou enxergando". Dezenas de pessoas entrando desse jeito, nesse calibre de interferência e a gente, eu , minha filha e meu marido e ela lá do lado de lá também respondendo. É um trabalho que parece que a gente avança, abrange mais gente, mas parece que está começando. Nesse festival de jazz foi assim, parecia que a gente estava em 2003.

2. Já fez audiodescrição de conteúdo de notícias para telejornais?

Resposta: Nunca. Mas a gente fez o programa "Assim vivemos", que foi exibido na TV Brasil, uma vez por semana, 26 episódios, durante seis meses. Depois reprisaram, então foram exibidos durante 1 ano. Era com a Moira Braga e o Nelson Pimenta, que é surdo. Os dois eram formados em jornalismo, tinham trabalhado um pouquinho como atores. Ela falava, aí tinha um intérprete nos bastidores na frente dele fazendo em Língua de sinais o que ela estava falando e ao mesmo tempo, um segundinho atrasado ele falava do lado dela, então ficava simultâneo com a ajuda desse segundo intérprete que ficava na frente dele. Era essa apresentação, aí vinha um filme feito por nós de uns 3 minutos. Um documentário sobre uma pessoa com deficiência e sua vida autônoma. E voltava pra eles e eles falavam: "agora vamos

assistir o filme tal, da Suíça". Aí passava o filme estrangeiro, no final eles voltavam e diziam: "agora vai ter o chat ao vivo" e aí a gente fazia uma outra conversa com o outro programa.

3. Considera que as técnicas de audiodescrição usadas em outros conteúdos e espaços podem ser utilizadas nos textos jornalísticos exibidos nos telejornais para que eles sejam mais descritivos?

Pode, mas se o programa jornalístico ele não tiver muita restrição de tempo. Eu acho que o único problema é o tempo e a má vontade de quem comanda esse jornalístico. Eu acho é uma uma coisa muito precisa, mais do que num filme, uma ficção que já precisa ser cirúrgica para inserir ali. Quando a pessoa respira, você aproveita para inserir a AD ali naquela hora. Então eu acho que você precisa mais do que uma precisão cirúrgica, você tem que achar o jeito de dizer o que está na imagem através das falas dos outros. Através da fala da pessoa da bancada, do repórter, que tá na rua e tentando inserir uma audiodescrição de forma... (..). Eu acho que vale testar e dar um passo entre cada descrição de imagem para inserir uma voz de audiodescrição. Eu acho que talvez você consiga testar isso com matérias que estão na internet pra ver se funciona e depois pra poder botar audiodescrição na voz dos próprios você teria que produzir a própria matéria produzida com a descrição feita com a matéria feita ali pela pessoa da bancada ou dos repórteres.

4. O telejornalismo é caracterizado pela rapidez de produção nos textos, reportagens com muitas imagens e poucos espaços de silêncio, notícias urgentes com pouco tempo de preparação prévia, que são essenciais ao grande público. Na sua opinião, o que deve ter prioridade na audiodescrição de telejornalismo?

Resposta: Se o jornalista da bancada está mostrando alguma coisa sem repórter, ele tem que não só falar o conteúdo da notícia que eles vão continuar falando, mas dizer o que aparece na imagem. Pode ser assim: "agora nós estamos vendo", mesmo que o vidente diga "pra

quê descrever? estou enxergando" Vão ter essas reações como tivemos no festival de jazz. De alguma forma ele tem que dizer o que está aparecendo. A solução é treinar os estudantes de jornalismo, assim como a solução da educação não é chegar com um projeto pronto. Só vai mudar se mudarem os curso de pedagogia. Essa mudança é no curso de pedagogia. Não adianta eu falar "olha esse formato de aula, gente". Não é uma pessoa perguntando e a outra respondendo, é aluno falando com aluno. Não adianta, as pessoas não vão aderir. Alguns vão, porque alguns já tem muito sonho, já querem alguma coisa. No jornalismo a mesma coisa. Você só vai conseguir dar essa contribuição se entrar na faculdade de jornalismo ou em cursos. As pessoas fazem cursos no meio da carreira, mestrado, doutorado, coisa assim. Ou cursos que têm para jornalistas no meio da carreira, deve ter.

Então é a sensibilização para a necessidade. E isso é a base de tudo. É a base do festival "assim vivemos" também. Qualquer pessoa pode ficar cega a qualquer momento num acidente. Nascer cega, ter um filho cego, cadeirante, surdo... entende? Essa condição é uma possibilidade para todos nós. Até como a vida acabar pode ser em qualquer momento, a nossa condição também pode mudar a qualquer momento. Existem essas pessoas e é até triste ter que dizer isso, mas são cidadãos, que têm os mesmos direitos, né?! São pessoas como você, como eu. Tenta se colocar no lugar delas, tudo começa pela sensibilização. Graças a deus a gente já passou por esse momento, lá em 2006, 2007 quando eu tentei começar a colocar audiodescrição em outras coisas para além do festival e os diretores de marketing... eu cheguei a ir no Unibanco, que não existe mais a décadas. Eu fui lá e a pessoa disse assim: "ok, mas quantos usuários vão se beneficiar?", "Quantos existem?". E não são só as pessoas com deficiência visual, são os disléxicos, as pessoas com síndrome de down, ou que têm alguma deficiência intelectual relacionada ou com o autismo, ou outra e que ficam meio perdidas assim e não conseguem sintetizar tudo como a gente que escuta, enxerga e sintetiza. Tem pessoas que não têm deficiência visual, mas também precisam desse recurso. É super útil para um espectro enorme de pessoas. Acho que a gente não tem mais essas pessoas que dizem: "meia dúzia vão assistir esse negócio e eu vou pagar sei lá quantos mil reais pra vocês fazerem esses 10 filmes em DVD". Então tudo passa pela mobilização das pessoas que vão

produzir esses conteúdos. Você está certíssima nisso, tem que ir lá na escola e inserir isso nos currículos. Essa mobilização vai fazer como achar o jeito.

Aqui nos EUA é tudo assim, você vai fazer uma aula, a primeira aula é assim, o professor pergunta: "como você faria?" Ué, meu deus, eu sou brasileira, eu vim aqui pra estudar e você está me perguntando como fazer? Aqui é tudo assim, primeiro os alunos têm que dizer o que eles fariam, ao invés dos professores ensinarem direto. Aí a pessoa vai ponderando e isso cria uma situação. E aí depois quem vem a ponderação de todas as ideias que surgiram com as soluções. Essas técnicas educacionais daqui são muito ativas, aqui a gente tem que falar o tempo todo. Uma das melhores coisas do sistema educacional aqui dos EUA.

Usar isso também para não ser uma coisa imposta para valorizar cada indivíduo como um ser que pode dar soluções. Isso que eu vejo de positivo aqui. Então usar essa ideia é mostrar as tentativas que já foram feitas, assim não deu certo, mas assim deu. Quais foram os feedbacks das pessoas com deficiência visual para cada uma dessas possibilidades e conversar também com vários consultores com deficiência visual vai ser super importante, porque eles vão ter idéias e insights diferentes dos nossos, audiodescritores.

5. Você conhece algum autor ou profissional que trabalha nesta área de audiodescrição para telejornalismo que possa indicar?

É possível que a Lucinea Vilela já tenha um trabalho sobre isso, ela está na Unesp de Bauru. Ela começou acho que em 2011, 2013, ela começou a descobrir. Ela dava aula disso, não sei se é a parte de dublagem ou legendagem, mas ela dá aula disso na Comunicação. Como a Eliana, que começou fazendo legendagem e agregou a audiodescrição. A Lucinea também trabalha com tradução, mas não com deficiência visual. Lá por 2013 ela foi ao "assim vivemos" (...) e ela tem muitas turmas de alunos e é possível que algum já tenha feito alguma coisa sobre telejornalismo.

6. Gostaria de acrescentar alguma questão a esta entrevista que esteja faltando/seja pertinente?

Não sei o que poderia acrescentar.

7 - As orientações de saúde neste tempo de pandemia que são veiculadas na televisão também não incluem audiodescrição. O mundo inteiro está falando sobre esse assunto, de saúde pública e mundial, mas a pessoa com deficiência não tem os recursos para acessar esse tipo de informação. o que você ai nos EUA sobre esse assunto? Tem passado por você? Te chamou atenção?

Aqui nos EUA eu não vi muita diferença quanto a audiodescrição conseguiu se inserir, porque na televisão começou a pouco tempo. A lei foi em 2010, em 2012 era 2 horas e foi expandida aos pouquinhos e isso está praticamente simultâneo. O primeiro insight foi aqui nos anos 60, mas não avançou quase nada. Aqui começou mais cedo, mas ainda muito escasso. Mais de verdade, funcionando com uma lei, pra colocar na televisão foi mais ou menos como no Brasil. Essa coisa de ter nos cinemas é muito discreto, você tem que chegar e perguntar. tem audioguia pro vidente, mas tem áudio pra pessoa cega? Nos museus grandes já têm, eu verifiquei isso. Não é uma coisa que já tem há muito tempo, então eu acho que a sociedade já está mais ou menos no mesmo passo. Aqui a conscientização que a mídia faz, já está mais na frente do que no Brasil. A educação especial é muito forte, é especial, mas é inclusiva, não é o contrário da inclusiva. Eles chamam de "special education"dentro da escola. Como meu filho tem síndrome de down eu estou aprendendo tudo como estudante de mestrado e como mãe. Amplia a minha noção das coisas, porque eu sou uma pessoa que estou recebendo isso pro meu filho. Foi muito legal eu ter feito esse mestrado e aprendido o IEP, que é aquele programa educacional individual para cada aluno que são umas 10 páginas de questões sobre a criança. Eu aprendi a fazer o IEP, como receber os pais, como estudante de mestrado se eu me tornasse professora. Nesse aspecto a sociedade aqui está mais preocupada e atenta. Porque a educação pensada como desenho universal, aqui já é uma discussão muito antiga. Isso foi muito feliz no desenvolvimento desse país, o que eu pretendo levar pro Brasil, esse avanço na educação inclusiva dentro da escola, como todas as terapias dentro da escola sempre, porque aqui funciona assim. A criança está na escola pública e recebe tudo dentro

da escola. Nesse sentido as pessoas estão mais conscientes, mais sensibilizadas. Mas na real no oferecimento está pouca coisa diferente do Brasil.

ANEXO 10 - ENTREVISTA JOEL SNYDER

Nome do entrevistado: Joel Snyder

Data da entrevista: 24/11/2020

Hora de início: 17:00 (Horário de Brasília)

Duração: 20 minutos

Meio de realização da entrevista: Zoom

Deseja preservar o anonimato?

Resposta: Não

Tem alguma objeção em gravar para facilitar a transcrição? Reforço que após a transcrição, este registro será apagado.

Resposta: Não

Como gostaria de ser identificado/creditado?

Joel Snyder, PhD, President, Audio Description Associates, LLC

Director, Audio Description Project, American Council of the Blind

A pesquisa visa atender aos seguintes objetivos:

- Identificar as necessidades do público com deficiência visual no consumo de notícias veiculadas na televisão.
- Descrever a acessibilidade dos vídeos jornalísticos exibidos em telejornais.

- Analisar as perspectivas dos especialistas relativamente às técnicas de audiodescrição aplicadas em jornalísticos (E esse é o objetivo específico deste instrumento)
- Analisar as percepções da pessoa com deficiência visual sobre notícias televisivas com audiodescrição.

1. Há quanto tempo e qual o tipo de trabalho que desenvolve no campo da audiodescrição?

A Audiodescrição teve início, nos Estados Unidos, como uma tecnologia assistiva formal, e sua origem como prática efetiva, um serviço contínuo, data de 1981, na região de Washington D.C. Eu fazia parte desse grupo, na Washington Ear, um serviço de leitura de rádio. Era um grupo de quatro ou cinco pessoas que desenvolveram esse conceito de que palavras audiodescritivas pudessem ser usadas para comunicar imagens visuais a pessoas que não tinham acesso a essas imagens, por alguma razão.

Faço isso há cerca de 40 anos. Apesar disso, eu diria que em meados dos anos 70, um grande amigo meu escreveu uma tese de mestrado que não usava a expressão “audiodescrição”, mas era sobre como produzir filmes acessíveis a pessoas cegas. Ele foi, de fato, a primeira pessoa a publicar e escrever, em forma de estudo, uma literatura sobre a arte da audiodescrição e seu impacto

2. Já fez audiodescrição de conteúdo de notícias para telejornais?

É uma ótima pergunta. E estou especialmente interessado na sua pesquisa e nessa nossa conversa porque isso é algo que... Essa é uma utilidade da audiodescrição que não tem sido implementada. Que eu saiba, quase nunca.

Dois anos atrás, preparei uma sessão, a qual não pude estar presente, mas alguns colegas se reuniram com a “National Association of Broadcasters” (Associação de Radiodifusão dos Estados Unidos), em uma sessão bem curta sobre como a previsão meteorológica produz audiodescrição, no intuito de tornar a apresentação mais acessível para qualquer um. Não era uma questão de atender apenas às pessoas

cegas, mas de oferecer melhor compreensão e sentido para todos. Apresentadores da previsão do tempo, em particular, mas devo dizer que assisto a muitos noticiários de TV aqui no país, eu moro na região de Washington DC., nos Estados Unidos, e assisto, por exemplo, a CNN. Durante a época de eleições e apuração dos votos, até mesmo me incomoda quando comentaristas como John King, que é um ótimo jornalista, sem dúvidas quanto a isso... Mas, no comando da “Magic Wall”, com mapas e mudanças dos números, ele dizia, de modo frequente: “Como podem ver aqui”, “Como podem ver ali”, “Bem ali” e “Aqui!”. Não havia explicação do que significava “Aqui!”, ou “Lá!”, ou “como você pode ver”. “Como você pode ver”: quatro palavras um tanto inúteis. Ao que me parece, a pessoa que diz “pode ver” não se importa, de fato, se conseguem ver ou não. Por que não usar esse tempo para se referir diretamente para o que se está apontando? Ou seja, use linguagem descritiva em situações nas quais quer enfatizar algo visual. Utilize a linguagem descritiva e, ao fazer disso um hábito, mesmo quando não for uma ênfase em particular, você já está ciente de que não só os 26 milhões de americanos que são cegos, ou enxergam com dificuldades, mas toda a sua audiência não consegue... Qual a porcentagem de pessoas coladas à TV, olhando para a tela a cada segundo? É relativamente pequena, acredito eu.

As pessoas estão assistindo às notícias enquanto lavam a louça, ou jantam, ou estão de costas para a tela da TV. Essas pessoas não conseguem ver sobre o que você está falando. E se você não usar linguagem descritiva, eles não irão... O que você está dizendo não será acessível a elas. Então, realmente, é uma boa técnica para qualquer pessoa, para jornalistas, apresentadores da previsão do tempo, para qualquer pessoa que faça parte do meio visual.

3. Considera que as técnicas de audiodescrição usadas em outros conteúdos e espaços podem ser utilizadas nos textos jornalísticos exibidos nos telejornais para que eles sejam mais descritivos?

Sim. Você me trouxe à mente um aspecto em particular, que é um pilar, se assim preferir, da audiodescrição: escrita descritiva significa descrever, não explicar. Nós mostramos, não explanamos. Eu acho que bons escritores, inclusive na área do jornalismo, contribuíram muito mais se fossem mais objetivos.

O jornalismo hoje é quase como se todo tele jornalista fosse parte jornalista e parte pândita: expressando opiniões, usando advérbios e adjetivos que deixam claro qual a interpretação deles a respeito do que estão vendo. E está tudo bem, contanto que seja esse o seu trabalho, ser um pândita, fazer interpretações, emitir opiniões. Mas grande parte dos jornalistas, de acordo com o que sei sobre jornalismo... Não sou jornalista, mas o que se aprende sobre jornalismo na escola é que o jornalista objetivo seria o mais respeitado, considerado o mais justo, pela maioria das pessoas.

Não muito tempo atrás, Walter Cronkite, um famoso jornalista da CBS, era muito respeitado por dar a notícia de forma objetiva, equilibrada e justa. Lembro de haver essa discussão: se Walter Cronkite levantasse a sobrancelha durante uma transmissão, isso afetaria a bolsa de valores, por ele ser tão conservador sobre a emissão de opinião, de uma maneira ou de outra. E acho que o jornalismo é sobre isso. Talvez muitos jornalistas, hoje em dia, sejam pomposos. E, provavelmente, seriam muito melhores se estudassem descrição e estudassem os conceitos da objetividade no uso da língua. Eu acho que isso contribuiria para o jornalismo, e contribuiria para a melhora da comunicação, em geral. As pessoas têm o próprio cérebro, eles podem olhar e ouvir e interpretar por si próprias, não precisam de você para dizer o que devem pensar. É provável que haja jornalistas demais fazendo isso e péssimos audiodescritores também.

4. O telejornalismo é caracterizado pela rapidez de produção nos textos, reportagens com muitas imagens e poucos espaços de silêncio, notícias urgentes com pouco tempo de preparação prévia, que são essenciais ao grande público. Na sua opinião, o que deve ter prioridade na audiodescrição de telejornalismo?

Bem, o noticiário de TV é, em essência, e de forma inerente, uma mídia visual. As pessoas podem ver e acompanhar o que é mostrado. Minha opinião é que quanto menos emitirem comentários e, claro, interpretação subjetiva, melhor será. Em geral, a respeito da audiodescrição, quanto menos palavras, melhor. O grande filósofo e matemático francês do século 17, Blaise Pascal, uma vez escreveu uma longa carta pra um amigo, e terminou a carta dizendo: "Se escrevi esta carta tão longa, foi porque não tive tempo para fazê-la mais curta." Bons descritores, e bons jornalistas, investem tempo no ofício da língua. Você está certa, o tempo é escasso. E eles comprimem um material enorme dentro de 30 minutos. Porém, isso me faz pensar que, por exemplo, nos últimos três ciclos de eleições nos Estados Unidos, fiz a audiodescrição das cerimônias de posse para o canal ABC, transmitidas em rede nacional. Eu tinha que intuir quando os comentaristas terminariam a frase, para então saber que teria um segundo para me expressar, em uma ou duas palavras, sobre os elementos visuais, fornecendo acessibilidade às pessoas que não conseguiam vê-los. Os períodos mais proveitosos eram quando o comentarista apenas parava e deixava todos ouvirem e verem. Nesse momento, eu não precisava me preocupar em cooperar, pois é claro que não queria sobrepôr à fala deles. Ou seja, isso também não dá permissão ao descritor para disparar a falar, porque deixar as pessoas sentirem e apreciarem os sons, de fato, é parte da experiência, e não acho que respeitam isso o suficiente. Em geral, no jornalismo de TV, novamente, menos palavras fazem melhores apresentações, tanto na descrição quanto no jornalismo.

5. Você conhece algum autor ou profissional que trabalha nesta área de audiodescrição para telejornalismo que possa indicar?

Poxa, acredito que não! Não conheço nenhum outro... Como eu disse, faço palestras que abordam esse assunto, mas não me deparei com nenhuma literatura. Não significa que não exista, pode ser que encontre alguma por aí, através da pesquisa, mas não conheço qualquer estudo ou qualquer outra pessoa que tenha pesquisado a respeito, ou trabalhado com jornalistas nesta área. Acho legítimo esse levantamento e a compreensão por parte dos jornalistas sobre o que estão fazendo e, assim, se aperfeiçoarem, mas não sei... Porque, nos

Estados Unidos, jornalistas se tornam estrelas, são personalidades da TV. E acredito que é um pouco... Bom, são celebridades, são bem-sucedidos. Então, quem vai dizer a eles como fazer o que fazem? Claro, isso não reflete a postura de grande parte dos jornalistas, mas há um pouco disso. Acredito que, certamente, a maioria dos jornalistas nunca ouviu falar da ideia de audiodescrição e seus conceitos. Grande parte dos produtores de filmes e de TV nunca ouviram falar sobre isso. Precisamos fazer muito mais na construção de uma visibilidade. E, ao tomarem conhecimento do assunto, talvez se coloquem abertos a abarcar alguns desses conceitos, nos próprios trabalhos. Mas, sim, não conheço ninguém que tenha esse interesse. Entretanto é algo que, evidentemente, deveria ser mais explorado.

6. Gostaria de acrescentar alguma questão a esta entrevista que esteja faltando/seja pertinente?

Acredito que não. Direi apenas, mais uma vez, Luana, que você está no caminho certo ao explorar esse assunto. Não conheço nenhuma outra literatura. É provável que consiga fazer várias descobertas em sua pesquisa bibliográfica, mas acho que há uma necessidade aqui, que você está suprindo. Então, te peço que mantenha contato comigo, e, porventura, compartilhe... Seu trabalho será escrito em português?

ANEXO 11 - ENTREVISTA JOEL SNYDER - LÍNGUA ORIGINAL

1. Let's start? How long and what type of work do you do in the audio description area?

JOEL SNYDER: Well, audio description began in the United States as a formal assistive technology. And its roots as an actual practice, an ongoing service go back to 1981, in Washington, D.C., area and I was a part of that group, at the Washington Ear, a radio-reading service. About 4 or 5 of us that developed this notion that audio description words could be used to communicate visual images to people who did not have access to these visual images for whatever reason.

So, I've been doing this for about 40 years now, and I would say though that in the mid-1970s, a fellow named Gregory Frazier ¹ wrote a master's thesis, where he didn't use the phrase "audio description", but this thesis was really about how does one make film accessible to someone who is blind. So, he really was the first person to publish in writing any sort of examination or literature on the impact and the art of audio description.

2. Nice. Have you ever done or watched audio description for TV news?

SNYDER: That's a great question and I'm especially interested in your research and to speak with you because that's something that... That's an application for audio description that has not been used, to my knowledge, hardly at all. About 2 years ago, I prepared a session I wasn't able to deliver it personally, but colleagues delivered a session at the National Association of Broadcasters. Really short session about how weathercasters could use audio description to make their presentations more accessible for everyone. It's not a matter of simply for people who are blind, more understandable, make more sense for anyone. Weathercasters in particular, but I must say I watch a lot of television news, here in this country, I'm based in the Washington, D.C., area in the United States. I watch, for instance, CNN – Cable News Network.

Throughout the election season, and when the votes were being tabulated. It even annoys me when commentators like John King, who is a great newsman, a great journalist, no question to this, but he sort of was in charge of the magic wall, where numbers were changing and there were maps. And he constantly would talk about: “As you can see here...”, and “as you can see this...”, “and over there...”, “now, here, there’s...”. And there was no explication to what “here” means, or “over there”, or “as you can see”. “As you can see”, four words that are pretty much useless. The person who is sighted can see, they don’t need you to remind them that they can see, it seems to me. Why not using that time to directly refer to what it is you’re pointing out? So, use descriptive language in those periods when you want to emphasize something that is visual. Use descriptive language and even get in the habit of doing that. So that even when it’s not a particular emphasis, you’re aware that not only are there 26 million Americans who are blind or having trouble seeing even with correction, your entire audience don’t... What percentage of the audience is glued to the television, watching the screen every second? I think a relatively small percentage. People watch the news while they’re washing the dishes, or they’re eating dinner, or their back is to the television screen. Those people can’t see what they are talking about and if you don’t use descriptive language, they are not going to... what you’re discussing is not going to be accessible to them. So, it’s really just a good technique for anyone, really. For journalists, weathercasters, or anybody that is in a visual medium.

3. Nice! Do you consider that audio description techniques used in other medias and content can be used in the journalistic texts, so that they are more descriptive?

Well, yes. I think... One aspect in particular that you made me think about is a tenet, if you will, of audio description, that the writer of description is describing, not explaining.

We show, we don't tell. And I think that good writers in any media, certainly in journalism, would do far better if they were more objective in their reports. Journalism today almost seems as though every newscaster is part journalist and part pundit: expressing their opinion, using adverbs and adjectives that convey their interpretation of what they see. That's fine, if that's what you're being paid to do, to be a pundit, to provide your interpretation, to provide your opinion. But most journalists, the way I've always learned about journalism... I'm not a journalist, but one learns about journalism going through school, and was that the objective journalist is the one to be the most respected, the most fair by the most number of people, you know?

It wasn't all that long ago when Walter Cronkite, who was a famous CBS television journalist, was so respected because he gave it to you in an objective, very balanced, fair way. You know, I remember sometimes being discussed that if Walter Cronkite raised his eyebrow during his broadcast, that could have an effect on the stock market, you know? Because he was so conservative about his expressing an opinion one way or the other. I think that's what journalism is about, and perhaps too many journalists today are pompous and would probably do well to study description and study the notion or the concept of objectivity in using language. I think that would make for better journalism and make for better communication in general. People have their own brains, they can look and listen and make their own interpretation, they don't need you to tell them what to think, that's there, where I am. Perhaps too much journalism does that and bad audio description does that too.

4. Telejournalism is characterized by fast production of texts and urgent news with little time for preparation, few spaces for silence, but is an essential service for the public. In your opinion what should be given priority in audio description for TV news?

Well, I think that TV news is essentially, inherently, a visual medium. People can see and join in what is being showed. And my opinion is that the less commentary, and certainly subjective interpretation, the less of that that one does for better.

Generally, with respect of audio description, fewer words are better than more words. The great French 17th century philosopher and mathematician, Blaise Pascal, once wrote a long letter to a friend and ended it finally by saying: “Forgive me, I have only made this letter longer because I’d not have the time to make it shorter.” Good describers, good journalists, take the time to craft the language. You’re absolutely right, there isn’t a lot of time, and they are compressing a lot of material into 30 minutes. But it makes me think of, for instance, the last three election cycles in the United States. I provided audio description of the inauguration ceremonies on ABC Television, nationally broadcast, and I had to sense when the commentators would end a phrase, so that I knew there would maybe be a second in which I could express a word or two about the visual elements, providing access to people who can’t see it. The most helpful periods, when the commentator would just stop and let everyone listen and let everyone see. I didn’t have to worry then about covering them, I don’t want to speak over them, certainly. But it also doesn’t give the describer license to just talk, talk, talk. Because letting people feel the sounds, really appreciate them, is part of the experience and I don’t think there’s quite enough respect for that, in general, in TV journalism. Again, I think fewer words make for better presentation in description and in journalism.

5. Nice, great! Do you know any author or professional who works in audio description for TV news that you can give me a reference?

Gee, I don’t think I can. I don’t know of any others. Like I say, I’ve made presentations that address this, but it’s... I have not met any literature. It doesn’t mean it’s not out there, you might do well to do a search of literature out there, but I don’t know of any studies or any others who have really researched this or have worked with journalists in this area. I think it’s a right for exploration and for journalists to understand what they are doing and perhaps improve their skills, but I don’t know of... In this country, journalists become stars, you know? They are television personalities. I think there’s a little bit of... Well, they are the stars, they’ve made it, you know? Who is going to tell them of how to do what they do? Sure, that’s not the attitude of most journalists but there’s a little bit of that, and I think that certainly audio description is something that most journalists have never heard of the concepts, the ideas. Most tv producers, most film producers,

have never heard of it. We need to do a lot more to build our visibility. And once they hear about it, perhaps they would be open to incorporating some of the concepts in their own work. But, yes, I don't know of others who are looking toward that, but it's certainly something that should be explored.

6. Would you like to add any question that we are missing?

Well, I don't think so. I'll simply say again, Luana, that I think you're on the right track to explore this. I don't know of any other literature, and you might be able to discover things in your literature search, but I think there's a need here and you're filling that need. So, I would ask that you stay in touch with me, and perhaps share... Your work will be written in Portuguese?

LUANA: Yes, in Portuguese.

SNYDER: Ok. Well, alright. Oh, by the way, translate it [*incomprehensible speech*] reading and learning so much of what you've discovered.

LUANA: We are finished. I'm very, very happy to talk to you. I want to say thank you so much for your time, for sharing your big experience with me in this interview. Thank you.

SNYDER: Not at all. I hope to be able to visit Brazil again someday. I don't know if there will be much travel in the next year or something. But I've been fortunate to visit and talk about description and train describers in over sixteen² countries. I really enjoy traveling but I don't think there will be much of that over the next year, but it will come back and I'm sure I'll be back to visiting Brazil sometime.

LUANA: Nice. I need to finish my thesis... I think it's next February. But I send it to you.

SNYDER: Ok. That would be wonderful. Thank you.

LUANA: Thank you, thank you.

SNYDER: All right!

LUANA: Have a great day!

SNYDER: Ok, you too. Bye, bye!

LUANA: Bye!

ANEXO 12 - RESPOSTAS ABERTAS DO QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Observação: Foi preservada aqui a forma de escrita dos participantes do estudo. Nenhuma alteração ou conserto foi realizada.

Código	2.3. Caso considere que outra opção afeta a recepção da notícia, indique qual?
P1	A não descrição da vestimenta roupa etc
P2	Excesso de outras informações na tela, passando ao mesmo tempo em que a notícia é falada. Isso causa uma poluição visual que causa uma confusão, principalmente para quem tem baixa visão.
P3	audiodescrição descrevendo as pessoas em locais onde está acontecendo a notícia...
P3	audiodescrição descrevendo as pessoas em locais onde está acontecendo a notícia...
P5	A falta de áudio descrição em geral. Precisaríamos ter áudio descrição em todas as apresentações dos telejornais, seja em que matéria for.
P6	Não atrapalha
P7	Não atrapalha
P8	O excesso de ruído pode afetar o entendimento do que está sendo dito e isso pode afetar a recepção da notícia.
P9	Comerciais o telefone está na tela isso diariamente ocorre

Código	2.3. Caso considere que outra opção afeta a recepção da notícia, indique qual?
P10	Inexistência de legendas áudio relativas à tradução de pequenos trechos proferidos noutra língua que não a língua nativa do telejornal. Por exemplo, um pequeno trecho de uma intervenção do presidente dos Estados Unidos num telejornal português aparece apenas com as legendas no ecrã, negando assim o acesso às pessoas com deficiência visual. Se não souberem falar inglês, não acedem ao conteúdo do que está a ser dito.
P11	Legendas em português
P12	As legendas não traduzidas seriam essenciais.
P13	Quando a informação /entrevista está em outra língua que não a primaria e só tem a legenda para quem não vê obvio que passa ao lado dado que não se entende o inglês ou outra do entrevistado
P14	a falta de tradução quando as notícias são em línguas estrangeiras, principalmente alemão, russo, etc.
P15	falta de discrição dos acontecimentos
P16	Tradução em áudio de declarações em línguas estrangeiras, sobretudo nas notícias internacionais.
P17	Em minha opinião, se as notícias forem traduzidas quando estão a entrevistar pessoas estrangeiras, e essa tradução for feita em áudio, melhora a recepção das mesmas.
P18	Falta de tradução verbalizada, vulga dobragem, de notícias em que interlocutores estrangeiros falem.
P19	Falta de dobragem nos conteúdos em língua estrangeira
P20	sugiro áudio descrição em filmes e novelas televisivas

Código	2.3. Caso considere que outra opção afeta a recepção da notícia, indique qual?
P21	Se a notícia não tiver tradução ou descrição das legendas para uma pessoa cega torna-se difícil de compreender.

Código	2.4. Em sua opinião, quais as mudanças que poderiam ser feitas na apresentação das notícias para que elas fossem mais acessíveis a pessoas com deficiência visual?
P1	Ter áudio e descrição quando está tendo matérias externas, ter áudio e descrição nos vídeos e fotos, etc
P2	Tudo que não é falado poderia ser descrito ou áudio descrito.
P3	Que as notícias sejam fornecidas com o recurso da audiodescrição.
P3	Audiodescrição
P5	A pessoa com deficiência visual ter a opção de escolha de como ela vai consumir o conteúdo
P6	Ter mais áudio descrição
P7	Letras grandes e muito mais outras informações
P8	Ter áudio descrição nas notícias como os apresentadores estão vestidos qual é o cenário do estúdio.
P9	Adoção ou aprimoramento da audiodescrição, assim como a leitura de toda informação (imagem gráfica, legendas etc.) que aparece na tela.
P10	Acredito que a utilização da áudio descrição resolveria se não todas, a maior parte dessas questões.
P11	Descrição citar localização divulgação de eventos com mais clareza

P12	Repórter dizer o próprio nome, porque é muitas vezes essa informação aparece em forma de texto na tela. audiodescrição de matérias gravadas também seria muito interessante.
P13	Em alguns casos, torna-se indiscutível a descrição de alguns elementos, os quais muitas das vezes tornam aquela informação difícil de ser compreendida.
P14	áudio descrição com detalhes
P15	Acredito que a utilização da áudio descrição resolveria se não todas, a maior parte dessas questões.
P16	A.D. geral
P17	Prestação do serviço de audiodescrição
P18	Locução com áudio descrição dos acontecimentos no momento em que o tele jornal está sendo apresentado, fazendo o mesmo com imagens estáticas imóveis, locução das legendas quando a notícia for em outra língua...
P19	Falta áudio de inscrição em todas as notícias
P20	Todo o conteúdo de todas as matérias poderiam ser descritas
P21	Áudio descrição das legendas; identificação das pessoas entrevistadas; identificação dos lugares; áudio descrição das imagens
P22	Locução com áudio descrição dos acontecimentos no momento em que o tele jornal está sendo apresentado, fazendo o mesmo com imagens estáticas imóveis, locução das legendas quando a notícia for em outra língua...
P23	Os tele jornais deveriam ter áudio descrição.
P24	Precisaríamos ter áudio descrição em todas as apresentações dos telejornais e em quaisquer matérias.
P25	Para quem tem Refino de pigmentar - Síndrome de Usher, deveriam dar mais prioridades a presença de áudio e descrição do que está sendo falado e/ou ocorrendo.

P26	Áudio descrição das legendas; identificação das pessoas entrevistadas; identificação dos lugares; áudio descrição das imagens
P27	explicação mais detalhada enquanto passam um video
P28	Os tele jornais deveriam ter áudio descrição.
P29	Deveriam fazer a descrição dos locais bem como das ações e da fisionomia das pessoas no momento da apresentação das notícias
P30	Poderiam ser mais detalhadas
P31	Poderiam ser mais detalhadas
P32	É importante ter atenção ao uso inadequado de pronomes demonstrativos, pois o que está sendo indicado/apontado não está sendo visto, desta forma, o entendimento será prejudicado. Por exemplo: "...este item é o mais relevante..." (este? que este? qual dos itens está sendo apontado?); "O homem morreu na frente daquela construção" (que construção? de uma casa? de um prédio?)
P33	Maior audiodescrição nos espaços imagéticos.
P34	Audiodescrição
P35	Fazer a audiodescrição do ambiente cenário e tudo que se refere as Tais notícias!
P36	Tendo áudio descrição de textos ou imagens que estão na tela da televisão e falar pausadamente para que as informações sejam transmitidas com clareza
P37	Respostas diretas, bem espaçadas e com direcionamento
P38	Tendo em vista que os jornais contém um grande número de repórteres, todos podessem colaborar com a haccessibilidade
P39	De uma forma que a informação fosse mais precisa para as pessoas com deficiência visual

P40	Como referi acima, a tradução áudio de algumas legendas que aparecem em determinadas notícias deveria ser um aspeto a considerar por muitas estações televisivas, nomeadamente as portuguesas, uma vez que em alguns países como a França, por exemplo, já existe esse cuidado.
P41	Considero que todos os áudios em língua estrangeira deveriam ser dobrados porque nem toda a gente domina outra língua.
P42	Áudio descrição, dobragens,
P43	Não sei. Talvez por legendas em áudio.
P44	Leitura das legendas
P45	Leitura das legendas quando alguém está a falar uma língua diferente daquela em que a notícia principal está a ser apresentada.
P46	Se forem exibidas imagens, deverá haver descrição sintética das mesmas; se houver passagem de opiniões, emitidas noutros idiomas, deverão ser traduzidos; no caso da intervenção de indivíduos, identificados pelo nome escrito, deveria ser indicado, para que se possa saber de quem se trata; ao exibir gráficos, terão que ser devidamente explicados, para que seja possível a sua compreensão.....
P47	Descrição áudio de legendas.
P48	Descrição das pessoas entrevistadas quando não falam na língua primária ou seja o Português
P49	Uma descrição daquilo que aparece na imagem, pelo menos em linhas gerais e no caso de informação como a temperatura na previsão do tempo, a mínima e a máxima em cada distrito
P50	Passar a reportagem mais lenta, áudio descrição..
P51	Leitura das legendas quando alguém está a falar uma língua diferente daquela em que a notícia principal está a

	ser apresentada.
P52	descritiva
P53	Tradução falada daquilo que está a passar no ecrã em legendas
P54	Haver mais audiodescrições, traduções; ter o cuidado de não deixar espaços em aberto no caso de serem exibidas imagens.
P55	Leitura das legendas exibidas na reportagem.
P56	adição de um recurso aos canais televisivos que descreva tudo o que seja possível descrever, para facilitar o acesso da informação aos deficientes visuais
P57	Audio-descrição
P58	Alguma audiodescrição descritiva nas reportagens, para melhor enquadramento das situações noticiadas, seria muito importante. A apresentação em áudio das legendas mais relevantes também me parece fundamental.
P59	Para mim, deviam apresentar os gráficos da meteorologia por voz, por exemplo, quando estão a apresentar as previsões do tempo para aquele dia, por vezes apenas aparece o quadro na televisão e ninguém fala o que lá se passa e nós cegos totais ficamos sem saber o que vai acontecer quanto ao tempo naquele dia.
P60	Dobragem de notícias estrangeiras, descrição de imagens e conteúdos textuais como legendas e mapas meteorológicos por ex. Convido a visitar, assinar e divulgar a seguinte petição pública https://peticaopublica.com/pview.aspx?pi=Deficiencia-Visual
P61	Obrigado
P61	Dobragem dos conteúdos em língua estrangeira; descrição dos conteúdos que aparecem apenas visualmente (textos, gráficos, infografias, etc.)

P62	haver áudio descrição das mesmas, assim como de novelas, filmes e meteorologia.
P63	ter mais audio que descreva melhores coisas
P64	Audiodescrição de legendas e outro tipo de imagens, tabelas etc relevantes na notícia e importantes para a total compreensão da mesma
P65	Haver descrição daquilo que não pode ser alcançável com os olhos, na sequência da deficiência
P66	Que quando houvesse uma notícia em inglês ou outra língua fosse traduzida para português E também para que houvesse descrição das legendas.
P67	Quando o interveniente da notícia fala num idioma estrangeiro, deverá ser dublada a sua fala.
P68	maiores caracteres
P69	Traduções faladas para português.
P70	Treinamento de jornalistas para entenderem as necessidades das pessoas com deficiência visual, ter recurso de audiodescrição nas notícias e interesse das pessoas com deficiência visual em solicitar isso.

ANEXO 13 - ANÁLISE DE CONTEÚDO QUESTIONÁRIO

TABELA 1 Categorias e subcategorias de análise de conteúdo das respostas à pergunta aberta "Caso considere que uma outra opção afeta a recepção da notícia, indique qual"

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores / Unidades de registro	Unidades de contexto
Consumo de telejornais por pessoas com deficiência visual	Fatores que afetam a recepção das notícias	Não descrição da vestimenta	Vestimenta	"Não descrição da vestimenta, roupa" P5
		Não descrição de informações na tela	Telefone na tela	"Comerciais o telefone está na tela isso diariamente ocorre." P39
		Falta de tradução de legenda em português para conteúdos em língua estrangeira	Tradução e legendas	"Legendas em português" P43
				As legendas não traduzidas seriam essenciais." P46
				"Quando a informação /entrevista está em outra língua que não a primaria e só tem a legenda para quem não vê obvio que passa ao lado dado que não se entende o inglês ou outra do entrevistado." P48
				"Se a notícia não tiver tradução ou descrição das legendas para uma pessoa cega torna-se difícil de compreender." P66
		Falta de dublagem em conteúdos em língua estrangeira	Dublagem	"Falta de tradução verbalizada, vulga dublagem, de notícias em que interlocutores estrangeiros falem." P60
				"Falta de dublagem nos conteúdos em língua estrangeira." P61
			Tradução em áudio	"Tradução em áudio de declarações em línguas estrangeiras, sobretudo nas notícias internacionais." P58

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores / Unidades de registro	Unidades de contexto
				"Em minha opinião, se as notícias forem traduzidas quando estão a entrevistar pessoas estrangeiras, e essa tradução for feita em áudio, melhora a recepção das mesmas." P59
				"Inexistência de legendas áudio relativas à tradução de pequenos trechos proferidos noutra língua que não a língua nativa do telejornal. Por exemplo, um pequeno trecho de uma intervenção do presidente dos Estados Unidos num telejornal português aparece apenas com as legendas no ecrã, negando assim o acesso às pessoas com deficiência visual. Se não souberem falar inglês, não acedem ao conteúdo do que está a ser dito." P40
		Falta de descrição das pessoas e dos locais	Descrição de locais	"Audiodescrição descrevendo as pessoas em locais onde está acontecendo a notícia." P22
		Excesso de informações na tela	Poluição visual	"Excesso de outras informações na tela, passando ao mesmo tempo em que a notícia é falada. Isso causa uma poluição visual que causa uma confusão, principalmente para quem tem baixa visão." P9
		Falta de descrição em geral	AD em filmes e novelas	"Sugiro áudio descrição em filmes e novelas televisivas." P62
		Falta de descrição em geral	AD em todas as apresentações	"A falta de áudio descrição em geral. Precisaríamos ter áudio descrição em todas as apresentações dos telejornais, seja em que matéria for." P24
Falta de descrição dos acontecimentos	Descrição do acontecimentos	"Falta de descrição dos acontecimentos" P56		

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores / Unidades de registro	Unidades de contexto
		Excesso de ruído	Poluição sonora	"O excesso de ruído pode afetar o entendimento do que está sendo dito e isso pode afetar a recepção da notícia." P32

ANEXO 14 - ANÁLISE DE CONTEÚDO QUESTIONÁRIO

TABELA 2 - Categorias e subcategorias a partir da análise de conteúdo das respostas à pergunta " Em sua opinião, quais as mudanças que poderiam ser feitas na apresentação das notícias para que elas fossem mais acessíveis a pessoas com deficiência visual?"

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores / Unidades de registro	Unidades de contexto
Consumo de telejornais por pessoas com deficiência visual	Sugestões para produções mais acessíveis	Mais audiodescrição	Audiodescrição	"Ter áudio e descrição quando está tendo matérias externas, ter áudio e descrição nos vídeos e fotos, etc." P1
				"Tudo que não é falado poderia ser descrito ou áudio descrito." P2
				"Que as notícias sejam fornecidas com o recurso da audiodescrição." P3
				"Audiodescrição." P4, P34 e P57
				"Ter mais áudio descrição." P6
				"Ter áudio descrição nas notícias como os apresentadores estão vestidos qual é o cenário do estúdio." P8
				"Adoção ou aprimoramento da audiodescrição, assim como a leitura de toda informação (imagem gráfica, legendas etc.) que aparece na tela." P9
				"Acredito que a utilização da áudio descrição resolveria se não todas, a maior parte dessas questões." P10
				"áudio descrição com detalhes." P14
				"A.D. geral." P16

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores / Unidades de registro	Unidades de contexto
				"Prestação do serviço de audiodescrição" P17
				"Locução com áudio descrição dos acontecimentos no momento em que o tele jornal está sendo apresentado, fazendo o mesmo com imagens estáticas imóveis, locução das legendas quando a notícia for em outra língua." P18
				"Falta áudio de inscrição em todas as notícias."P19
				"Áudio descrição das legendas; identificação das pessoas entrevistadas; identificação dos lugares; áudio descrição das imagens." P21
				"Os tele jornais deveriam ter áudio descrição" P23 e P28
				"Precisaríamos ter áudio descrição em todas as apresentações dos telejornais e em quaisquer matérias." P24
				"Áudio descrição das legendas; identificação das pessoas entrevistadas; identificação dos lugares; áudio descrição das imagens."P26
				"Deveriam fazer a descrição dos locais bem como das ações e da fisionomia das pessoas no momento da apresentação das notícias." P29
				"Maior audiodescrição nos espaços imagéticos."P33
				"Fazer a audiodescrição do ambiente cenário e tudo que se refere as tais notícias!" P35
				"Tendo áudio descrição de textos ou imagens que estão na tela da televisão e falar pausadamente para que as informações sejam transmitidas com clareza ." P36

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores / Unidades de registro	Unidades de contexto
				"Haver mais audiodescrições, traduções; ter o cuidado de não deixar espaços em aberto no caso de serem exibidas imagens." P54
				"Adição de um recurso aos canais televisivos que descreva tudo o que seja possível descrever, para facilitar o acesso da informação aos deficientes visuais." P56
				"Alguma audiodescrição descritiva nas reportagens, para melhor enquadramento das situações noticiadas, seria muito importante. A apresentação em áudio das legendas mais relevantes também me parece fundamental." P58
				"Haver áudio descrição das mesmas, assim como de novelas, filmes e metereologia." P62
				"ter mais audio que descreva melhoras coisas." P63
				"Audiodescricao de legendas e outro tipo de imagens, tabelas etc relevantes na notícia e importantes para a total compreensão da mesma." P64
				"Haver descrição daquilo que não pode ser alcançável com os olhos, na sequência da deficiência." P65
		Dublagem	"nem toda a gente domina a língua"	"Considero que todos os áudios em língua estrangeira deveriam ser dublados porque nem toda a gente domina outra língua." P41
			Dublagem de conteúdos língua estrangeira	" (...) dublagens" P42
				"Dublagem de notícias estrangeiras, descrição de imagens e conteúdos textuais como legendas e mapas metereológicos por ex. (...)" P60

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores / Unidades de registro	Unidades de contexto
				"Quando o interveniente da notícia fala num idioma estrangeiro, deverá ser dublada a sua fala." P67
				"Dublagem dos conteúdos em língua estrangeira" P61
		Leitura de legendas	Legendas	"Leitura das legendas." P44
				"Leitura das legendas exibidas na reportagem." P55
				"Leitura das legendas quando alguém está a falar uma língua diferente daquela em que a notícia principal está a ser apresentada." P45
		Tradução	Tradução áudio	"Como referi acima, a tradução áudio de algumas legendas que aparecem em determinadas notícias deveria ser um aspeto a considerar por muitas estações televisivas, nomeadamente as portuguesas, uma vez que em alguns países como a França, por exemplo, já existe esse cuidado." P40"
				"Descrição das pessoas entrevistadas quando não falam na língua primária ou seja o Português." P48
				"Talvez por as legendas em áudio." P43
				"Tradução falada daquilo que está a passar no ecrã em legendas" P53
				"Que quando houvesse uma notícia em inglês ou outra língua fosse traduzida para português E também para que houvesse descrição das legendas." P66
				"Traduções faladas para português." P69
		Treinamento	Treinamento de jornalistas	"Treinamento de jornalistas para entenderem as necessidades das pessoas com deficiência visual (...)"P70

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores / Unidades de registro	Unidades de contexto
		Mobilização das pessoas com deficiência	Mobilização dos usuários	" (...) interesse das pessoas com deficiência visual em solicitar isso." P70
		Descrição mais detalhada	"ficamos sem saber"	" (...) deviam apresentar os gráficos da meteorologia por voz, por exemplo, quando estão a apresentar as previsões do tempo para aquele dia, por vezes apenas aparece o quadro na televisão e ninguém fala o que lá se passa e nós cegos totais ficamos sem saber o que vai acontecer quanto ao tempo naquele dia." P59
			"descrição sintética"	"Se forem exibidas imagens, deverá haver descrição sintética das mesmas; se houver passagem de opiniões, emitidas noutros idiomas, deverão ser traduzidos; no caso da intervenção de indivíduos, identificados pelo nome escrito, deveria ser indicado, para que se possa saber de quem se trata; ao exibir gráficos, terão que ser devidamente explicados, para que seja possível a sua compreensão." P46
			"descrição daquilo que aparece na imagem"	"Uma descrição daquilo que aparece na imagem, pelo menos em linhas gerais e no caso de informação como a temperatura na previsão do tempo, a mínima e a máxima em cada distrito." P49
		Tempo	Mais lentidão nas reportagens	"Passar a reportagem mais lenta(...)" P50

ANEXO 15 - ANÁLISE DE CONTEÚDO - ENTREVISTAS

TABELA - REFERENTE A VIABILIDADE DO USO DE AUDIODESCRIÇÃO NOS TEXTOS JORNALÍSTICOS

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores / Unidades de registro	Unidades de contexto
Produção de telejornalismo acessível a pessoas com deficiência visual	Uso de técnicas de Audiodescrição em telejornais	Vantagens do uso das técnicas	"pode ajudar o jornalista a ser mais verdadeiro" "todo jornalismo ser audiodescritivo" "podemos usar as técnicas"	"A audiodescrição pode ajudar o jornalista a ser um pouco mais verdadeiro e a ocupar-se daquilo que realmente interessa, desde que ele utilize mesmo as técnicas da audiodescrição" JN
				"Todo o jornalismo ser audiodescritivo na partida e não só para a pessoa cega." JN
				"É uma boa técnica para qualquer pessoa, para jornalistas, apresentadores da previsão do tempo, para qualquer pessoa que faça parte do meio visual." JS
		Importância da audiodescrição	"Não dá pra pensar mais" "É muito importante que os profissionais tivessem essa noção"	"Sim podemos usar as técnicas de audiodescrição no texto jornalístico, antes ou depois." JN
				"Não dá pra pensar mais no jornalismo sem audiodescrição. Na verdade ele é o que é mais renegado, mas talvez seja o mais importante." EF
				"O pensamento é pensar acessibilidade desde o início incluída no jornalismo." EF
"É muito importante que os profissionais do jornalismo tivessem essa noção do que é o recurso para poderem incluir nas suas falas e				

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores / Unidades de registro	Unidades de contexto
				suas matérias elementos mais descritivos que permitam que a pessoa cega se contextualize muito mais e a pessoa que enxerga também consiga compreender o conteúdo e perceber detalhes que sem essa explicação, essa narrativa misturada com descrição ela vai permitir isso." LM
		Feita por Jornalistas	"próprio jornalista inserir" "pode inserir em sua fala"	"O próprio profissional jornalista inserir, isso seria formidável." LM "As matérias gravadas por exemplo, poderiam rapidamente fazer a inserção da audiodescrição e além disso o jornalista, o apresentador, o âncora, pode inserir em sua fala elementos descritivos que permitam essa ampliação do entendimento" LM
		Importância do profissional audiodescritor	"como se todo jornalista fosse audiodescritor" "ninguém imagina o trabalho que o audiodescritor tem" "imprescindível a figura do audiodescritor"	"profissional da audiodescrição porque o torna invisível. E como se todo jornalista fosse audiodescritor, porque ninguém imagina o trabalho que tem na audiodescrição por mais simples que seja a audiodescrição de um noticiário por mais simples que seja porque o mais importante é a notícia. A parte da audiodescrição é importante também. E eu não sei se jornalista vai estar afim de colocar mais essa tarefa..." EF

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores / Unidades de registro	Unidades de contexto
				"Eu acho imprescindível a figura do audiodescritor. Porque o jornalista tem uma função." EF
		Função do audiodescritor	"função do audiodescritor profissional" "cada um te sua função" "é uma preocupação de um outro profissional" "é uma preocupação de um outro profissional" "tem um audiodescritor desde o início na equipe"	<p>"Eu não acho que essa é a função do jornalista, é a função do audiodescritor profissional." EF</p> <p>É claro que ele pode ser mais descritivo no que ele vai falar, mas eu acho que é uma outra preocupação de um outro profissional que vai complementar as informações que ele está dando." EF</p> <p>"Eu não acho que isso deve ser preocupação do jornalista." EF</p> <p>"Cada um tem a sua função. O ideal seria ter um mediador e um audiodescritor. Assim como eu vejo o jornalista que está fazendo uma coisa ao vivo e o audiodescritor" EF</p> <p>"Você tem um audiodescritor desde o início na sua equipe. Ele tá acompanhando, ele tem que saber o que está acontecendo e como a coisa é feita e como ela vai ser transmitida no ar." EF</p>
		Invisibilidade do audiodescritor	"importante dar visibilidade"	"É importante dar visibilidade, porque quando a gente dá visibilidade a gente entende que a acessibilidade é necessária." EF
		Respeito as regras do jornalismo	"grandes autoridades"	"Não podemos chegar como grandes autoridades da audiodescrição dizendo como as

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores / Unidades de registro	Unidades de contexto
				coisas tem que ser e não é assim que as coisas funcionam." LS

ANEXO 16 - ANÁLISE DE CONTEÚDO ENTREVISTA

TABELA 2 - REFERENTE AOS ITENS PRIORITÁRIOS PARA A DESCRIÇÃO DE IMAGEM ACESSÍVEL A PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores / Unidades de registro	Unidades de contexto
Produção de telejornalismo acessível a pessoas com deficiência visual	Como tornar os textos jornalísticos mais descritivos	Respeito aos princípios básicos da audiodescrição	"quanto menos palavras" "unidades descritivas pequenas" "complementar aquilo que foi falado" "construção imagética"	"Um jornalista vai falar "mais isso é surpreendente", se eles inserisse nesse surpreende os argumentos que provocam nele essa sensação de surpresa de maravilhamento, seria muito mais importante e relevante." LM
				" A respeito da audiodescrição, quanto menos palavras, melhor." JS
				"Se a audiodescrição for inserida, as unidades descritivas terão que ser pequenas para não sobrepor as falas em off." LM
				" (...) preocupação de complementar aquilo que não foi falado." LM
				" (...) princípios, são os mesmos. Você não vai resumir, você não vai interpretar e não vai antecipar." EF
				" (...) fornecer elementos que permitam essa construção imagética." LM
		Respeito aos elementos norteadores	"elementos norteadores" "descrever, não explicar"	"Poderia discutir e formatar uma coisa que seja específica, sempre com essa preocupação dos elementos norteadores da audiodescrição: o que, quem, onde, quando, como." LM "Escrita descritiva"

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores / Unidades de registro	Unidades de contexto
				significa descrever, não explicar. Nós mostramos, não explanamos." JS
		Possibilidades e formas de fazer	"mais acessível" "linguagem descritiva ao enfatizar algo visual" "dizer o que está na imagem através da fala dos outros"	"Se tem um segundo de informação, tem que ter um segundo de audiodescrição." EF
				"Acho que cada vez que o jornalista pensar em mencionar um "veja isso", "na imagem do cinegrafista amador" ou "como você pode ver", ali merece uma inserção de audiodescrição." LS
				Não vai descrever o entrevistado, mas vai mencionar o nome. Ou seja, são informações que tornam aquilo mais acessível.
				"A norma é só um ponto de partida, não é o ponto de chegada." EF
				"Por que não usar esse tempo para se referir diretamente para o que se está apontando? Ou seja, use linguagem descritiva em situações nas quais quer enfatizar algo visual." JS
				"Quando a pessoa respira, você aproveita para inserir a AD ali naquela hora. Então eu acho que você precisa mais do que uma precisão cirúrgica, você tem que achar o jeito de dizer o que está na imagem através das falas dos outros." LP
		Trabalho em conjunto do audiodescritor com o jornalista	"dialogar com o jornalista"	" Ele (o audiodescritor) tem que saber lidar com esse imediatismo e dialogar com esse jornalista que vai fazer a matéria ou com o apresentador (...) a única coisa que poderia ser modificada é dar um pouco de

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores / Unidades de registro	Unidades de contexto
				tempo a mais nessas notícias para que o audiodescritor tenha voz (...) para audiodescrever essa notícia." EF
		Consultoria de um audiodescritor	"consultoria"	"Isso tem que ter uma consultoria de um audiodescritor." EF
		Audiodescritor na equipe	"audiodescritor junto"	" E talvez um audiodescritor junto porque se houver detalhes visuais importantes que aquele jornalista não deu conta, ele vai dar conta." EF

ANEXO 17 - ANÁLISE DE CONTEÚDO ENTREVISTAS

TABELA 3 - REFERENTE ÀS SUGESTÕES E REFLEXÕES SOBRE OUTRAS MUDANÇAS IMPORTANTES PARA A PRODUÇÃO DE UM TELEJORNALISMO ACESSÍVEL

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores / Unidades de registro	Unidades de contexto
Produção de telejornalismo acessível a pessoas com deficiência visual	Soluções para produções mais acessíveis	Mudar no fazer jornalístico	"logo a partida" "materiais acessíveis" "mudar a concepção do jornalismo para TV"	"Logo a partida, o jornalista a desenhar a sua notícia, pensa logo na questão da audiodescrição" JN
				"Pessoas que trabalham em algum meio de comunicação se tivessem alguma base de audiodescrição poderiam estar deixando seus materiais minimamente acessíveis." LS
				"A audiodescrição está sendo redundante se e até quando for levada em consideração essa regra e enquanto existir essa regra a audiodescrição não vai tá na fala dos jornalistas, o buraco é mais embaixo, o que tem que mudar é a concepção do jornalismo para TV." LS
		Adaptação	"adaptar as normas"	"Adaptar as normas ao formato jornalístico."EF
Formação	incluída na disciplina"(2x) "ter essa formação" (2x)	"A gente só vai avançar ainda mais nas questões de acessibilidade, quando nas faculdades, nos cursos de licenciatura, for incluída uma disciplina que trate da questão da acessibilidade." LM		
		"Acho que seria fundamental em vários cursos universitários uma disciplina de audiodescrição, ou melhor, de acessibilidade no geral." LS		

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores / Unidades de registro	Unidades de contexto
				"Os jornalistas tem que ter uma formação. Aliás eu acho que qualquer um tem que ter a formação. Porque você sempre comunica para todas as pessoas, com deficiência ou não. Você tem que partir do princípio de que seu público é vasto." EF
				"Jornalista tem que saber porque a audiodescrição é importante, para que ela serve."EF
				"Todo mundo que trabalha junto precisa ter essa formação mínima para saber com que tá lidando. E eu acho que é uma formação importante pro jornalista apenas para eles lidarem com o profissional da audiodescrição, não para se tornarem audiodescritores." EF
				"A solução é treinar os estudantes de jornalismo" LP
				"Jornalistas (...) seriam muito melhores se estudassem descrição e estudassem os conceitos da objetividade no uso da língua. Eu acho que isso contribuiria para o jornalismo, e contribuiria para a melhora da comunicação." JS
		Sensibilização à inclusão	"jornalismo sensível à inclusão" "conscientização dos jornalistas"	"Mas isso na formação, deixamos de ter o audiodescritor para ter um jornalismo sensível a inclusão." JN
				"Falta acima de tudo uma conscientização dos jornalistas sobre a necessidade disso e a partir disso revisar o próprio fazer." LS
" (...) é mais uma mudança muito estrutural e muito profunda no pensamento". LS				

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores / Unidades de registro	Unidades de contexto
				" (...) é a sensibilização para a necessidade. E isso é a base de tudo." LP
				" (...) as outras áreas precisam ver a utilidade da audiodescrição." EF
		Visibilidade	"construção de uma visibilidade"	"Acredito que, certamente, a maioria dos jornalistas nunca ouviu falar da ideia de audiodescrição e seus conceitos. Grande parte dos produtores de filmes e de TV nunca ouviram falar sobre isso. Precisamos fazer muito mais na construção de uma visibilidade. E, ao tomarem conhecimento do assunto, talvez se coloquem abertos a abarcar alguns desses conceitos, nos próprios trabalhos." JS